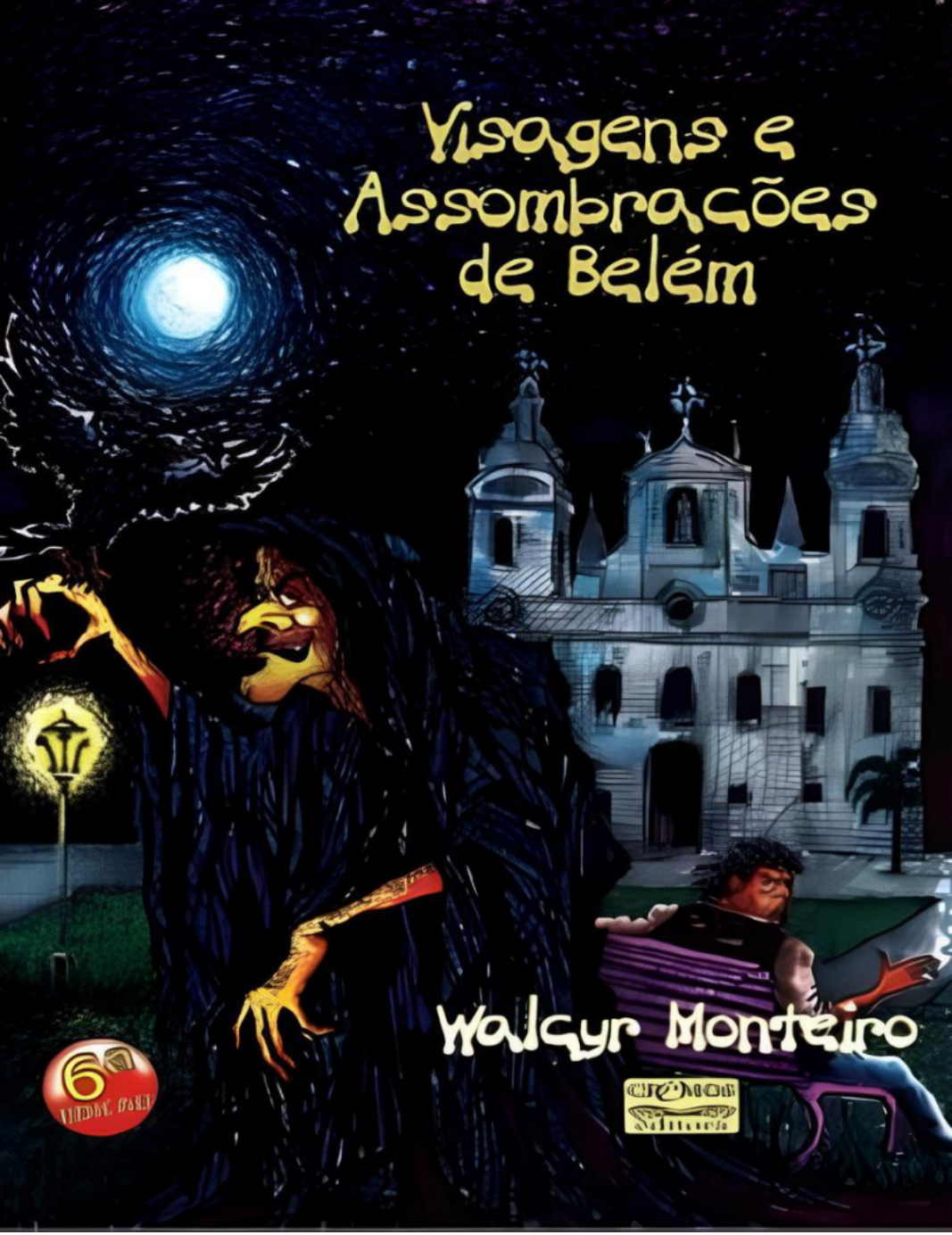

Visagens e Assombrações de Belém
Walcyr Monteiro

Folha de rosto

Walcyr Monteiro
Visagens e Assombrações de Belém

Belém, 3ª edição, BASA,
SEMEC/MOVA, 2000.

Walcyr Monteiro
Visagens e Assombrações de Belém 3ª edição, revista e atualizada
PMB SEMEC MOVA

Banco da Amazônia S.A.
BELÉM - PA
2000

1ª edição: 1985 - Gráfica Falângola
2ª edição: 1993 - edições CEJUP
Copyright by Walcyr Monteiro.

Ilustrações: João Bento (capa)
Márcio Pinho (histórias)
Editoração Eletrônica: Augusto Henrique.
Revisão: Paulo Corrêa
Impressão: Banco da Amazônia S.A.
Correspondências: Caixa Postal 1563 - Belém-PA
CEP: 66017-970
Fone: (0x91) 222-3384
e-mail: walcyr@supridad.com.br
Monteiro, Walcyr.
Visagens e Assombrações de Belém / Walcyr Monteiro. - 3ª ed. Belém: Banco da Amazônia S.A. - Basa, 2000.
308 p.

Fantasmas. 2. Folclore. Pará I, Título.

CDD 398.4709151

Notas sobre a digitalização

Este livro foi digitalizado por @Some_p2 com a finalidade de preservação da cultura e memória belenense-amazônica, renunciando e renegando todo e qualquer fim lucrativo.

A presente versão foi convertida em arquivo EPUB com base em dois arquivos em PDF encontrados na web: uma *scan* da 4ª edição carregada no *slideshare.net* por *@Edinaanacostasarmen*, e uma descrição do livro elaborada por Lourival Ferreira do Nascimento e corrigida por Isabel Conceição Marques, disponibilizada em formato digital em julho de 2006 para o uso exclusivo de deficientes visuais.

Para unir todo o texto fragmentado que estava em PDF, utilizei inteligência artificial para remover quebras de linha, marcações de páginas e descrições de imagens, sempre me atentando para não modificar de maneira alguma o conteúdo do material original. Tentei respeitar ao máximo sua pontuação, parágrafos e termos para deixar essa versão o mais próxima possível do livro físico.

As figuras – sejam elas ilustrações, fotos ou os recortes de jornais – foram digitalizados e tratados para tornar a experiência o mais próxima possível de ler o livro. Todas elas foram retiradas do *scan* da quarta edição. Já a capa, pertence à 6ª edição do livro, foi retirada da *web* e teve qualidade melhorada com IA. Isso ocorreu porque não obtive bons resultados com a capa escaneada, optando por uma versão com melhor qualidade.

Eu tenho noção que o trabalho de conversão não ficou perfeito (provavelmente alguma coisa do material original se perdeu e ainda existem erros que passaram despercebido), mas espero que meu trabalho ajude a preservar a cultura popular amazônica e impacte positivamente a vida das pessoas.

Boa leitura!

Prefácio

O inventário das manifestações folclóricas na Amazônia ainda está longe de se realizar de forma completa e acabada. O que se conhece, atualmente, é um registro esparso de eventos populares em locais determinados, a maior parte coletada sem respaldo metodológico, o que inviabiliza a aferição da intensidade desses fenômenos no contexto da sociedade regional. Por outro lado, as populações urbanas e interioranas da Amazônia oferecem perspectivas teóricas interessantíssimas para estudo, visto que esses grupamentos surgiram — e continuam a surgir — em função de condições específicas de localização e economia, formando verdadeiras zonas ecológicas e ecossistemas complexos subdivididos em microáreas.

Essas zonas possuem, por excelência, um centro urbano na sede do município, onde se concentram os serviços de governo, comércio e religião. Entretanto, outros conjuntos podem servir de centro comunitário, como vilas, postos missionários, serrarias, barracões de castanha ou borracha e zonas de garimpo. Ligados a esses centros, existem grupamentos humanos que integram a comunidade de forma plena, sejam casas ao longo de rios e estradas, grandes fazendas ou colônias agrícolas. Os residentes dessas vizinhanças mantêm relações íntimas e um forte sentimento de solidariedade, constituindo subunidades que, embora distinguíveis, inter-relacionam-se com o centro urbano. Hoje, a presença de veículos de comunicação de massa, como rádio e televisão, alcançou esses locais, pondo fim ao seu isolamento cultural.

Somente nos dias atuais o estudo da cultura popular deixou de ser feito por amadores — que visavam apenas a descrição do exótico e do extravagante — para realizar-se sob critérios rigorosamente científicos. Nessas abordagens contemporâneas, a investigação do evento popular é tratada como objeto de pesquisa patrocinada por instituições de ciência e conduzida por profissionais das ciências sociais. Demonstra-se, assim, que a cultura popular não é um saber estanque, mas um conjunto de representações simbólicas de camadas populacionais sem pleno acesso à cultura erudita. Como bem afirma Eunice Durham, o folclore constitui um sistema de representações que exprimem um modo de vida particular e interpretam a realidade social e o ambiente geográfico; os elementos do passado só persistem enquanto integrados em sistemas que expressam realidades presentes.

O livro de Walcyr Monteiro, Visagens e Assombrações de Belém, é um exemplo fidedigno desta perspectiva. Fruto de um longo trabalho de campo ordenado por metodologia científica, a obra evita "martelar" dados para encaixá-los em sistemas prontos, focando na permanência de histórias fantásticas na mentalidade mágica de segmentos da população de Belém. O autor divide sua monografia em cinco partes: a coletânea de contos; a descrição do Culto das Almas; o estudo histórico e econômico da área de

pesquisa; a análise dos eventos registrados e, por fim, as conclusões que nunca se afastam das expressões dominantes da vivência regional, como o domínio da água e da floresta.

Não é surpresa a elaboração deste livro, dado que acompanhamos a trajetória intelectual de Walcyr Monteiro desde sua formação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará. Profundamente honesto e de seriedade científica invulgar, este trabalho tem servido de suporte bibliográfico para diversos ensaios sobre a religiosidade popular na Amazônia. Trata-se de uma excelente contribuição a um dos temas mais ricos da temática folclórica regional: as crendices e superstições que permanecem vivas tanto no interior quanto no próprio espaço metropolitano da Amazônia.

Agradecimentos

Aos que, como eu, amam a Amazônia!

Aos professores e estudantes, aos jovens e a todos aqueles que lutam pela valorização, preservação e divulgação da Cultura Amazônica!

Ao meu filho Enorê - representando a geração do 3º Milênio - na certeza de que manterão a Amazônia e sua Cultura como a recebemos de nossos antepassados!

Walcyr Monteiro

Apresentação – à terceira edição (2000)

"Belém, cidade *civilizé*, não escapa à fascinação do sobrenatural. Não há menino que deixe de ouvir estórias fantásticas, transmitidas pelas amas, empregadas domésticas, geralmente pessoas vindas do interior do Estado, onde sobrevive, intensa, a tradição oral dessas lendas. Mesmo sob o impacto de outros valores culturais que hoje se manifestam na cidade, conseqüência da aproximação no espaço geográfico e no tempo social com povos e instituições, aproximação efetuada pelo avião, o rádio, a televisão, o jornal — ainda persistem as estórias sobrenaturais na mente do povo".

(Leandro Tocantins, à Santa Maria de Belém do Grão Pará).

O presente trabalho seguiu um longo percurso. Quando iniciei a publicação de histórias de visagens e assombrações de Belém, em 1972, no jornal "A Província do Pará", visava tão somente à preservação de um traço cultural que estava fadado ao desaparecimento. A aceitação por parte do público foi muito grande, o que se pode constatar pelas cartas recebidas, quer estimulando, quer com a narração de novos casos, quer finalmente sugerindo a reunião das histórias em livro. E era o que pretendia fazer: reunir as histórias em única publicação, permitindo aos mais novos conhecerem e aos mais velhos recordarem o que se contava e transmitia oralmente.

Coube ao professor Napoleão Figueiredo, titular de Antropologia Cultural da UFPA e pesquisador do Museu Emílio Goeldi, incentivar-me a ampliar o trabalho, com uma parte interpretativa, e, após, colaborar, quer colocando sua biblioteca particular à nossa disposição, quer com críticas e sugestões, não sendo, porém responsável pelas possíveis falhas ou omissões ou ainda conceitos emitidos pelo autor.

Pode-se, pois, notar dois diferentes estilos ao longo do presente trabalho: o primeiro, narrativo e que diz respeito às histórias propriamente ditas, e que constitui a primeira parte do trabalho; o segundo, que abrange da descrição do Culto das Almas às conclusões, já procura ser mais interpretativo e, em conseqüência, mais "seco".

Concluído em 1972, foi editado somente em 1986, graças ao então secretário de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, Acyr Castro, a quem reitero agradecimentos. Novamente recebeu aceitação popular, levando a edição a esgotar-se rapidamente. Textos das "visagens" ou o próprio livro foram utilizados por professores universitários e de escolas de ensino fundamental e médio, bem como foram igualmente republicados por outros jornais. E chegaram-me pedidos de uma 2ª edição, que foi publicada pela Cejup (leia-se Gengis Freire) em 1993, desde 1998 também esgotada. Era pensamento meu atualizar os dados relativos principalmente ao Distrito de Belém, a área da pesquisa. Mas, tanto para a 2ª como para a presente edição,

numerosas pessoas solicitaram para que não houvesse alterações, sob a justificativa de que, mantendo os dados publicados inicialmente, estaria mantendo a "imagem", o retrato de Belém do início da década de 70. Aceitei a sugestão e são poucas as modificações havidas nesta 3ª edição, a maior parte de caráter revisivo em relação a falhas existentes nas edições anteriores, visto que o autor não as revisou, embora conste o contrário.

Bem, mas vamos ao trabalho propriamente dito, que tem como objetivo o estudo das crenças em visagens e assombrações, bem como o Culto das Almas consideradas milagrosas pelo povo de Belém do Pará.

A coleta das histórias foi realizada de 1969 a 1972, embora algumas das histórias tenham sido ouvidas durante a infância do autor. Dezenas e dezenas de contos foram reunidos, selecionando-se 25 dos mais representativos.

A pesquisa relativa ao Culto das Almas foi realizada de 1971 a 1972. As fotos são também do autor, sendo, porém, duas delas, as relativas ao Culto das Almas em Umbanda, cedidas pelo professor Arthur Napoleão Figueiredo, e duas outras pelo fotógrafo Ary Souza. As que não são de minha autoria estarão indicadas.

O trabalho está dividido em cinco partes: a primeira é a coletânea dos contos relativos a visagens e assombrações; a segunda é a descrição do Culto das Almas; a terceira é a área objeto de pesquisa (Distrito de Belém), na qual se faz uma síntese histórica e mostra-se a sua importância político-econômica na Região Amazônica (relativa a 1972); a quarta constitui uma primeira abordagem de interpretação dos fenômenos; a quinta são as conclusões a que chegou o autor. A elas somam-se documentário fotográfico e anexos, relativos ao Culto das Almas e notas de jornais.

Embora haja uma vasta bibliografia sobre mitos e crenças amazônicos, trabalhos com áreas delimitadas só existem (ou melhor, só existiam em 1972) praticamente dois: o de Eduardo Galvão (Santos e Visagens) em Itá, e de Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino e Silva (Festa de Santo e Encantados) no Alto Cairari. Estes serviram de base do autor para fazer correlações com as crenças encontradas em Belém.

O autor agradece a todos os informantes e pessoas que colaboraram direta ou indiretamente e muito particularmente à senhora Maria das Graças Carmona Marques e senhoritas Olga Gatti e Arietti Araújo, que datilografaram os originais; a Olavo Santana, que desenhou os mapas e a João Carlos Gama, que os redesenhou; a Cláudio Augusto Sá Leal e José Maria Moraes, pela revelação e cópia das fotografias; ao professor Arthur Napoleão Figueiredo, a quem presto minhas homenagens póstumas, pelo auxílio e contribuição à Antropologia Cultural.

Agradeço também aos desenhistas João Bento e Márcio Pinho, a Augusto Henrique, a Paulo Corrêa e ao Banco da Amazônia S.A. (Basa), através de sua presidente Flora Valladares Coelho, que patrocinou esta 3ª edição.

Ah! Não podia deixar de mencionar que o livro serviu de tema para a Associação Carnavalesca Mocidade Botafoguense em 1998, sagrando-se esta vice-campeã; foi fonte de pesquisa para o filme Lendas Amazônicas; foi utilizado como livro-texto em inúmeros colégios, bem como foi radiofonizado e utilizado para representações teatrais. Por tudo isto, muito agradeço, e, principalmente, a você, que lê e divulga este trabalho e, com ele, a nossa Cultura Amazônica.

Walcyr Monteiro

Índice

Folha de rosto
Notas sobre a digitalização
Prefácio
Agradecimentos
Apresentação – à terceira edição (2000)
Visagens e Assombrações
- A porca do Reduto
- A Matinta Perera do Acampamento
- O Lobisomem da Pedreira
- O Homúnculo do Largo da Sé
- A Matinta Pereira da Pedreira
- A Mãe D'Água do Igarapé de São Joaquim
- Morada de Caboclo
- O Estranho Cliente do Dr. X
- As Ilhas Encantadas do Marajó
- O "Pai-de-Santo" do Jurunas
- O Fantasma Erótico da Soledade
- Noivado Sobrenatural
- Encontro na Praça
- A moça sem face
- O Espectro e a Botija
- Receitas e Operações Sobrenaturais
- O Fantasma do Hirondelle
- O Cruzeiro do Telégrafo
- Aparições do Parque
- A ponte do Igarapé das Almas
- Procissão das Almas
- O Grito dos Lenhadores da Pedreira
- A Moça do Táxi
- Aposta Macabra
- O Carro Assombrado

O culto das almas
- O culto
- Almas mais milagrosas
- As orações
  - Orações de caráter geral
  - Orações de caráter individual
  - Pedidos por escrito
  - Correntes
- As promessas
- O Comércio
- Culto das almas em Umbanda

Belém - Área de pesquisa
Síntese histórica
Evolução política
Evolução socioeconômica
Belém atual
Localização
Uma abordagem interpretativa
Doutrinadores das visagens e assombrações
Aspectos econômicos
Conclusões
Documentário Fotográfico
Anexo I – Oração das almas e orações individuais
Anexo II – Notícias extraídas de jornais sobre Visagens e Assombrações em Belém
Misteriosas pedradas atemorizam conjunto residencial da COOHATUBE
O Estranho caso
Vigilante nada viu
Alma penada avisou "Maria Pongá" sobre a morte do ex-amante
Bibliografia
Referências bibliográficas segundo ordem de citação no texto
Bibliografia complementar

Belém – 1972

Um bairro qualquer. A conversa seguia animada em frente a casa. Os pais dos jovens haviam saído e eles aproveitaram para reunir toda a vizinhança defronte. Cadeiras haviam sido colocadas, e os que não as conseguiram faziam de assento o muro, que, sendo baixo, para isto se prestava; outros sentavam, mesmo, no chão, e a conversa ia desde as próximas provas até a quadra junina, que já estava perto. Os diálogos se entrechocavam e, rapazes e moças, cada qual procurando chamar a atenção sobre si, falavam ora das médias altas ou baixas nesta ou naquela matéria, ora no traje a estrear nas festas caipiras de Santo Antônio, São João ou São Pedro.

De repente, Ana Maria precisa ir "lá dentro". Sônia, que é da casa, a acompanha. E entram as duas. Na porta, a conversa continua animada. De repente, o grito! Todos se levantam, acorrem, ficam alvoroçados. E depois vem a explicação:

— Quando ia saindo da "casinha", vi um vulto que parecia que vinha na minha direção...

— Ora, foi impressão sua! — diz Gustavo, o mais valente da turma.

— Foi nada! Vi sim! Parecia que queria me agarrar...

— Não foi nada, não...

— Olhe — diz Paulo, o mais antigo morador do bairro — dizem que esta casa era mal-assombrada. Sabe lá se...

— Deixe disto. Foi impressão de Ana, que é medrosa por natureza...

— Não! Sabe? Uma vez, lá em casa, a luz apagou sozinha. Pensei que era defeito no interruptor, mas que nada! Foi assombração, mesmo!

— Por isso que a gente deve rezar sempre pelas almas penadas. Assim elas descansam em paz e não ficam fazendo visagem por aí.

— Mamãe, toda segunda-feira, vai ao Cemitério da Soledade fazer a novena das almas. Tudo o que ela quer, ela consegue! Ela tem uma fé na Raimundinha Picanço...

— Mas olhem! Vocês já ouviram a história da Matinta Perera do Acampamento?

— Mais esta, agora! Onde já se viu? Falar em Matinta Perera no interior, ainda vá lá. Mas aqui em Belém...

— Tem mesmo, viu? Ouçam aí...

E tem início narrações de uma série de histórias de visagens e assombrações em toda a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará. O fato, gerado em uma conversa familiar defronte de uma casa, poderia também ser numa esquina, durante uma conversa sobre futebol ou num bar, ingerindo umas doses de cana com limão, tirando gosto com um peixe frito, geralmente

uma pratiqueira...

Acompanhemos as histórias que são contadas...

Ouçamo-las!

Visagens e Assombrações

A porca do Reduto

O bairro do Reduto é, decerto, um dos mais antigos de Belém. E também um dos mais cheios de histórias e mitos, principalmente por ter como limite o famoso e discutido Igarapé das Almas. Aliás, ex-Igarapé, visto agora estar transformado em canal. Desde o seu nome é discutido: Igarapé das Armas ou das Almas? Diz-se que as duas expressões são válidas. A primeira é atribuída ao fato de, já nos fins da Cabanagem, um grupo de cabanos haver escondido neste Igarapé suas armas, na fuga que então empreenderam. E o nome ficou Igarapé das Armas, até o dia em que habitantes das redondezas afirmaram ter visto espíritos de cabanos falecidos vaguearem atrás das armas escondidas. Daí em diante, Igarapé das Almas. Esta dualidade de nomes já levou nossos historiadores a baterem cabeça. Mas, como aqui se trata de histórias e lendas e não de História, o que interessa é que, sendo das Armas ou das Almas, o famoso Igarapé sempre serviu para comentários medrosos ou histórias fantásticas. Aqui vai mais uma delas.

Sem precisar a época, mas com certeza há muitos anos, quando Belém era uma cidade provinciana, com racionamento de luz, transportes precários e as famílias colocavam cadeiras nas calçadas, conta-se que as pessoas que moravam à rua 28 de Setembro ficavam assustadas todas as noites com um fato estranho: cerca das 22 horas, uma porca de tamanho considerável saía em desabalada carreira da Praça Magalhães até o Igarapé das Almas (sempre o Igarapé). Famílias residentes naquela rua, no trecho citado, estavam despreocupadamente conversando, quando, de repente, o ruído de uma carreira esquisita interrompia a conversa: era a porca na sua corrida cotidiana. Alguns moradores não se preocupavam, porém outros, mais curiosos, procuraram saber quem era o proprietário do animal.

Pergunta daqui, pergunta dacolá e... nada! Parecia que a porca não tinha dono. O mais interessante é que, toda vez que chegava ao Igarapé, a porca misteriosamente desaparecia. Pensavam uns: meteu-se no mato! Mas outros começaram a achar que ali tinha "dente de coelho". Outro fato suspeito era a presença de uma velhota que ninguém conhecia no bairro, mas, diariamente, ia do Igarapé das Almas para a Praça Magalhães, permanecendo a maior parte do dia a vaguear pela Praça.

A correria da porca começou a incomodar de tal forma certos moradores, que alguns sugeriram matá-la, visto não aparecer seu dono. E assim se organizou uma turma disposta a liquidar com a vivência do suíno. Todas as noites o pessoal se reunia com um arsenal improvisado: porretes, estacas, pedras, paralelepípedos, enfim, tudo valia para pôr fim à vida da porca. Então, a partir daí, quem morava no itinerário do animal passava a assistir espetáculo inédito: a caça de uma porca em plena cidade, isto além das 10 horas da noite.

Porém, ou porque a porca fosse muito ligeira ou porque seus perseguidores

fossem muito lentos, o fato é que a caçada durou muitos dias. E toda noite era a vozeria da molecada, aos gritos de “mata” e “pega” acompanhando os atiradores de paus, pedras e de outras armas improvisadas. E depois a vaia recíproca, uns culpando os outros pelo fato de a porca ter escapado...!

Mas... um dia, finalmente, acertaram em cheio a cabeça da porca, em lugar próximo ao Igarapé das Almas. Esta parou, cambaleou, logo todos se puseram a dar pauladas e pedradas, num autêntico linchamento. A porca morreu, e o fato foi comentado até tarde pelos “heróis” da noite! No dia seguinte, os “bravos” combatentes da porca acorreram ao local de sua morte e... oh! Surpresa! A porca havia desaparecido, mas, no mesmo lugar em que havia caído, estava a velhota misteriosa, morta, toda ferida, como se tivesse sido atingida por pedras e paus...

Há quem diga que a velhota era a porca ou vice-versa; há os que acham que tudo não passa de imaginação. Mas, quando se colocava em dúvida o fato, sempre havia um velho morador para afirmar:

— É, meu amigo, você não viveu aquela época e nem viu a porca. Se você a visse, não duvidaria que ela tinha parte com o Diabo...!

A Matinta Perera do Acampamento

Matinta Perera ou Mat-taperê é personagem mitológico por demais conhecido no interior amazônida. Todos já ouviram falar do misterioso pássaro que dá assobios assemelhados ao seu nome, sempre à noite, e só pára quando lhe prometem tabaco. E, no dia seguinte, pela manhã, aparece uma velhota solicitando o prometido...

Metamorfose de gente em bicho (ou vice-versa) ou simplesmente esperteza de quem sabe aproveitar a crença regional? De qualquer forma, sempre há um Matinta perera nos interiores da Amazônia e, em alguns lugares, pode-se até mesmo identificar quem é...

À medida que o progresso vai chegando, e as aldeias se transformando em vilas e estas em cidades, tais personagens se afastam... É como se fossem inimigos do progresso e do desenvolvimento. Onde estes chegam, aqueles se retiram para lugares menos habitados...

Por isso mesmo causa surpresa o fato narrado pelas jovens Maria de Belém e Oscarina Vasconcelos. Segundo as mesmas, um destes personagens morava (ou mora) em Belém.

Corria certo ano da década de 60. No Acampamento, próximo à rua Nova, os moradores andavam inquietos. Todas as noites, após às 12 badaladas, ouviam-se assobios estridentes de Matinta Perera. Procuravam por toda parte e nada do incômodo pássaro.

Os assobios continuaram até o dia em que certa dona de casa mais o proprietário da sede onde funciona o clube Estrela Negra resolveram esclarecer o mistério e tirar tudo a limpo. Consultaram pessoa entendida e, certa noite, após os preparativos exigidos, de posse de uma tesoura virgem, uma chave e um terço, colocaram o plano em prática.

Cerca de meia-noite abriram a tesoura, enterraram-na no quintal, no meio desta, a chave, e por cima delas o terço. Após tal ritual, fizeram diversas orações e esperaram dentro da casa.

Lá pelas 4 horas, ouviram o formidável ronco de um porco, que se debatia no quintal, próximo à tesoura e acessórios. (A uma pergunta para as informantes se Matinta Perera não era apenas um pássaro, responderam que Matinta Perera se transforma no que quiser, conforme sua vontade, que por sinal é muito instável: pode ser um porco, uma galinha ou qualquer outro animal determinado apenas pela direção de seu desejo no momento).

Mas, apesar dos roncos de porco, ninguém quis olhar o que era. Apesar da Matinta Perera estar "presa" pela "fórmula" colocada no quintal, ninguém devia ver, até o momento da transformação.

Ao amanhecer, logo após às 6 horas, todos correram ao local. No quintal, no meio da lama, bastante suja, estava uma mulher, que não conseguia

afastar-se do lugar. Seguraram a mulher, desenterraram a tesoura, tiraram a chave e o terço e, após isto, chamaram guardas-civis a quem entregaram a mulher.

Esta foi levada para o Posto Policial da Pedreira, acompanhada de um grande número de pessoas. E, ao responsável pelo Posto, foi feita a terrível acusação: ela "vira" Matinta Perera! Ouvida, a mulher disse não ter parentes e morar no bairro do Jurunas e não saber do que a acusavam. E, como não é configurado como crime "virar" Matinta Perera, após a turba haver se desfeito, soltaram a mulher que seguiu seu rumo. Apenas, no Acampamento, à noite, continuavam a ouvir os assobios estridentes da Matinta Perera... Diziam os mais crentes:

— É ela, a desgraçada. Está se vingando do que lhe fizemos...!

O Lobisomem da Pedreira

Sabemos dos poderes sobrenaturais da Matinta Perera: a mulher que é Matinta pode transformar-se em pássaro, emitindo, nestas ocasiões, um agudo assobio assemelhado ao seu nome, ou ainda nos animais que bem entender, dando preferência, porém, ao suíno... Entretanto, em porcos também se transformam os Lobisomens, que, não sendo originários da Amazônia, aqui encontraram a possibilidade de metamorfosear-se, também, em porcos e não só em lobos, como seu nome sugere, e como acontece em outras plagas... Na verdade, cria-se aí um problema: o porco, enquanto em sua forma de porco, como distinguir se é Matinta ou Lobisomem? A resposta é dada pelo sexo do animal: se for do sexo feminino, é Matinta Perera; se for do sexo masculino, é Lobisomem...

Via de regra, tais seres estão pagando faltas cometidas, daí as horríveis transformações! Mas também pode ser outra coisa... pode ser um pacto com o Demônio que é geralmente feito por homens — que entregam, sexta-feira, numa encruzilhada, seu sangue (e com o sangue, sua alma) ao Diabo — para ter sorte no jogo ou felicidade no amor... Isto explicaria a sorte extraordinária de certos indivíduos no carteado ou ainda o fato de homens feios, horrorosos mesmo, serem amados tão apaixonadamente por lindas donzelas... Mas, às sextas-feiras, quando se aproxima a meia-noite, o preço da sorte é pago... e vem a transformação em Lobisomem...

"Gostava de andar sozinho pelas ruas do bairro da Pedreira, principalmente em noite de lua cheia. Era meio esquisito, o rapaz: cor parda, estatura média, cabelos castanho-escuros, crespos, falava baixo e nunca encarava as pessoas o que o tornava mais esquisito, porém, era uma mancha preta que tinha na testa e que, começando na raíz dos cabelos estendia-se até chegar aos olhos, e também os dentes irregulares numa grande boca de grossos lábios".

Este seria o retrato que poderia ser tirado do personagem desta história, afirma Guapindaia Assu de Moraes, nosso informante, e prossegue a narração. Naquele ano de 1946, um dos muitos clubes da Pedreira preparava seus craques para o campeonato de dom que seria realizado no mês de agosto. Esperando fazer boa figura, ou melhor, ser campeão, o clube testava quantos aparecessem, selecionando os melhores. E com isto os salões enchiam todas as noites, quando as duplas se distribuíam pelas mesas, sempre cercadas dos infalíveis "olheiros" e "perus", tendo sobre si os olhares vigilantes e a supervisão dos diretores. Estes selecionavam as duplas, faziam a chamada dos candidatos, viam se os cartões de inscrição estavam em ordem e, cronômetro à mão, mandavam fossem as partidas iniciadas. Sentados à parte, estavam os candidatos que aguardavam a chamada para disputar uma vaga na representação do clube; ansiosos, esperavam nervosamente ouvir seus nomes para ir à mesa de jogo.

Enquanto isto, lá fora, a lua cheia daquela sexta-feira passeava tranqüilamente em seu itinerário pelo céu, transformando a noite em dia prateado. Os galos, ao longe, cantavam, e o salão permanecia cheio, desesperando Termelindo, sócio-contínuo, que pedia desesperadamente para se apressarem, pois tinha de trabalhar no dia seguinte. Atendendo as ponderações de Termelindo, os diretores resolveram fazer a última chamada da noite, que estava quase ao meio. Entre os disputantes, estava o rapaz da mancha na testa.

Identificou-se, sentando à mesa de jogo, bastante nervoso, consultando constantemente o relógio. Pensavam que seu estado era devido à disputa e que olhava o relógio com receio de não dar tempo para jogar. Mas o caso era muito diferente... Em

dado momento, repentinamente, debruçou-se à mesa; parceiro, adversários, "olheiros" e "perus", todos esperando pela sua jogada e... nada! Continuava debruçado. E começou a tremer, a tremer, a tremer... e espumava... aos poucos, seu físico foi se transformando, enquanto emitia estranhos sons, misto de ronco de porco e guinchos de animal acuado... e levantou a cabeça!

Todos recuaram horrorizados, enquanto parceiro mais adversários levantavam-se como se por raios fossem impelidos... Lá estava o companheiro de jogo: os olhos saltavam e faiscavam, os dentes haviam crescido, parecendo presas, os cabelos desciam de sua testa através do sinal escuro, as mãos metamorfosearam-se em garras... Numa espécie de "salve-se quem puder", os freqüentadores abandonavam apressadamente a sede do clube, derrubando mesas e cadeiras, saltando janelas, espremendo-se pela porta... E o estranho ser emitiu um rugido aterrador, disparando porta afora, em direção ao mato que crescia mais adiante.

Termelindo, o sócio-contínuo do clube, que era cunhado de Guapindaia, ao lhe contar a história, afirmou:

— Foi uma coisa horrível... o homem transformou-se em lobisomem em nossa frente... uma coisa horrível...!

O Homúnculo do Largo da Sé

Existem nomes de ruas e praças de Belém que, apesar de há muito tempo se terem modificado, ainda é o antigo nome que prevalece. Assim, fala-se em São Jerônimo para Governador José Malcher, Tito Franco em vez de Almirante Barroso, Largo da Pólvora em vez de Praça da República etc. Alguns desses nomes começam a ser aceitos pela população; outros, ao contrário, continuam arraigados na mente popular.

Tal é o caso do Largo da Sé. Falando em Praça Frei Caetano Brandão, alguns relutam antes de localizá-la. Mas, se dissermos "Largo da Sé", a associação com o local é feita imediatamente.

Localizado no bairro-origem da cidade, o Largo da Sé é palco de algumas histórias fantásticas, que vão desde o aparecimento de estranhos personagens nas cercanias da velha Catedral, até ao fato, contado por muitos antigos habitantes da cidade, de que existe enorme cobra sob Belém, cuja cabeça estaria bem abaixo da Catedral e a cauda sob a Basílica de Nazaré. Diz a lenda que o dia em que tal cobra sair de seu repouso, a cidade se desmoronará e será tragada pelas águas da Baía do Guajará... A crença na lenda é tão aceita por certos habitantes que, durante o tremor de terra verificado na madrugada do dia 12 de janeiro de 1970, não faltou quem dissesse que a cobra estava se mexendo e afirmasse, medrosamente, que era uma demonstração daquilo que muitos não queriam acreditar...

Em verdade, talvez o receio do lugar prenda-se ao fato de se ter conhecimento que os Tupinambá aí residiam e naturalmente aí enterravam seus mortos, como também o devem ter feito os primeiros colonizadores com aqueles que não se podia enterrar nas igrejas. Sim, porque era costume da época os sepultamentos serem realizados nos templos religiosos e somente os escravos e os condenados à morte ali não podiam descansar seus restos mortais. Tal prática, apesar de proibida em 1801 pelo então regente D. João, foi desobedecida em Belém até 1850, quando houve a epidemia de febre amarela. Portanto, da fundação da cidade até esta data, muitos foram os sepultados na Catedral. Isto tudo, naturalmente, para os menos e também os mais corajosos...

Certa noite, na década de 50, José, após ter tomado as três "cubas-libre", dirigia-se a pé para o bairro da Cidade Velha, local de sua residência. Ia do Ver-o-Peso e, ao passar próximo ao Largo da Sé, experimentou a sensação de estar sendo observado. Parou, olhou para todos os lados e não viu ninguém. Continuou novamente a caminhar e viu-se obrigado a parar de novo, sob aquela estranha sensação. José começou a sentir medo, um medo progressivo que foi se tornando um pavor, ao ouvir um ruído proveniente de dentro de um bueiro próximo donde se encontrava.

— São ratos, pensou.

Ia continuar, mas o ruído aumentou. Era alguma coisa de diferente, que não podia ser produzida por ratos, por maiores que fossem. José quis investigar, mas a sensação que sentia de estar sendo observado, ao mesmo tempo que não via ninguém, fez com que virasse as costas ao bueiro e pensasse em sumir dali. Foi neste instante que aconteceu. No momento em que se virou, ouviu um ruído maior no bueiro e, quando ia voltar-se, sentiu-se agarrado.

Um pequeno ser, de forma humana, o havia segurado pelos braços, impedindo-lhe os movimentos, inclusive de andar. Eram verdadeiros tenazes que o imobilizavam. Horrorizado, totalmente sem poder mexer-se, José pôde ainda olhar e verificar que quem o prendia era totalmente coberto de pêlos, dos pés à cabeça. Suas mãos mais pareciam garras. José soltou um grito enregelante no meio da noite e, simultaneamente, tentou desvencilhar-se do inominável agressor.

O homenzinho peludo começou então a bater-lhe e arranhar-lhe, enquanto José gritava cada vez mais alto, pedindo socorro.

Janelas começaram a abrir-se, alguns populares acorreram, e, ante sua aproximação, o Homúnculo soltou José, enfiando-se novamente dentro do bueiro. Ao sentir-se solto, José perdeu o equilíbrio e caiu. A esta altura, a luminosidade provinda das casas já clareava o local, e os populares cercaram José.

— Que aconteceu?

Sem conseguir falar, José apontava para o bueiro. Ninguém entendeu. Entreolharam-se e fizeram novas perguntas. Gaguejando, José, já em pé, falou da agressão do Homúnculo e do retorno deste ao bueiro. Uma lanterna foi providenciada e focaram dentro do bueiro. Nada. Novamente os populares se entreolharam e olharam para José. Sentiram seu hálito das "cubas" que havia ingerido.

— Olhe, meu amigo, vá curtir sua caspana em casa. Chega de estar assustando os outros com estes gritos alta noite. Vá p'ra casa, vá descansar.

— Mas... que é que vocês estão pensando? Eu não estou "coçado", juro! Tomei só três doses. Juro que fui agredido por um homenzinho peludo que saiu de dentro do esgoto e pra lá saltou quando vocês se aproximaram. Juro por Deus, dou minha palavra de honra! Olhem como estou marcado!

E José apontava as marcas que tinha no corpo, produzidas pelas pancadas e arranhões do Homúnculo. Mas os populares não lhe acreditaram! Olharam divertidos para José, dizendo que ele não tinha visto nada, que tinha sido "ela", a "cana"; que os arranhões tinham sido provocados pela queda que

havia levado; aliás, quando chegaram, José ainda estava no chão.

— Vá, vá, rapaz, vá embora. O que você precisa é de um bom sono.

Alguns se ofereceram para deixar José em casa. Os protestos do rapaz de nada adiantaram. Ninguém lhe dava crédito. José evitou contar o caso mesmo aos seus amigos. Sempre achavam que tinha sido impressão sua, que estava bêbado etc. Daí por diante, José evitou andar à noite sozinho. E nunca passava perto de bueiros e esgotos. Principalmente os próximos ao Largo da Sé.

A Matinta Pereira da Pedreira

- Firifififiuuuu...!

Na década de 30, parte do bairro da Pedreira ainda era mato e pântanos, cenário este provocado pela região de baixada daquela área. Quem ali residisse ou passasse à noite ouviria o inconfundível assobio da Matinta Perera...

- Firifififiuuuu...!

Os moradores perguntavam entre si o que desejaria a Matinta pelas redondezas.

- Será que ela quer tabaco?

- De mim não leva nada! Se chatear muito, dou-lhe um tiro!

- Não se deve desejar mal a ela. Já basta sua sina. Matinta é alma penada...

- Pois que vá cumprir suas penas mais adiante e não venha perturbar com seus assobios...!

Como se não tomasse conhecimento do que sobre si comentavam, a Matinta Perera continuava suas rondas noturnas, segundo alguns, apenas para ganhar tabaco, segundo outros, cumprindo seu destino de alma penada...

- Firifififiiiuuu...!

Guapindaia Assu de Moraes morava nas imediações e conta o que se passou consigo mesmo e uma certa vizinha, a Velha Mariana.

Quem morasse nas ruas ou travessas Marquês de Herval, Curuzu, Antonio Baena, Visconde de Inhaúma conhecia Velha Mariana. Diziam que já fora pessoa de muitos recursos materiais, muito rica mesmo, durante a Áurea Fase da Borracha. Depois, com o surgimento da borracha asiática, quando o produto amazônico entrou em declínio, também declinou a fortuna da Velha Mariana, até ficar reduzida à humilde casinha naquele recanto de Belém, conhecido como Bacabal. Ali, na travessa Antonio Baena, entre Marquês de Herval e Visconde de Inhaúma, ficava sua casa, triste morada para quem conhecera o esplendor...

Velha Mariana era alta, cor branca, cabelos compridos, totalmente brancos, nariz adunco como bico de ave de rapina; andava em passos curtos, curvada para a frente, falava baixo e não olhava as pessoas de frente; jamais falou sobre sua procedência e parecia não gostar de relembrar seus tempos de riqueza.

Era conhecida "benzedeira" de qualquer doença.

Sua casinha possuía apenas dois compartimentos; sala e quarto; era coberta de palhas de ubuçu, paredes embarreadas e chão socado. Na sala localizava-se o "congá" (espécie de altar) com diversas imagens misturadas com adornos esquisitos, tais como rosários de contas pretas e vermelhas, potes, panelas e

alguidares de barro hermeticamente fechados com toalhas coloridas e nem sempre limpas e ossos que nunca se soube se eram humanos ou de animais, além de velas de cores diversas.

Velha Mariana morava só e passava os dias trancada em casa, cozinhando sempre alguma coisa que nunca se sabia o que era e acondicionando-a nos recipientes. Quando, indiscretamente, olhavam pelo buraco da fechadura, viam-na dançando e cantando toadas que não eram bem entendidas...

As noites do perímetro continuavam sendo visitadas pela Matinta Perera.

- Firifififiiiuuu...!

- Arre! Mas será que ela não vai nos deixar em paz?

D. Jacinta, mãe de Guapindaia, gostava de Velha Mariana, a quem respeitava; mandava-lhe sempre alguma coisa para comer, e Velha Mariana retribuía a estas atenções com uma afeição especial pela sua família, particularmente pela própria D. Jacinta e por Guapindaia, que era o portador dos quitutes. E uma vez a benzedeira disse ao rapaz:

- Olhe, Guapindaia, você não deve andar por aí altas horas da noite!

- Ora, D. Mariana, nada pode me acontecer. Dizem que tem Matinta Perera, que aliás é o que mais ouço, mas ela não me preocupa e acho que nem eu a ela.

- Muito bem, muito bem! Matinta Perera não faz mal a ninguém e muito menos a você, pois ela é sua amiga.

Após o diálogo, Guapindaia ficou a pensar: - Como é que Velha Mariana sabia que andava altas horas da noite? Por outro lado, muitas vezes acontecia de percorrer o itinerário da Marquês de Herval, regressando de farras, e nestes momentos ouvia o inconfundível assobio da Matinta Perera:

- Firifififiiiuuu...!

E este assobio terminava lá para os lados da esquina com a Antonio Baena, justo onde ficava a casa da Velha Mariana...

Guapindaia, depois de muito meditar, chegou à terrível conclusão: a Matinta Perera e a Velha Mariana eram um mesmo ser. A certeza absoluta ele veio ter alguns dias mais tarde.

Os quintais das casas da Marquês de Herval, da Curuzu e da Antonio Baena confinavam-se, sem que houvesse cercados separando-os. D. Jacinta mandou Guapindaia dormir no quarto dos fundos da casa e deu-lhe a chave, a fim de não ter de levantar para abrir a porta, quando ele chegasse tarde da noite. Assim, quando regressava, entrava por um terreno baldio que havia na Curuzu e que terminava no terreno da sua casa, que, por coincidência, também confinava com o quintal da Velha Mariana.

E, certa noite... Guapindaia ainda guarda na memória o ocorrido... quando atravessou a encruzilhada que delimitava os quintais, ouviu o assobio da

Matinta Perera, que vinha do lado da esquina do Chaco com a Marquês de Herval.

- Firifififiiiuuu!

E o assobio veio aumentando de intensidade.

- Firifififiiiuuu...!

Aumentou... aumentou... aumentou... até tornar-se forte e estridente.

- Firifififiiiuuu...!

Guapindaia ficou paralisado. E sentiu por sobre sua cabeça o farfalhar de asas, tal como um pequeno tufão, movimentando as folhas das árvores próximas pelo deslocamento de ar provocado. Guapindaia, pregado ao solo como se raízes tivesse criado, viu o estranho pássaro tomar o rumo do quintal da Velha Mariana...

Pouco depois, as luzes da casa da benzedeira acenderam-se, e surge Velha Mariana, penteando-se e olhando tristemente para a lua, cuja luz espraiava-se pelo velho bairro da Pedreira...

A Mãe D'Água do Igarapé de São Joaquim

Há muitos anos atrás, o bairro do Souza e áreas adjacentes eram considerados locais campestres e que serviam a pic-nics e fins de semana "fora da cidade". Quase todo coberto de mata, em alguns trechos semi-virgens, tinha a cortá-lo apenas a avenida Tito Franco (atualmente Almirante Barroso), àquela altura conhecida popularmente como estrada do Souza. Alguns poucos casebres o pontilhavam, indicando as raras pessoas que ali habitavam, cuja maior parte era constituída de carvoeiros e lavadeiras.

Numa das poucas casas existentes residia D. Anita, a nossa informante, que àquela altura era ainda mocinha. Quadra invernosa, dessas que é uma das raras ocasiões em que o paraense sente frio. Apesar disto, as pessoas de sua casa deveriam lavar roupa e "bater" algumas redes no Igarapé de São Joaquim, afluente do Igarapé do Una. Anita acompanhou-as, seguindo por uma trilha no mato. Os ramos das árvores e arbustos batiam-lhes nas roupas, molhando-as; seus pés afundavam, ora nas folhas encharcadas, ora na lama, provocando reclamações das mais velhas. Para Anita, sua irmã e suas colegas da mesma idade, era até um divertimento.

Quando chegaram ao Igarapé, enquanto as senhoras cuidavam da roupa, Anita e suas colegas adentraram o mato à procura de flores silvestres. E nesta brincadeira demoraram algum tempo. Ao regressarem, uma das senhoras perguntou:

— Ó Anita, por onde andaste? E para que queres essas flores?

Anita gracejou: — Estou andando pelo mato para colher flores para a Mãe d'água deste Igarapé. A senhora não sabe que hoje é aniversário dela? E o que lhe ofertarei, senão as flores?

E ato contínuo subiu o Igarapé até a cabeceira. Ali, arremedando um ritual, levantou as flores silvestres em atitude de oferenda.

— Mãe d'água, trouxe-lhe estas flores como presente...

Dizendo isto, jogou-as no Igarapé. As flores acompanharam a correnteza, e as mocinhas - agora apenas Anita e sua irmã - seguiram-nas. Na brincadeira, correndo sempre pelo leito do Igarapé, Anita acabou caindo. Neste trecho, a corrente um pouco mais forte obrigou Anita a se debater com as águas, até conseguir acocorar-se. As senhoras, que a tudo assistiram, mandaram que saísse imediatamente de dentro d'água.

Ao levantar-se, parou. E permaneceu estática. Olhava, sem conseguir tirar a vista, para um determinado ponto do Igarapé. Ali estava uma cobra coral, vermelha, com os traços brancos e pretos como todas as cobras corais, só que, em cima da cabeça, ela tinha... uma cruz branca! Enquanto Anita se recuperava e procurava sair do Igarapé, sua irmã soltava um grito. Olharam-na. Uma folha das árvores próximas caíra sobre sua cabeça, porém a moça queixava-se que havia sido atingida por violenta pedrada.

— Não foi, não! Foi apenas a folha que te tocou a cabeça.

— Vocês viram que eu gritei. Se tivesse sido uma folha de árvore, não teria doído tanto!

— Que nada! Além do mais, quem iria te jogar uma pedra? E por quê? Não tem ninguém aqui!

— O certo é que fui atingida na cabeça e por alguma coisa bastante pesada... O que terá sido?

— Foi impressão. Vamos embora, que já terminamos o que viemos fazer.

E puseram-se a caminho. Durante o regresso, as senhoras chamaram a atenção das mocinhas para não brincarem da maneira que haviam feito.

— A gente não deve nunca mexer com estas coisas. Cada lugar tem seu dono e, se a gente respeita, está tudo bem. Mas, se irritá-los, eles podem muito bem malinar. Tu, Anita, não tinhas nada que estar com aquela história de aniversário da Mãe d'Água do Igarapé. E ainda vai se pôr a dar flores, fazendo graça. Queira Deus nada te aconteça...! Aquela cobra coral com a cruz branca na cabeça bem pode ser um aviso. Nunca mais faz isto, viu?

Mas Anita não respondeu. Ela já não se sentia bem, o corpo parecia que estava ardendo. E estava mesmo. Ao chegar em casa, tanto ela como a irmã estavam com febre alta. Após a ingestão de remédios caseiros, ela e a irmã dormiram. Altas horas da noite acordaram sobressaltadas, sentindo-se esquisitas e, sem saber por que, estavam com medo. Era aquela estranha sensação de estarem sendo observadas. Olharam ao redor. Nada viram; porém, quando suas vistas alcançaram o telhado, viram duas enormes cobras que, fitando-as, escorregavam para as redes em que estavam. O ecoar de seus gritos quebrou o silêncio noturno. Seus familiares acorreram. Uma lamparina foi providenciada, porém não encontraram as cobras e nem mesmo as viram.

Anita e a irmã tiveram que ir a "experientes[1]" até que uma finalmente as curou: tinham ficado assombradas pela Mãe d'Água do Igarapé de São Joaquim... E, desde aí, Anita passou a respeitar não somente a Mãe d'Água daquele Igarapé, como também a todos os "donos" dos demais igarapés, furos, paranás, rios, lagos e de outros acidentes geográficos da Amazônia.

Morada de Caboclo

Quem na Amazônia ainda não ouviu falar nas propriedades sobrenaturais dos tajás? Quem desconhece seu maravilhoso poder de defender a casa na qual está plantado? Os tajás, nome popular dado aos tinhorões, são plantas herbáceas, da família das Araceas, do gênero Caladium, que ocorrem no Brasil. Segundo a Enciclopédia Mérito, existem várias espécies, sendo uma das principais a *Caladium Bicolor (leni)*, que é muito apreciada para jardins e possui cerca de 38 formas cultivadas. Afirma, ainda, que tal espécie é muito utilizada em medicina popular, sendo o decocto das folhas aconselhado para gargarejos contra anginas e dor de dentes; o suco das folhas é purgativo, porém os tubérculos são considerados venenosos, sendo indicados contra bicheiras, úlceras e feridas diversas. Entre as muitas espécies são mais cultivados os tajás Rio Negro, Rio Branco, Aranha Rica e Cala Boca.

Dizem que, regando-se o tajá com água de carne (água em que a carne foi lavada) e oferecendo-lhe umas doses de aguardente, ele fica "curado", ou seja, um caboclo (caboclo aqui entendido como espírito de um índio) passa a residir no tajá, defendendo a casa e os seus moradores contra possíveis incursões de ladrões ou de quem tente fazer qualquer mal. Para algumas pessoas, deve-se regar o tajá todos os dias, para outras, às terças e sextas-feiras, para outras, finalmente, apenas às sextas-feiras. O tajá preferido para a defesa é o Rio Negro. Afirmam, mesmo, que o caboclo que ali faz sua residência assobia próximo à meia-noite, para avisar de sua presença vigilante. A crença vai além: quando algo maléfico de muito poder é feito contra os moradores da casa — ou mesmo apenas contra um — que o caboclo residente do tajá não pode "cortar" sem se prejudicar, o tajá-residência seca, morrendo, mas não deixando seus protegidos serem atingidos. Não são poucas as pessoas em Belém que cultivam tajás...

O narrador desta história, Walter de Souza Moreira, fez questão de frisar que "é neutro no assunto". Na passagem São Silvestre (bairro da Cremação), residia uma senhora conhecida como Tia Nair, cujo hábito era colecionar as várias espécies de tajás. Em frente à sua casa, existia um belo exemplar do tajá Rio Negro, exposto em um vaso de barro, pintado de azul e colocado quase junto à porta da entrada principal da casa. Se alguém se aproximava muito do vaso, era advertido:

— Cuidado, saia daí! Não mexa no meu tajá, que ele é "curado"!

Numa noite enluarada, a turma de Walter reuniu-se em frente à mercearia na esquina da passagem São Silvestre com a avenida Alcindo Cacela para o costumeiro bate-papo. Da turma fazia parte um rapazola de seus 16 anos, metido a saber mais que todo mundo. Bolota — este era o seu apelido, por ser gordo e desengonçado — procurava humilhar os colegas com perguntas de almanaque, tentava paquerar as garotas dos colegas, e, não raras vezes, discussões transformaram-se em brigas provocadas pelo rapaz. Por todas essas

razões, e outras ainda, Bolota era antipatizado e malquerido pela turma de rapazes do bairro. Certo dia...

— Então, vamos ao cinema amanhã?

— Prefiro o futebol! E amanhã jogam Remo e Paissandu num amistoso! O diabo é que as finanças não vão bem.

— Ih, rapaz! Repara quem vem aí!

— Puxa vida! É o Bolota.

— Vamos disfarçar: olha, ninguém fala do programa para amanhã.

O rapaz aproximou-se:

— Olá, meu! Que cara é essa?

— Olha, Bolota, vê se não chateia. Hoje o dia foi negro para mim.

— Mas... taí! E o que é que eu tenho com isto?

— Cuidado, Bolota, que a barra pode pesar para teu lado.

Bolota, sem incomodar-se com o que disse Baixinho, tirou o lenço do bolso, colocou-o no chão e sentou-se.

— Mas sim, o que estávamos falando? Eu acho que é verdade: foi a "tesoura" da rua que contou — disse um dos rapazes, como se estivesse continuando uma conversa, piscando para os amigos, que ficaram logo imaginando tratar-se de uma brincadeira com Bolota.

— E tu acreditas?

— Não sei. Acho que não.

— Acredita em quê? — Perguntou Bolota, intrometendo-se na conversa.

— Na tua coragem, Bolota!

— E vocês estavam falando de mim, é?

— Estávamos sim, e daí?

— Espera aí, pera aí! É o seguinte, Bolota: eu e Tonhão apostamos que não és capaz de ir à casa de Tia Nair e trazer o vaso que ela tem na porta da casa, aquele que tem o tajá Rio Negro...

— E eu, o que ganho com isto?

— Cada um dá um cruzeiro, certo, turma?

Os rapazes responderam em coro, imaginando o Bolota sair correndo com umas vassouradas nas costas, dadas pela Tia Nair. Bolota imediatamente levantou-se, guardou o lenço no bolso e dirigiu-se para a passagem, que estava iluminada precariamente pelos raios da lua, parcialmente encoberta por nuvens. O rapaz desapareceu em direção à casa de Tia Nair, enquanto os colegas antegozavam a cena. Olharam o relógio: 23:45 horas. De repente, a conversa parou, e o silêncio tornou-se pesado. E daí a minutos, os gritos apavorados de Bolota:

— Socorro! Socorro!

Os rapazes, vendo que seus gritos não podiam ser de medo de Tia Nair, levantaram-se. Mas, antes que acorressem em seu auxílio, chega Bolota, cansado da pequena carreira, para sua compleição obesa, suando frio.

— Um homem! Um homem apavorante! Venham, vamos lá.

Todos reunidos foram ao local, pensando tratar-se de um ladrão. Mas nada viram de anormal. Um dos rapazes, que portava uma lanterna, focou-na direção da casa de Tia Nair. A luz bateu em cheio no tajá Rio Negro. Mas Bolota exclamava:

— Não é possível! Ele estava aqui, agora mesmo.

E contou que, ao aproximar-se da casa de Tia Nair, quando ia segurar o vaso, viu-se frente a frente com um gigantesco caboclo de olhos flamejantes. Os rapazes olharam o tajá Rio Negro com certo receio, enquanto Bolota, tremendo, dizia:

— Mas ele estava aqui ainda agora! Não podia ter sumido.

Tia Nair, no dia seguinte, ao saber do ocorrido, franziu a testa e, satisfeita, disse:

— Bem feito! Quem mandou bulir com a planta alheia? E logo com o meu tajá curado...

Depois deste fato, quem passava altas horas da noite em frente à casa de Tia Nair não olhava para o vaso de barro pintado de azul onde vegetava o tajá Rio Negro, cujas enormes folhas balançavam ao vento, porque temia, de um momento para o outro, encontrar o gigantesco caboclo de olhos flamejantes... E Walter de Souza Moreira concluiu a narrativa dizendo que na era da automação, dos grandes circuitos eletrônicos, das comunicações via satélite, das viagens espaciais, o belenense ainda confiava cegamente, para defendê-lo e a sua residência, nos caboclos de olhos flamejantes, que fazem sua morada num tajá Rio Negro...!

O Estranho Cliente do Dr. X

Início do século XX. Belém ainda vivia os dias da Áurea Fase da Borracha. E, com isto, tinha se modernizado bastante para a época: energia elétrica substituindo os velhos lampiões a gás, bondes elétricos substituindo os que eram puxados a burros, serviço de água e rede de esgotos, sem falar no cais do porto, cuja construção se realizou no governo de Augusto Montenegro. Época de luzes e esbanjamento, quando era mais fácil para o amazônida conhecer a Europa do que o Sul do País. Foi mais ou menos neste período que o Dr. X (desconhecemos o nome verdadeiro, daí utilizarmos X), um dos mais eminentes médicos paraenses da época, viveu estranha aventura.

Cerca de 23 horas. O Dr. X, após exaustivo dia de trabalho, cedo havia se recolhido para repousar. Já dormia, quando, insistentemente, batem à porta. "Bem, médico é médico", pensou, "e naturalmente deve ser algum caso bastante grave". Levantou-se, abriu a porta e perguntou o que o seu importuno visitante desejava.

— Preciso de seus préstimos, Dr.. É um caso urgente: parto. A criança está para nascer, porém deve ter havido alguma complicação, e a parturiente não tem nenhuma assistência à altura do caso.

— E onde é, moço? — insistiu o médico.

— Bem, Dr., apesar da urgência e da precisão do senhor, quero estabelecer duas condições. Se aceitar, creia que será muito bem remunerado. Em caso contrário...

O médico, estranhando a situação em que estava, e mais o estranho pedido do cliente, que simplesmente desejava seus serviços com urgência e ainda queria impor condições, sentiu-se curioso.

— E quais são as condições?

— Bem, primeiro: o senhor não deve fazer perguntas de natureza nenhuma, ou melhor, não faça perguntas; segundo: o senhor deverá acompanhar-me, ida e volta, de olhos vendados.

— Mas... isto é um absurdo! Afinal, sou médico e tenho minha ética profissional. Seja lá quais forem os seus segredos, eu não tenho nenhum interesse em revelá-los a quem quer que seja!

— Bem, Dr! As condições são estas. Se o senhor não pode, basta dizer-me, para que tome outras providências. Se quer vir, apresse-se que a parturiente deve estar passando maus momentos, com contrações violentas, e a criança sem poder nascer.

Atraído pelo ineditismo do caso e curioso para saber o que ia acontecer, o Dr. X respondeu pela afirmativa. Sim, ele ia. Entrou, apanhou seus instrumentos profissionais, trocou de roupa e saiu. Ao chegar à porta, onde o estranho o esperava, falou:

— Estou pronto. Para onde vamos?

— Deixe-me colocar-lhe a venda nos olhos.

— Mas...

— O senhor aceitou minhas condições.

— Sim, está bem. Mas, é que...

— Dr., pode crer que o senhor está em boas mãos. Nada de mal lhe acontecerá. Confie em mim.

Ante à última frase, dita em tom suplicante, o Dr. X capitulou. Colocada a venda, o Dr. ouviu um estalar de dedos e em seguida um tropel de cavalos de coche (espécie de carruagem da época). O coche estava parado a meio quarteirão e, ante ao sinal convencionado, aproximou-se. Parou diante dos dois. O médico, auxiliado pelo estranho, subiu ao coche. O Dr. X morava ali pelo bairro da Campina, às proximidades da Padre Eutíquio. Não podia ver o rumo que o coche tomava, entretanto, seu sentido de direção dizia-lhe que o veículo estava dando voltas para despistá-lo. Mas não demorou muito e logo dirigiu-se em linha reta, ao que o Dr. X pensou ser o cais do porto.

De repente, o coche parou. O médico assustou-se: naquelas imediações não morava ninguém, logo, o que poderia fazer ali? Ouviu a voz do estranho:

— Vamos descer, Dr..

— Onde estamos?

— Lembre-se das condições, Dr.: nenhuma pergunta.

O médico desceu do coche, e, depois de uns passos, o estranho advertiu:

— Atenção! Vamos agora descer uma escada.

O Dr. X estava cada vez mais convicto de que estava no cais do porto e que a escada que ia descer não era outra senão a do armazém nº 4. À medida que começou a descer a escada, mais sua convicção aumentou. Se já estava assustado antes, agora começava a sentir pavor e a se arrepender de ter aceito tal proposta. Tentou acalmar-se, pensando que iam tomar uma embarcação. Porém, refletiu, para onde? "Por mais perto que seja o lugar, se tivermos de navegar, ao chegarmos, de nada mais servirei para a parturiente". Quis perguntar, mas lembrou-se do pacto. Sentiu seus pés molharem-se e confirmou o que pensara sobre o cais do porto.

— Mas — pensou — será possível que querem matar-me afogado? Eu não tenho inimigos, nunca fiz mal a ninguém. Que será que pretendem fazer comigo?

E não mais contendo-se, dirigiu-se ao seu acompanhante:

— Ei, amigo, onde estamos? Estou sentindo meus pés molhados! Que história é essa, afinal?

— Não se preocupe, está tudo bem. Quanto aos seus pés, é apenas

impressão sua, o que verá em seguida. Já estamos chegando.

E ao dizer isto, segurou o Dr. X pelo braço. O médico sentiu assim como se deslizasse no espaço. Não se pode falar em voar: na época faziam-se os primeiros experimentos com balão mais pesado que o ar. Apenas que o espaço sentido pelo médico era líquido. Esta sensação durou poucos minutos e novamente o Dr. X sentiu seus pés em terra firme. Em seguida, um ligeiro toque numa porta, e sentiu-se no interior de um prédio. Caminhou vários passos e notou que várias portas eram sucessivamente abertas para darem passagem. Durante todo o tempo o seu acompanhante mantinha-se em insuportável silêncio, o que contribuía para mais assustar o Dr. X.

Entrou no que pensou ser um compartimento, e, atrás de si, fecharam a porta, fazendo-o parar também. Afinal, tiraram-lhe a venda. E o Dr. deparou-se com um luxuosíssimo quarto, muito bem decorado, apenas em estilo completamente diferente de tudo o que conhecia. Não pôde demorar-se muito nas observações, pois a paciente esperava por ele. Porém, nova surpresa: deitada, em posição ginecológica, estava coberta do ventre para cima, inclusive a cabeça. O Dr. X não sabia mais o que pensar! Achava tudo tão estranho: a partir disto, sentia alguma coisa diferente no pouco que tinha visto, conquanto não soubesse bem o que era. Deixaria para pensar depois. Colocou-se a trabalhar. O caso não era tão difícil: apenas um estreitamento da bacia.

No quarto, além da parturiente, do médico, do seu acompanhante, havia apenas uma mulher, que mantinha um véu sobre o rosto. Durante todo o trabalho de parto, apenas ligeiros gemidos de sua paciente. O Dr. X pensou que estava ficando louco. Tão logo a criança nasceu, realizada a assistência à parturiente, o Dr. X fez recomendações ao seu acompanhante. Este limitou-se a dizer:

— O resto agora é conosco, Dr.. O senhor agora pode voltar. Diga-me quanto lhe devo.

— Bem, foi um prazer ajudá-los. Não quero pagamento nenhum. Desejo apenas que me leve de volta.

— Isso será feito, já. Quanto ao senhor não querer receber pagamento, é muita gentileza de sua parte. Tratarei disto eu mesmo, depois. E agora, se me permite...

E, enquanto dizia isto, encaminhou-se para o médico a fim de colocar-lhe a venda. O Dr. X ainda olhou em torno, tentando verificar o que tinha achado diferente: apenas notou um teto muito alto, artisticamente elaborado, paredes no mesmo estilo, objetos de porcelana, candelabros à vela, (aliás, toda a iluminação do quarto era à vela e azeite) e... nada mais conseguiu ver! A venda fora novamente colocada. As mesmas sensações da viagem de vinda foram sentidas. Sentiu-se novamente na escada com aquela impressão de estar molhado. Entretanto, tal como havia acontecido antes (quando chegou ao quarto para fazer o parto), ao chegar ao último degrau da escada, verificou que

estava seco.

Novamente o coche, novamente as voltas pela cidade. Finalmente o coche parou. O Dr. X desceu juntamente com seu companheiro.

— Bem, Dr., meus mais sinceros agradecimentos... Gostaria que não relatasse o fato a ninguém. Aqui está seu pagamento (e colocou uma sacola de couro nas mãos do médico). Muito obrigado de novo. Adeus!

O Dr. X quis protestar, devolver a sacola, mas somente ouviu o tropel dos cavalos do coche. Tirou rapidamente a venda e apenas viu as sombras do coche desaparecerem na noite. Entrou. Já no seu quarto, abriu a pequena sacola de couro: dobrões espanhóis de ouro, do século XVII. Seu espanto já não tinha limites. Foi quando os associou ao quarto em que estava: o que tinha achado tão diferente tinha sido o estilo muito antigo do prédio. Como não conhecia arquitetura e muito menos estilos, não saberia precisar a data. Mas, com certeza, era bastante antigo. Lembrou-se, também, dos trajes dos personagens, aliás, somente dois — homem e mulher (visto que a parturiente estava coberta com um lençol) — e só então verificou que tais roupas deveriam já ter saído da moda há muito tempo.

Mas o Dr. X não pôde pensar. Cansado como estava, embora intrigado com tudo, dormiu. Ao acordar, muito tarde, na manhã seguinte, o Dr. X achou muito engraçado o sonho que tivera. Para ele, tudo não passara de um sonho.

— Mas a gente sonha tanta tolice!

Porém, quando levantou-se, seus olhos pararam sobre a mesinha da cabeceira: lá estava a sacola de couro, da qual saíam alguns dobrões de ouro, como a mostrar-lhe que sua estranha aventura, longe de sonho, tinha sido insofismável realidade...

As Ilhas Encantadas do Marajó

O informante de "O Estranho Cliente do Dr. X" fez mais duas narrativas que, segundo ele, têm ligação direta com o local onde possivelmente foi o médico. Disse que há cerca de 10 anos, mais ou menos, a convite de um amigo, realizou uma viagem ao Marajó. Saíram de Belém em canoa movida à vela até alcançarem a parte Oriental da ilha. Aí, saltaram próximo à foz do rio Camará, no atual município de Salvaterra.

— A paisagem local impressionou-me deveras. As poucas vezes que saí de Belém ou foi para o Mosqueiro ou para Salinas, de modo que tudo para mim, ali, era novidade. Já lera alguma coisa em livros de geografia, bem como ouvira o professor falar em sala de aula a respeito de mangues ou mangais. Mas, uma coisa é ler ou ouvir e outra é ver. As descrições orais ou escritas não pintavam nem de longe o que estava vendo: próximo à praia, estendendo-se por muitas centenas de metros, lá estavam os famosos mangais. Não nego que à primeira vista fiquei assustado. Cerca de 18 horas e começava a escurecer, o que dava um ar tristonho ao local. Se o crepúsculo em si tem grande dosagem de nostalgia, naquele trecho do Marajó garanto que tem muito mais.

Porém, como dizia, o mangal se estendia por centenas de metros. Era uma área lamacenta, e as árvores apresentavam-se desfolhadas e com as raízes à mostra. Seus galhos pareciam imensos braços a querer agarrar os que lhe passassem nas proximidades. O quadro parecia até um desses desenhos de revistas de terror. Embora assustado, como estivesse entusiasmado com meu primeiro passeio ao interior paraense, caminhei à frente, por onde me indicaram o rumo que deveríamos seguir. Foi quando ouvi um ruído estranho, como nunca tinha ouvido na vida. Uma espécie de "paisssssssssss...", porém alto, apavorante. Parei. O ruído parou, também. Voltei a caminhar e novamente o "psisssssssssssss...!" Tornei a parar e esperei pelos meus companheiros, dois amigos de Belém e três caboclos do local. Os amigos já conheciam o Marajó e vinham rindo de mim. Fiquei mais calmo, pois verifiquei que não devia ser nada a temer. O problema é que, por mais que olhasse, não via nada. No entanto, se dava uns passos à frente, o ruído recomeçava.

Então eles me mostraram o que era: caracas, aos milhões, seguras às raízes das árvores. Aproximei-me e verifiquei que a caraca era uma espécie de molusco parasita, com forma de um pequeno vulcão, cuja cratera ficava aberta e, à aproximação de qualquer coisa, fechava, dando um pequeno estalido. Era este estalido, porém de muitos milhões delas, que gerava o ruído. Apesar disto, tranquilizei-me somente quando deixamos as cercanias do mangal. Depois de atravessarmos o rio, fomos dormir em uma choupana de um dos três caboclos, na margem direita do rio, próximo à foz. Eles lá chamavam o lugar de São Tomé. Tive uma noite inquieta, sonhando inclusive com seres

estranhos, vestidos de maneira esquisita. Acreditei que isto tudo era influência do aspecto do lugar.

No dia seguinte, tomamos uma montaria e fomos dar uma volta ao largo. Quase defronte à foz do rio, pela margem direita, existem duas ilhas, uma menor que a outra. A maior denomina-se C'roa Grande (Coroa Grande) e a menor C'roinha (Coroinha). O porquê de tais denominações, desconheço. Procurei informar-me, mas não souberam explicar-me. Manifestei desejo de conhecê-las. Os caboclos responderam negativamente. Insisti. Eles afirmaram:

— Olhe, moço, o senhor é da cidade e não acredita nestas coisas. Mas a verdade é que estas ilhas são encantadas.

Ri comigo mesmo! E pensei: mais um mito desta mitológica Amazônia. Procurei extrair mais de meus acompanhantes, enquanto observava as ilhas. Vegetação exuberante, como no resto da região, belas, apresentavam única diferença: nenhuma habitação nas duas. Aliás, nada que indicasse já haver sido pisada pelo homem. Um dos caboclos resolveu historiar:

— Desde o tempo de meu avô, e acho que antes dele, já se dizia que a C'roa Grande e a C'roinha são encantadas. Disque quem pisa lá não volta para contar o que viu e o que não viu. Eu até que pensei que isto era besteira, mas, há 4 anos, dois caboclos resolveram ir lá. Eram o Mundico e o João. Eram corajosos e bons caçadores. Armaram-se, tomaram a montaria e foram para a Croa Grande. E nunca mais voltaram! Ninguém sabe o que foi feito deles.

— Ora, argumentei, naturalmente a montaria naufragou e eles morreram afogados!

— Não, senhor. Eles desapareceram foi na ilha. A montaria, dias depois, veio trazida pela correnteza. E não veio "emborcada", não! É, moço, as ilhas são encantadas.

— Mas, que espécie de encantamento é este?

— Não sei não! Disque é gente do fundo. Às vezes se ouve barulho, de noite, vindo das ilhas. Parece até que dão festas lá.

Fiz tudo para ir à Croa Grande. Meus acompanhantes mantiveram-se irredutíveis: eles não iam lá de jeito nenhum. E que era bom que não insistisse muito, pois, só pelo fato de estar demonstrando tal desejo, poderia ser "encantado" pelos habitantes do fundo. Já estávamos voltando para o nosso ponto de partida, e a montaria deslizava nas águas barrentas. No dia seguinte, tínhamos de partir em direção a Joanes, Beirada, Condeixa, Jubim, seguindo até Salvaterra. Fiquei ansioso por ir às ilhas. Fiz o possível para voltar à tarde, mas os demais habitantes do lugar, todos, sem exceção, recusaram-se a ir à Croa Grande e à Croinha. E contaram vários casos semelhantes ao de Mundico e ao de João, através dos anos. Vez em quando, surgia um que duvidava, ia investigar e desaparecia. Os seus contemporâneos não mais queriam saber de ir lá. Mas, depois de um certo tempo, surgiam outros e

acontecia a mesma coisa. Raimundo e João tinham sido os últimos.

Outra coisa que costumava ocorrer: se a pessoa se aproximava muito do local, era acometida de alta febre, durante a qual delirava e falava de estranhos personagens, após o que morria. Deixei o lugar curioso e fazendo mil e uma conjecturas sobre o que poderia estar acontecendo ali. Várias hipóteses formulei, inclusive pensando em termos de ignorância dos habitantes e do próprio aspecto do lugar, daí nascerem tais crendices. Afinal, eu mesmo não havia me assustado no mangal? Era natural, portanto, lendas desta natureza. Sempre foi assim: quando o homem não consegue explicar certos fenômenos da natureza, apela para o sobrenatural. E disto a Amazônia está cheia!

— Mas, e a relação deste caso com o do "Estranho cliente do Dr. X"?

— Ah! Isto foi algum tempo depois. Porém foi uma outra história, que me fez relacionar os três fatos!

O "Pai-de-Santo" do Jurunas

A uma solicitação, o informante das duas histórias anteriores relatou o acontecimento que lhe permitiu relacioná-las.

— Dois anos já se haviam passado e eu já estava esquecido de minha visita ao Marajó. A história das ilhas encantadas, juntei-a simplesmente às demais que já conhecia ou que vim a conhecer mais tarde. Assim, já não me lembrava dela como um fato especial, até o dia em que, conversando com um amigo, este falou-me de um certo "Pai-de-Santo" do bairro do Jurunas, sujeito que fazia milagres: dizia o passado, previa o futuro, "cortava" o mau-olhado e a má-sorte, enfim, o sujeito, como se diz na gíria, "quebrava todos os galhos". Incrédulo por excelência, encarando isto mais como folclore, brinquei com meu amigo, perguntando-lhe se costumava frequentar terreiros.

— Não, rapaz, não frequento. Mas é que o homem é bom mesmo. Falou de toda a minha vida e disse até que eu ia viajar para o Sul. Tu já pensaste? Como é que ele ia saber disto? Só meus familiares é que sabiam que vou ao Rio no fim do ano!

— E quando a gente pode dar um pulo lá? Indaguei com certa curiosidade pelo "Pai de Santo".

— Nós podíamos ir agora. Pelo menos você conhecia o seu Raimundo e podia marcar um dia com ele. Não é sempre que ele "trabalha". Tem dias certos.

Eram aproximadamente 17 horas e estávamos na avenida Portugal, no antigo clipper da parada do ônibus Circular Externa (linha atualmente extinta). Como não tivesse nada para fazer, concordei com meu amigo. Pegamos o ônibus da linha Jurunas e após alguns minutos estávamos defronte à casa do famoso "Pai-de-Santo". Batemos à porta e fomos atendidos pelo próprio.

— Boa tarde! Que desejam?

— Olá, seu Raimundo! Sou eu, o Mário, que vim até aqui a fim de apresentar-lhe o meu amigo, que deseja conhecê-lo.

— Muito bem, muito bem — disse o "Pai-de-Santo" todo satisfeito, sentindo-se importante — entrem que a casa é de vocês.

Após as apresentações de praxe, seu Raimundo perguntou-me o que desejava, qual era meu problema etc. Disse-lhe que queria conhecê-lo para ajudar-me a tomar uma decisão quanto ao futuro. Na verdade, tive que inventar esta história para o homem não ficar desconfiado. Ele respondeu que só trabalhava às terças e sextas-feiras e que não podia atender-me naquele instante. Mas ia marcar uma data e, se eu fosse pontual, seria o primeiro a ser atendido. Não pretendendo voltar de maneira nenhuma, mostrei-me bastante

decepcionado, lamentando a viagem perdida e dizendo que tinha muita vontade de falar com a entidade que ele recebia.

— Mesmo que quisesse atendê-lo, não poderia: acabei de jantar e só posso incorporar de estômago vazio.

— Está bem, não tem problema. Voltarei na data marcada. Guardarei para próxima oportunidade a vontade de conhecer (citei o nome da entidade, que no momento não lembro).

Mal digo isto, o "Pai-de-Santo" começa a empalidecer. Corre até uma janela e vomita todo o jantar ingerido poucos minutos antes. Senti náuseas e ia afastar-me com meu amigo, quando escuto:

— Um instante. Que é que tu deseja?

Volto-me e olho. O "Pai-de-Santo", meio retorcido, feições modificadas, respiração ofegante e a voz enrouquecida, fazia sinal para deter-me. Enquanto isto, uma velha, que mais tarde soube ser a genitora de seu Raimundo, esbravejava dentro da casa, descompondo os importunos visitantes, dizendo que "fazer caridade, está bem, mas não poder nem alimentar-se direito, já era demais" e outras coisas que não me lembro. Ela referia-se ao fato de o filho haver vomitado, como se eu e meu amigo o tivéssemos mandado. Vi o ambiente "esquentar", além das náuseas que sentia, e quis "dar no pé". Mas a esta altura seu Raimundo novamente se dirige a mim:

— Mas, sim, meu "fio"! Que é que tu qué?

— Mas já lhe disse, seu Raimundo...

— Seu Raimundo é o meu "cavalo". Eu sou (e disse seu nome), com quem tu queria falar.

Meu amigo cutucou-me e falou baixinho:

— Ele incorporou. Conversa com a entidade.

Meio incrédulo, sentei novamente e repeti o que já havia dito ao "cavalo", ou seja, ao seu Raimundo, e, embora eu continuasse a ver o seu Raimundo, um tanto diferente, é verdade, ele afirmava que era outro. Falando numa língua toda atrapalhada, após haver me dado uns conselhos e recomendado uns "banhos" para "limpar" meu corpo e abrir o caminho de minha vida, a entidade que estava em seu Raimundo disse que eu era médium, que precisava me desenvolver e que só não estava melhor na vida porque não acreditava naquilo. Mas, que tudo era verdade, era, e a prova eu estava recebendo naquele momento. Fiquei meio embaraçado, pois ele parecia estar lendo meu pensamento. Não obstante, tentei entabular conversa e perguntei:

— E de onde o senhor é?

— Ah! meu "fio". Sou de muito longe.

— Mas, de onde?

— Eu sou gente "do fundo".

— "Do fundo" da onde?

— Ora, "do fundo"! Nunca ouviu falar da gente "do fundo", também chamada "linha dos encantados" ou "linha da encantaria"?

— Não, não ouvi. E onde fica isto?

— Fica em diversos lugares da terra.

— E o senhor, de onde é?

— Já disse que "do fundo".

— Sim, mas de que lugar geográfico da terra?

— Ah, sim. Eu moro perto do Marajó.

Quando o seu Raimundo ou a "entidade", sei lá, falou em Marajó, fiquei arrepiado. Senti alguma coisa de estranho. Lembrei-me do caso da Coroa Grande e Coroinha; tive vontade de correr, mas ao mesmo tempo senti necessidade de ir até o fim.

— O senhor falou em Marajó. Mas Marajó é um arquipélago e também uma ilha, a maior do arquipélago. Onde o senhor situaria a região em que o senhor mora?

— Mas tu faz muitas perguntas. Tu conhece o Marajó?

— Um pouco.

— Bem, eu moro defronte à foz do rio Camará. Moro nas ilhas que têm defronte. Tu já ouviu falar da C'roa Grande e da C'roinha?

Claro que já tinha ouvido. Lembrei-me da expressão de pavor dos caboclos da redondeza quando falei em ir às ilhas. Aí, quem começou a ficar inquieto fui eu.

— Já ouvi. Que é que tem?

— É lá que eu moro.

— Mas... se lá não tem nada. É só vegetação...

— Tu é que pensa, meu "fio". Não tem nada na superfície, mas tem "no fundo". Lá é o meu reino encantado; é lá que eu moro.

— Mas... como é que pode?

— Ah, meu "fio"... Tu não vai entender. Assim como tem gente "da mata", que são "cabocos", assim como tem gente do espaço, tem também os do "fundo", ou seja, das águas, ou ainda, os "encantados".

— E por que encantados? Como é esse encantamento?

— Talvez faltas cometidas em vidas passadas e cujo castigo é ficar encantado até chegar a época de haver expiado a culpa. Aí, então, se desencanta e volta novamente ao ciclo normal de encarnação como qualquer outro ser humano. Porém, se quiser, pode se desencantar antes, desde que qualquer ser humano vivo se disponha a cumprir certos rituais...

— Francamente, isto tudo é tão estranho e bem difícil de se poder entender... E por acaso, pode-se conhecer esse reino encantado em que o senhor reside?

— Bem, poder, pode, né? Se tu tem coragem...

— Olhe, eu gostaria de ir lá...

Foi na resposta do "Pai-de-Santo" que relacionei a estranha aventura do Dr. X com a C'roa Grande e a C'roinha, ilhas consideradas "encantadas" pelos moradores das adjacências, bem como com o lugar-residência da "entidade" que estava incorporada em seu Raimundo.

— Como já disse, se tu tem coragem, não tem problema. Tu vai sexta-feira, à meia-noite, sozinho, à escadinha do armazém nº 4. Aí, encontro contigo e nós vai lá.

— Vamos de motor ou de canoa?

— Motor? Canoa? P'ra quê? Não é preciso nada disto.

— E como vamos, então?

— Ah! meu "fio"! Deixa isso comigo...

(Aí, lembrei-me da estranha sensação do Dr. X, que parecia deslizar numa massa líquida).

— Hum, hum... E quando voltaremos?

— Voltar?

— Claro! E então? Se for, tenho de voltar...

— Mas de lá não se volta... pelo menos tão cedo... Bem, meu "fio", se quiser, vou lhe esperar, já sabe onde...

E dizendo isto, não sei se a "entidade" ou se o seu Raimundo deu um forte suspiro, seguido de outros e enquanto seu corpo se retorcia apresentou um gesto assim como que uma saudação de despedida e caiu estrepitosamente ao chão... Ficou assim como que desacordado alguns minutos, após o que levantou-se meio suado, como se estivesse cansado de um esforço muito grande... Perguntou-me se o seu "pai" havia satisfeito aquilo que eu desejava, dizendo não lembrar-se de nada... Depois de poucos minutos de palestra, despedi-me.

O informante terminou a história dizendo que, depois do que tinha visto e ouvido, apesar de sua incredulidade, ninguém lhe tirava da cabeça que a C'roa Grande e a C'roinha eram mesmo encantadas, bem como que tinham sido o lugar onde estivera o Dr. X... Apenas não teve coragem de fazer uma visitinha a lugar tão "encantado..."

O Fantasma Erótico da Soledade

Parou o carro na avenida Serzedelo Corrêa, em frente à Escola Kennedy. Saltou para entregar uma encomenda. Ao retornar, consultou o relógio: 17:30 horas. Pensou — resta meia hora para encerrar o expediente. Se não desenvolver muita velocidade, vai ver que chegarei exatamente em cima da hora de bater o ponto. Quando ia entrar no carro — um velho jeep da repartição — notou um "pssssssssiu". Olhou ao redor e nada. Novamente:

— Pssssssssiu!

Voltou a olhar. Reparou que o chamado vinha do outro lado da rua, mais precisamente da porta do Cemitério da Soledade. Ali, bem em frente à porta, estava uma mulher aparentando seus 30 e poucos anos. Quando seus olhos se encontraram, olhou para um lado e para o outro e para trás de si mesmo, pensando que o chamado se dirigia a outra pessoa. Olhou de novo para a mulher, e esta, apontando com o dedo, deu a entender que era o próprio que estava chamando. De relance, viu o relógio, pensando: — Mas logo agora! Rapidamente atravessou a rua.

— A senhora está me chamando?

— Estou, sim. Preciso de seu auxílio.

— E em que poderei ajudá-la?

— É o seguinte: eu não sou de Belém. Vim aqui passar poucos dias e queria conhecer o túmulo de meus avós que estão sepultados neste Cemitério. Mas confesso que fiquei receiosa de entrar sozinha. Já é um pouco tarde, e o Cemitério está deserto. O senhor poderia fazer o grande favor de me acompanhar até lá dentro?

Contrariado, pensando que o expediente chegava ao fim — Flávio estava apressado a fim de chegar em casa — e ele ainda teria que se demorar, custou um pouco a responder. Refletiu e, visto que a mulher não era de Belém e não ficaria bem não ser hospitaleiro, acabou aceitando acompanhá-la.

— E a senhora sabe onde é a sepultura?

— Não, não sei. O nome dele era fulano de tal. Mas, se não for muito incômodo para o senhor, procuraremos. Afinal, o Cemitério não é tão grande!

Ato contínuo, seguiram para a ala esquerda, vendo e examinando as sepulturas, procurando o nome que a mulher havia dado como sendo o do seu avô. E, na busca, percorreram todo o Cemitério. Em alguns túmulos demoravam-se um pouco, como o do general Gurjão, o da Preta Domingas, o do Menino Cícero, o de Raimundinha Picanço. A mulher perguntava quem eram, e Flávio explicava que o primeiro havia sido herói na Guerra do Paraguai, e os outros três eram considerados milagrosos pelo povo, a quem faziam culto às segundas-feiras, solicitando graças. A mulher parecia não mais querer sair dali, e Flávio, já arrependido de ter se mostrado hospitaleiro e

cavalheiresco, só pensava em ir embora.

— Mas, com os diabos! — pensava — acertou logo comigo. Tanta gente nesta cidade e havia justamente de ser eu a passar ali naquele momento. Tomara que ela ache logo, que me vou.

Mas a pesquisa terminou e não foi encontrado o túmulo dos avós da mulher. Satisfeito, pensando que já ia, Flávio falou:

— É. Parece que não é aqui, não. Naturalmente lhe informaram mal. Deve ser lá no Santa Izabel. A senhora naturalmente vai procurar amanhã.

— Não, não me enganei, não. Apenas talvez não esteja sepultado em túmulo e sim seus ossos estejam numa urna funerária. Onde será que as guardam?

— Francamente, não sei.

— Olhe, talvez seja ali — disse a mulher apontando para a ala lateral à Capela do Cemitério — Só mais um minuto, está bem?

— Está, mas não posso demorar muito. Meu expediente na repartição já terminou e devo bater o relógio de ponto.

— É só um minutinho...

E dirigiram-se para a sala onde eram guardadas as urnas funerárias. Entraram. Hora crepuscular, quase mais nada se via na sala. Mesmo assim, a mulher, sempre chamando Flávio, dirigiu-se para a parte dos fundos. O homem seguiu-a. Olhou determinada urna e disse:

— Parece que é esta. Venha ver.

Flávio foi, agradecendo a Deus haver terminado aquela via crucis atrás da ossada de um defunto que ele não havia conhecido e nem tampouco ouvido falar. Afinal, com 51 anos no costado, mesmo sendo motorista profissional, era a primeira vez que se via naquela situação.

Quando estava próximo à urna, tentando ler o nome inscrito na parte superior, ela chegou-se a ele, até quase colar os corpos. E, inesperadamente, abraçou-o e começou a apalpá-lo, ao mesmo tempo em que tentava beijá-lo...

— Meu querido...

Apanhado assim, de surpresa, naquele local ao mesmo tempo sacro e sepulcral, Flávio não soube o que pensar.

— ... tenho 51 anos... mas logo comigo...? ... não sou bonito... por que...? ... logo aqui...? ... será que é doida...? ... por que...? ... logo eu... por que aqui...?... Tanto homem jovem por aí... por que...? ... tanto lugar para fazer amor... logo aqui...!

Num relâmpago, pensava todas essas coisas, enquanto era apalpado por todas as partes do corpo, principalmente no sexo. Rapidamente se recobrando, Flávio a empurrou com violência...

— Mas que é isto? Respeite ao menos o lugar...

Saltou para trás, procurando a porta. Ao alcançá-la, de costas, procurou ver a mulher... Para seu espanto, tal como se fosse fumaça, ela desaparecera... Apenas as urnas funerárias continuavam em seus lugares nas prateleiras e... nada mais... Flávio gritou, ao mesmo tempo em que procurava o portão de saída. Correu olhando para trás... porém, inútil! Ninguém o seguia; a mulher desaparecera mesmo.

Nervos tensos, tomou o jeep. Mas não conseguia controlar seus movimentos. Esperou alguns minutos, e, tão logo pôde, arrancou, imprimindo tal velocidade no jeep que chegou rapidamente ao local de trabalho. Os funcionários retardatários que ali estavam viram chegar um Flávio irreconhecível, sem a costumada serenidade, sem a voz calma de sempre. Flávio procurava falar tudo de uma vez, querendo contar aos companheiros o ocorrido... No dia seguinte, Flávio não foi trabalhar. Nem no outro. Nem no que o seguiu. Procuraram notícias junto aos familiares. E então souberam... Estava internado há três dias no Hospital da Beneficente Portuguesa. Com alta febre... Delirando... Dizendo coisas estranhas... que um fantasma de mulher o quis amar dentro do Cemitério da Soledade...

Noivado Sobrenatural

Pedro caminhava lentamente pela noite. Os acontecimentos daquele dia não haviam sido nada agradáveis: além de perder o emprego, depois de uma discussão violenta com o patrão, havia também terminado o namoro com Letícia. Não era, pois, sem motivo que estava totalmente arrasado, mergulhado em profunda melancolia, deprimido mesmo. Em seu estado mórbido, não conseguia afastar do pensamento as palavras ásperas trocadas com seu Gastão, seguidas de "pode fazer suas contas", que alternavam o encontro com Letícia, cabeça baixa, fugindo do seu olhar, dizendo "não vai dar certo".

Neste estado, Pedro caminhou sem destino durante muito tempo. Passava pelas pessoas sem ver, tropeçava às vezes em buracos ou simplesmente dava topadas nas calçadas das garagens, em nível ligeiramente mais alto que o pavimento, soltando, nestes momentos, exclamações pornofônicas.

— Pode fazer suas contas... não vai dar certo... pode fazer suas contas... não vai dar certo... pode... É, a gente bem que não quer acreditar nestas coisas, bem que se diz que é besteira e crendice do povo. No entanto, duas desgraças foram acontecer logo hoje, sexta-feira de agosto. É muita coincidência junta. E meu horóscopo bem dizia "Cuidado com o dia de hoje. Relações tensas no local de trabalho, podendo haver discussões com superiores. No amor, estremecimentos com a pessoa amada. Evite encontros com estranhos ou desconhecidos. Muita cautela e adie as decisões". Só que não decidi nada. Decidiram no meu lugar e recebi dois bilhetes azuis: do patrão e da namorada. Que dia mais nefasto.

E Pedro pensava nos enlevos amorosos com sua terna Letícia, em seus beijos, em suas carícias... Na verdade, não podia compreender como aquele namoro de mais de 2 anos, com data marcada para o noivado, pudesse terminar tão bruscamente. Não se aborrecia tanto com o fato de haver sido despedido, mas com o término do namoro, não se conformava. E se perguntava "Por que, Letícia, por quê?".

Quarteirões sucediam quarteirões, e Pedro não dava por isto. Em sua depressão, não notava que o tempo começava a modificar-se. A lua havia sido coberta por nuvens escuras e não mais se divisava estrelas no céu. Um vento frio, anunciador que forte chuva cairia sobre a cidade, batia no rosto de Pedro, sem que disto desse acordo. De repente, como se houvesse despertado, notou que se achava bastante longe de sua residência. Olhou ao redor e para o céu, sentindo-se mal. Não sabia em que bairro se encontrava. Teve consciência apenas da chuva que cairia e que teria de sair dali o quanto antes. À medida que se afastava, seu mal-estar aumentava: não era comum, era algo indescritível, que fazia todos os pelos de seu corpo se eriçarem. Pedro sorriu amargamente, quando seus dedos, no bolsinho do lado esquerdo da calça, tocaram nas duas alianças que levara, a fim de Letícia experimentar. Mas ela

não lhe dera esta satisfação e nem mesmo oportunidade de poder tirá-las.

Relâmpagos riscavam o céu, seguidos de ensurdecedores trovões. Quando as faíscas elétricas apareciam, de relance Pedro via as árvores e vegetação das casas vizinhas, que faziam com que seu mal-estar aumentasse. Ia acelerar o passo, quando sentiu-se observado. Parou. Olhou para todos os lados e não viu ninguém.

— Decididamente, hoje não é meu dia — pensou.

Repentinamente, como se saísse do nada, ouviu aquela voz argentina:

— Boa noite.

Sobressaltado, Pedro virou-se. Lá, onde olhara antes e nada vira, estava uma jovem.

— Bô... boa noite!

— Você parece que está muito triste e assustado. No entanto, não creio que um rapaz como você tenha medo de uma moça.

— Não! Não é medo não! Apenas olhei para lá agora mesmo e não lhe vi.

— Eu o estava observando já há algum tempo. Você não me viu porque eu estava atrás da árvore.

Raios seguidos de trovões continuavam e já uma fina chuva começava a cair. Pedro não estava muito interessado naquela conversa. Mas a moça o envolvera de tal maneira, que não sabia despedir-se. E foi convidado por ela para ir à sua casa. Pensou um pouco antes de responder. Depois, verificou que não sabia onde se encontrava e resolveu aceitar o convite, nem que fosse só para passar a chuva. Caminhavam lado a lado, suas mãos roçaram e foi o suficiente para que Pedro segurasse a dela, com total anuência da moça. Aliás, a conversa desviara o pensamento de Pedro de seu ex-emprego e também de sua ex-namorada. Começara a olhar para a moça: morena clara, cabelos negros, olhos castanhos, era de suave beleza. Demonstrava ter forte personalidade e sua voz era uma das coisas que mais lhe agradaram. Não tinha nenhuma aparência de ser de aventura, muito pelo contrário, era de fina educação e parecia a imagem da pureza.

Finalmente, chegaram à casa. Mal entraram, violenta chuva desabou sobre Belém. Raios e trovões continuavam, e Pedro, olhando pelas vidraças, achou, mais do que nunca, aquela noite lúgubre.

— E seus pais? — perguntou.

— Não se preocupe, eles não estão aqui.

— Mas... você está sozinha?

— É o que parece, não?

Sentaram-se no sofá, mãos entrelaçadas. Pedro, embora melhor, continuava desassossegado. Apesar do carinho da moça, do tratamento que

estava recebendo, a impressão que sentia era a mesma que se sente nos pesadelos. O temporal agora estava mais violento, e lufadas de vento traziam grossas gotas de chuva contra as vidraças. Provocado pela moça, Pedro contou suas desventuras. A moça acalentava-o, encorajando-o. Afinal, Letícia não era a única moça na face da terra, assim como o emprego que perdera. E "Deus escreve direito por linhas tortas". Naturalmente encontraria nova namorada e empregos melhores.

— E você — perguntou Pedro — já teve alguma decepção amorosa?

— Eu? Ora, eu não soube o que foi amar...

— Hein? Não soube?

— Quero dizer... não sei ainda o que é amar...

O tempo verbal empregado pela moça, que a esta altura Pedro já sabia chamar-se Maria de Souza Oliveira, fez o mal-estar do rapaz aumentar. Sentia agora a moça como se fosse um ímã, destes empregados em brinquedos de criança, que ora atraem, ora repelem. Ao mesmo tempo em que sentia-se atraído por Maria, pensava que devia afastar-se, embora não tivesse, aparentemente, nenhum motivo para isto. Afinal, Maria era tão meiga... E esta meiguice fez com que ele aceitasse seu convite para dormir. Cerca de 11:30 horas. Ao ir para o quarto de Maria, a chuva aumentou sua força. Parecia verdadeira tempestade. Trovões sobre trovões faziam a casa estremecer. Deitaram-se juntos e a proximidade dos corpos fez com que se entrelaçassem. Com toda a inquietação que sentia, Pedro desejou-a...

— Afinal, posso dizer que já amei... — disse Maria.

— Mas você... você... era virgem?

— Disse bem: era, pois agora não sou mais...

Maria parecia a mulher mais feliz do mundo. Pedro estava atônito. Os acontecimentos de sexta-feira culminaram de maneira inesperada... Lembrou-se das alianças que tinha no bolso. Tirou-as.

— Olhe... quero que aceite como nosso noivado. Casaremos assim que consiga novo emprego.

Maria sorriu, colocando a aliança no anelar direito, e tirou pequeno anel com pedra, dando-o ao rapaz.

— Guarde como lembrança minha. É para não se esquecer de mim.

O rapaz colocou o anel no dedo mínimo. Maria beijou-o:

— Você me fez muito feliz. Espero que eu também o tenha feito. Não gostaria, nem mesmo sem querer, de lhe fazer o menor mal.

Pedro respondeu ao beijo, estranhando, porém, as palavras de Maria. Mas foi trocando juras de amor que adormeceram abraçados. Pedro guardou a última frase de Maria:

— Jamais me esquecerei de você...

Lá fora, o vento frio soprava violentamente, fazendo o aguaceiro varrer telhados e paredes das casas. No ar, relâmpagos e trovões... Pedro remexeu-se. Estranhou. O colchão da cama, tão macio e quente, parecia duro e gelado. Com as mãos, procurou Maria e só encontrou o vácuo. Sonolentamente, abriu os olhos. E viu o descampado cheio de cruzes. Estava no Cemitério de Santa Izabel. Horrorizado, cheio de pavor, viu onde se encontrava: em cima de uma sepultura. Olhou para a cruz. Lá estava um retrato esbranquiçado, mas perfeitamente reconhecível, de Maria de Souza Oliveira, morena clara, cabelos negros, olhos castanhos...

"nascida a 3 de fevereiro de 1902 — falecida a 13 de agosto de 1918".

Sem conseguir pensar, viu que na parte debaixo da cruz estava a aliança que lhe dera como sendo de noivado. Em seu dedo mínimo, o anel com que a moça o presenteara... E às 6 horas da manhã daquele sábado, os que estivessem nas cercanias do Cemitério teriam ouvido aquele grito enregelante de pavor. Era de Pedro. Que saiu correndo do Cemitério...

Encontro na Praça

Naquela noite chuvosa, Carlos não sabia o que fazer. Estava volteando pela praça da República já havia algum tempo e agora, às 19:30 horas, nenhuma possibilidade de divertimento surgia, nem mesmo um amigo com quem pudesse beber uma cerveja. Já estava decidido a voltar para casa quando aquela presença feminina lhe chamou a atenção.

Aprumou-se para uma abordagem. Ao aproximar-se, reparou que a moça, parada sob frondosa mangueira, encostada em seu tronco, não tinha jeito de garota de aventuras. Mas, como não tinha nada que fazer e como a jovem lhe tivesse despertado a simpatia, continuou no firme propósito de puxar conversa. E se pensou, melhor fez.

Conversa pra cá, conversa pra lá, soube que seu nome era Mariza, que tinha 18 anos ("feitos muito recentemente", havia afirmado) e que era estudante da Escola Normal. Mostrou interesse por literatura, inclusive demonstrando ser conhecedora dos principais autores nacionais. Carlos começou a se entusiasmar. Ali estava uma garota e tanto, pois, além de possuir um lindo palmo de rosto e belíssimo corpo, demonstrava cuidar das coisas do espírito.

O bate-papo já durava uma hora. Eram 20:30 horas, e Carlos nem se apercebera que o tempo havia passado. Era Mariza que dizia que precisava ir embora, pois não poderia chegar em casa além das 21 horas. Carlos insitiu em deixá-la em sua residência, conseguindo por fim vencer a resistência da moça. Quis pegar um carro (ainda não era tempo dos táxis), mas Mariza recusou; o mesmo ocorreu com o ônibus e o bonde.

Mariza aceitava a companhia de Carlos, contanto que fossem a pé. Meio contrafeito - pois estava disposto a "fazer fita" para ela -, Carlos aceitou. E saíram a pé.

Durante o trajeto, o chuvisco aumentou. Carlos gentilmente desdobrou sua capa, oferecendo-a à Mariza. Ao chegar o quarteirão em que a moça morava, esta fez sinal para que Carlos parasse. E disse não ser necessário que ele fosse até a sua porta. Apontou-lhe a casa em que morava e despediu-se, devolvendo a capa. Carlos não aceitou, afirmando-lhe que iria se molhar naquele trecho onde ia andar sem capa e tanto fez que Mariza acabou aceitando. Naturalmente, Carlos conseguiu a promessa de que se encontrariam no dia seguinte, ocasião em que receberia a capa de volta.

Dez cigarros já haviam sido fumados e nada de Mariza aparecer. Carlos esperou mais 1 hora... e nada! Como já fosse tarde, cerca de 21 horas, deixou para tratar do assunto no dia seguinte.

- Me fizeram de besta! Pensou.

No outro dia de manhã, Carlos foi até à casa de Mariza. Em lá chegando, sem-cerimoniosamente, foi batendo e, ao atenderem, dizendo que desejava

falar com Mariza. A senhora que atendeu espantou-se afirmando-lhe ali não haver nenhuma Mariza. Carlos ficou meio embaraçado e descreveu a jovem, afirmando que a vira entrar dois dias antes. Maior espanto da senhora, que perguntou se o rapaz não estava confundindo com Maria, única jovem que residia naquela casa. Carlos negou e, olhando de relance para o interior da casa, viu um retrato e apontando-o disse:

- É aquela moça ali!

A senhora, então, lacrimejando, exclamou que não podia ser:

- Realmente esta moça era minha filha, irmã de Maria. Mas Mariza morreu há 1 ano e meio. Por sinal, anteontem, dia em que o senhor diz que lhe falou, ela estaria completando, se fosse viva, 18 anos. Mas o destino não quis assim. Eu acho que o senhor se enganou ou então quiseram brincar com o senhor!

Carlos, respiração ofegante, pálido, exclamava apenas: "Não pode ser!" E foi gaguejando que historiou o caso, contando o detalhe da capa, que havia ficado com a moça.

Falou para a mãe de Mariza de sua conversa, o gosto manifesto pela literatura, citando inclusive o seu autor preferido, que era Machado de Assis. Aí, quem começou a gaguejar foi a mãe da moça, ao mesmo tempo em que chorava. Contudo, pensava estar sendo vítima de um embuste.

Carlos, por sua vez, não acreditou na morte da moça e solicitou uma prova. A senhora respondeu que, pela tarde, quando seu marido chegasse, iria mostrar ao rapaz o túmulo de Mariza...

Seriam 16 horas quando entraram no Cemitério de Santa Izabel. Durante todo o trajeto, Carlos repetia "não pode ser", pouco se importando com as exclamações do pai de Mariza, totalmente incrédulo da história que o rapaz contara. Depois de andarem algumas quadras, chegaram, finalmente, à sepultura de Mariza. Um pequeno retrato, semelhante ao que Carlos vira na sala da casa dos pais de Mariza, ali estava, com as datas de nascimento e morte da moça. Olhos saltando da órbita, Carlos aproximou-se, junto com o casal.

Foi tremendo da cabeça aos pés que exclamou:

- A minha capa!

Ao lado da sepultura de Mariza, cuidadosamente dobrada, estava a capa do rapaz.

Esta história tem várias versões no seu final. Uns dizem que Carlos passou por um severo tratamento psiquiátrico, após o que embarcou para o Sul do País, nunca mais se sabendo notícias suas. Para outros, o rapaz foi internado no Hospital Juliano Moreira, completamente louco. E há uma terceira corrente que garante que morreu pouco tempo depois, não se sabe se por ter sido personagem de tão estranho fato ou por ter ficado apaixonado pelo fantasma de Mariza!

A moça sem face

Vinícius era soldado do Núcleo de Parque de Aeronáutica de Belém. Brincalhão, bom camarada, era querido por seus companheiros de farda e superiores. Contador de anedotas, onde estivesse nos momentos de folga sempre tinha uma roda em volta.

Estudante, fizera até a 4ª série ginasial antes de ingressar na caserna.

Festeiro, freqüentador das gafieiras de Belém, principalmente as dos bairros do Marco, da Pedreira e de Canudos, era tido como bom dançador de merengue. Quantas vezes Vinícius não "pulou" serviço para "balançar o esqueleto" num dançará suburbano! Em várias ocasiões esteve para ser preso por tal motivo.

Nunca dava alterações de outra natureza, mas se sabia que havia um "samba", Vinícius, estivesse ou não de serviço, ia bater lá. Fugia do quartel e ingressava triunfalmente na sede onde se ouvia o *La Bamba* ou outro sucesso musical da época. Depois, era arranjar uma "amiguinha" e pronto... Vinícius se sentia o homem mais feliz do mundo. As conseqüências... veria depois.

Conhecia as histórias de aparições que se contavam do Parque, mas não lhes dava muita importância. Pelo menos dizia. E afirmava mesmo que, se visse alguma coisa, ia dirigir-se e perguntar:

- Que é que tu quê, meu irmão? Reza, missa, diz lá o que é. Se tu já morreste, fica pra lá. Não vem perturbar os vivos.

E, brincando sempre, levava tudo na gozação. Só que, no dia em que viu alguma coisa, que pensou depois ser assombração, não fez nada do que disse. Ninguém podia duvidar que ele era corajoso. Disto já dera provas em diversas ocasiões. E brigava bem. Num dia de folga, em que os "dançarás" não funcionavam, Vinícius saiu trocando pernas pelo bairro do Marco. Desceu a Almirante Barroso e já próximo ao Largo de São Braz encontrou uma garota de branco, com o vestido clássico de "merengueira": decotado, curto para a época em que ainda não havia a minissaia. Vinícius pensou:

- Taí, vou "baixar" nesta "miquimba". E dirigiu-se à moça.

- Que é que há, minha filha? Noite tá fria, boa pra fazer neném, hein?

Vinícius era assim. Nada de meias palavras. Era objetivo, direto, "entrava forte" mesmo.

A moça permaneceu como estava. Respondeu ao cumprimento e foi o bastante para o soldado colocar o braço pelas suas costas. Conversa vai, conversa vem, Vinícius falando sempre, e a moça respondendo mais por monossílabos.

Saíram andando em direção a Canudos, pois ela havia dito que morava "para lá" indicando com o braço a entrada daquele bairro. O soldado tentara beijá-la várias vezes, e a moça sempre virava para o lado, de modo que

Vinícius praticamente não pôde ver-lhe o rosto.

- Mas tu é metida a virgem, hein!

E dizendo isto Vinícius tirou o braço das costas da moça, segurando-lhe a mão. Ao primeiro contato, Vinícius sentiu-se arrepiar: a mão da moça parecia gelo.

Mas procurou raciocinar. Ora, a noite estava fria. Naturalmente era por esta razão. Mesmo assim Vinícius começou a arrepender-se de ter "baixado" naquela "miquimba".

Continuaram andando Canudos adentro, na direção do cemitério de Santa Izabel. Vinícius falou:

- Mas tu mora longe, menina. Puxa vida! Depois de uma caminhada dessas, se tem de descansar. Porque, do contrário, o neném que a gente vai fazer já vai nascer cansado!

- Já estamos perto de onde moro. É logo ali.

Ao chegarem a uma esquina, a jovem parou.

- Rapaz, tu és muito corajoso! Gostei de ti, sabes? Mas é melhor que te vás embora. Não quero que te aconteça nada de mal.

Vinícius ficou admirado do rumo das coisas. A moça continuava de lado, sem virar-se de frente.

- Mas que é que pode me acontecer de mal? Tu é amigada? Ou é de teu "xodó" que tás com medo? De qualquer forma, se tu quisé ir comigo, é só dizer que vou. Ninguém é mais homem do que eu. Logo, digo pra ele que tu quiseste vir e pronto! E se ele quisé se balançar, não te incomoda que não vou apanhar, não.

- Não é nada disto. Não tenho "xodó", nem ninguém. Apenas deves ir embora. Eu te admirei muito e por isto estou sendo tua amiga. Eu não posso ir contigo, nem tu deves ir onde moro. Estou falando para teu bem. Adeus.

Ante ao desfecho inesperado, Vinícius titubeou um momento. Em seguida, segurou a moça violentamente pelo braço, puxou-a, colocando-a a sua frente, enquanto falava:

- Tu não vais me...

As palavras morreram em sua boca. Ia dizer: - Tu não vais me fazer de besta, não! Mas o que viu deixou-o paralisado.

Quando terminou o movimento e ela ficou de frente, olhou para o seu rosto, procurando-lhe os olhos e então viu que sua face era alguma coisa informe, ou melhor, era como se ela não a tivesse.

Aterrorizado, Vinícius recuou. A moça calmamente virou de costas, começou a andar, dizendo:

- Eu te avisei...

E dobrou a esquina.

Vinícius estava apavorado. Contudo, refletiu um momento e, sendo corajoso, rapidamente seguiu-a. Para surpresa de Vinícius, não havia ninguém. A moça havia sumido. Ainda chegou a pensar que havia entrado numa casa qualquer próxima à esquina. Certificou-se que tal não tinha acontecido, que a moça sumira mesmo. Vinícius ficou todo arrepiado. Quis se mexer e não conseguiu. Só então tomou consciência que estava próximo ao Cemitério de Santa Izabel. Quando pôde se mexer, Vinícius saiu em desabalada carreira por dentro de Canudos e, sem parar, subiu a Almirante Barroso até o Parque de Aeronáutica.

Foi surpresa geral quando Vinícius chegou todo afobado, cansado, gaguejando e sem conseguir dizer nada.

Os poucos soldados que estavam acordados providenciaram água com açúcar, e, depois de muito tempo, conseguiu relatar sua história, jurando que todo aquele tempo estivera conversando com um fantasma.

Apesar de sua expressão de pavor, alguns ficaram incrédulos.

- Só depois é que reparei que ela não virava o rosto na minha direção. Aliás, não lhe vi a face. E era gelada, meu irmão, vou te contar. Esta mulher não era gente viva, não era, não! Eu é que não quero acordo com estas coisas.

Troçaram com Vinícius.

- Taí, tá vendo o que dá andar querendo conquistar todo mundo? Vai nessa, vai!

Daí em diante, Vinícius, quando queria "baixar" em uma "miquimba", olhava seu relógio. Se era tarde da noite, podia ser a mulher mais linda do mundo, que Vinícius ficava fora da jogada... e dizia:

- Eu, hein!

O Espectro e a Botija

Histórias de tesouros excitam a imaginação dos povos. Verídicas ou falsas, com fundo real ou inventadas, permanentemente encontram ouvidos atentos e, não raro, cientistas e aventureiros que se empenham em suas buscas. Muitas vezes tais tesouros acabam se tornando lendários, como o do túmulo de Tutancamon, o faraó-menino do Egito, que viveu há cerca de 3.300 anos. Encerrando uma grande fortuna - foram necessários dez anos para inventariá-la e transportá-la - o túmulo de Tutancamon, para ser descoberto, exigiu 30 anos de infatigáveis pesquisas do arqueólogo Howard Carter e uma grande soma em dinheiro, inicialmente de Theodore Davis, americano, e, depois, de Lorde Carnarvon, inglês. O imenso tesouro pasmou o mundo de 1922, mas... cinco meses após, falece inexplicavelmente Lorde Carnarvon... Nos sete anos seguintes, morrem mais 12 integrantes da equipe, gerando a lenda da "maldição do faraó"!

Famosos tesouros de piratas, na região do Caribe, têm levado muitas pessoas, principalmente americanas, a gastar imensas quantias na tentativa de sua descoberta, quantias que por si só já constituem tesouros...

Na Ásia, na Europa, na América, em qualquer lugar, encontramos histórias de tesouros e, infalivelmente, ligadas a lendas fantásticas. Até mesmo na Amazônia, o Eldorado fez um número incontável de pessoas se arriscar em expedições, cujo fim nem sempre se tornou conhecido...

Por que lendas, algumas vezes macabras, cercam tais tesouros? Invencionice de quem deseja afastar concorrentes nas descobertas? É possível... Mas também podem ser maldições de seres avaros, que nem depois de mortos desejam ver em outras mãos aquilo que amealharam durante tanto tempo... Na verdade, o homem, por egoísmo ou medo, sempre enterrou o que considera valioso... e nem sempre teve oportunidade de desenterrar! Quantas e quantas fortunas, extraordinárias ou pequenas, jazem ainda escondidas, a espera de quem as descubra?

Vez por outra o noticiário da imprensa anuncia que fulano achou ora um pote, ora um baú ou qualquer outro recipiente contendo moedas, jóias ou outras riquezas... Tais achados, geralmente, se dão em circunstâncias especiais... e muitas vezes causam polêmicas, brigas e até mesmo mortes, como se fossem amaldiçoados! Mas pode igualmente se dar o inverso e fazer a felicidade de alguém.

A verdade é que a descoberta de um túmulo faraônico no Egito, de um tesouro pirata no Caribe ou a de um simples pote de barro contendo algumas moedas e jóias, uns ou outros, nas devidas proporções, provocam as atenções gerais!

Diz a sabedoria popular que quem morre deixando algum valor enterrado, o espírito não tem paz... até que seja descoberto.

Walter Souza Moreira é o informante desta história, tendo-a ouvido de Natalino, ancião querido por todos no bairro da Cremação, particularmente pelas crianças e jovens, aos quais sempre tem fatos curiosos e histórias a contar. Por esta razão, é admirado e tratado carinhosamente de Vovô Natalino.

Há algumas dezenas de anos, bairro de Santa Izabel sendo mais mato que residências, morava ali, em casa tosca de enchimento e palha, uma família constituída de três pessoas: seu Reinaldo, sua esposa D. Felícia e o sobrinho Natalino. Família pobre, lutava pela sobrevivência.

Quantas e quantas vezes D. Felícia sonhou com vestidos novos e com passeios? Porém contentava-se com os que tinha e, à guisa de distração, colocava uma cadeira à porta da residência, para apreciar o movimento que era quase nenhum.

Natalino desejava brinquedos, mas, como não podia tê-los, sua diversão era morcegar os bondes que passavam pela avenida José Bonifácio, onde morava. Apesar das dificuldades, ninguém se rebelava contra a vida que levava, muito pelo contrário: todas as noites, cerca de 20 horas, a família reunia-se em orações, agradecendo ao Senhor os alimentos e demais bens recebidos naquele dia. E dormiam pensando no amanhã.

Naquela noite de abril chovia intensamente. Natalino olhava de esguelha seu Tio Reinaldo, que parecia bastante preocupado, sem conseguir dormir. Talvez pensasse nas marés de água grande, que, aliadas à intensa chuva, naturalmente encheriam a área do Ver-o-Peso, criando-lhe problemas para chegar ao local de trabalho.

As horas passavam, a chuva ia estiando, e seu Reinaldo não dormia. Natalino, deitado em sua rede, sono quase chegando, acompanhava os passos nervosos do Tio. Era de estranhar. Naquela casa dormiam cedo: afinal, não havia televisão e nem ao menos rádio em Belém, e, mesmo que houvesse, as posses da família não permitiriam adquirir nem uma, nem outro.

Seu Reinaldo deitou-se.

- Até que enfim, pensou o sobrinho.

Mas logo mudou de idéia. A inquietação e o nervosismo do Tio continuavam mesmo na cama. Remexia-se de um lado para o outro, transmitindo seu nervosismo a Natalino, que, àquela altura, perdera completamente o sono.

A noite decorria lentamente, seu Reinaldo a se remexer, e Natalino sem dormir.

- Parece coisa feita, praguejou o Tio.

Em dado momento, seu Reinaldo levantou. Olhos arregalados, fixava determinado ponto do quarto. Natalino, fingindo dormir, acompanhava seus gestos com os olhos semicerrados. E o viu dirigir-se, atitude medrosa, para o ponto que fixava, seguindo em direção à porta que dava para o quintal.

O sobrinho, assustado, encolheu-se no fundo da rede. Mas, atento, continuava observando os movimentos do Tio.

E do quintal ouviu-se:

- Reinaldo!

- Quem me chama!

- Reinaldo!

- Quem está aí?

Seu Reinaldo, parecendo hipnotizado, dirigia-se para o fundo do quintal, como se estivesse seguindo alguém. E na verdade estava! Desde o momento em que se encaminhara à porta, vira um vulto espectral acenar-lhe. Da mesma forma que tivesse perdido a vontade, ia seguindo o espectro, apanhando antes uma vela acesa. Acenando para que o seguisse, o espectro encaminhara-se para um coqueiro, aí parando. Através de gestos, deu a entender para que escavasse à determinada distância.

Seu Reinaldo colocou a vela próximo ao coqueiro, de tal forma que não se apagasse, devido ao vento frio que soprava após toda aquela chuva. E com o espectro sempre acenando o lugar, começava a escavar. Suando frio, medrosamente, eis que, em determinado instante, esbarra em alguma coisa. Abaixa-se. Dentro do buraco estava uma botija de barro.

Meio espantado, olha para o espectro. Gesto inútil. Havia sumido!

Já perfeitamente cônscio do que fazia, vê o que tem dentro da botija.

Sua surpresa não teve limites: ali estavam diversas moedas e jóias, formando pequena fortuna.

Sem dizer nada, seu Reinaldo levou a botija para dentro da casa. No dia seguinte, pediu a um joalheiro para avaliar o conteúdo. E duas missas foram rezadas pela alma que lhe fizera a indicação!

Vendidas as moedas e as jóias, com o dinheiro apurado comprou uma casa de alvenaria mais no centro da cidade, oferecendo, daí por diante, à esposa e ao sobrinho, uma vida melhor...

Diz a sabedoria popular que quem morre deixando algum valor enterrado, o espírito não tem paz até que seja descoberto!

Por isso, hoje, o espectro que apareceu a seu Reinaldo já descansa em paz...

Receitas e Operações Sobrenaturais

Anoitecera. Antônio caminhava tristemente pelas ruas da cidade. Desempregado, estava doente e, além da alimentação de sua família haver se tornado problemática, seu estado físico não lhe permitia que continuasse a luta normal pelo pão de cada dia. Por outro lado, apesar de já se haver medicado nos postos de saúde pública, seu estado continuava o mesmo, ou melhor, piorava. Antonio já não sabia o que fazer e envergonhava-se de voltar para casa sem levar dinheiro para a compra de alimentos e envergonhava-se mais ainda por sentir-se alvo da piedade de seus vizinhos, que, vendo sua situação, mandavam alimentos para sua esposa e filhos. Tentara protestar, mas que fazer? E as vizinhas diziam: “Deixe de orgulho, Antonio, É isso mesmo, hoje nós por você, amanhã você por nós. Afinal ‘uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto’”.

E assim, contrariado, Antônio ia levando a vida já há quase dois meses. Muitas vezes revoltava-se: era um homem honesto e não entendia a causa de seu sofrimento e muito menos o porquê de não conseguir emprego. E seu estado de saúde o angustiava. Antônio errava pela cidade. E, ao dobrar uma esquina, dá de encontro com um senhor bem vestido.

— Me desculpe, por favor.

— Ora, não foi nada, não. Mas o senhor parece que estava muito distraído.

— Não, meu amigo, é que estou preocupado e doente. Me desculpe, mais uma vez!

E Antônio já se colocara a andar, quando o desconhecido o chamou.

— Um momento! O amigo falou que estava doente. Talvez possa ajudá-lo. O senhor já foi consultado?

— Já. Mas até agora não descobriram o que eu tenho. Já tomei remédios, mas até agora, nada!

— O que o senhor sente?

Antonio respondeu. O desconhecido receitou-o.

— O senhor é médico?

— Sim, sou.

— E como é seu nome?

— Ora, esqueça isto. Faça a medicação como mandei e verá que vai ficar curado. Até logo e felicidades!

— Mas... espere aí! Quero lhe agradecer. Já que não posso lhe pagar, quero pelo menos rezar para que Deus lhe ajude a progredir e vencer sempre na vida. Diga, por favor, como é o seu nome?

— Camilo Salgado. Até logo.

— Até, Dr., muito obrigado, viu?

Antônio, reanimado com aquele encontro, seguiu apressadamente para casa. E lá contou à mulher e a alguns vizinhos que conversavam com ela o encontro que tivera. Quando terminou a narração, um dos vizinhos perguntou:

— Como disse mesmo que era o nome do médico?

— Camilo Salgado.

— Mas não é possível. Este médico já morreu há muito tempo...

— Ora, ele não tinha porque mentir. Não lhe pedi nada, nem a consulta. Ele me consultou porque quis.

— Mas já morreu, Antônio. O Dr. Camilo Salgado foi um médico famoso em Belém. Eu sei porque ele era médico de meu pai e lá em casa sempre falavam dele. Era muito caridoso.

Antônio ficou inquieto. Mas, mesmo assim, fez a medicação como o médico receitara. E curou-se. Aos amigos e vizinhos, satisfeitos de o verem novamente com saúde — já tinha até uma promessa de emprego — exclamava feliz e cheio de fé: "Quem me curou foi o Dr. Camilo Salgado. Ele me apareceu e me medicou. Que Deus tenha a sua alma em bom lugar... O Dr. Camilo Salgado é muito milagroso."

José trabalhava no Cemitério de Santa Izabel. Ganhava pouco para as operações que precisava fazer: hérnia e hidrocele. E seu sofrimento aumentava dia-a-dia, obrigando-o, muitas vezes, a faltar ao trabalho. Naquela noite, José estava desesperado, sofrendo dores horríveis. E lembrou-se do que se contava no Cemitério sobre os milagres do Dr. Camilo Salgado.

— Dr. Camilo Salgado! O senhor, que é tão milagroso, livrai-me do meu sofrimento. Fazei com que eu fique bom. Por favor, Dr. Camilo, em nome de Deus, me ajude!

José estava só em seu quarto, deitado numa cama rústica. As horas passavam, o relógio estava para acusar o meio da noite, e José não dormia devido às dores. De momento a momento invocava o nome de Camilo Salgado. De repente, a porta do quarto abre-se, José assusta-se e volta-se na direção. Um homem vem entrando, conduzindo uma pasta. José olha-o, enquanto é cumprimentado.

— Boa noite. Continue deitado. Vou operá-lo.

Na penumbra de seu quarto, José fixa a vista no desconhecido. E, lembrando-se de uma fisionomia que lhe era familiar, lá do Cemitério, cheio de espanto, exclama:

— Dr. Camilo Salgado!

José sentiu uma estranha sensação, mas não foi de pavor nem mesmo de medo. Viu o homem aproximar-se, e foi sentindo melhorar suas dores, ao

mesmo tempo em que uma grande sonolência... Dormiu. Ao acordar, totalmente sem dores, José correu ao local de trabalho e contou aos amigos e companheiros de trabalho. Aos incrédulos, mostrava o local, dizendo: “Vocês sabem que não tinha dinheiro para me operar. No entanto, olhem! Olhem!”

Tempos depois, consultando um médico, este constata que havia sido feita uma operação em José com grande perícia. E ao lhe perguntar quem o operara, cético, ouviu o operado responder: “Foi o Dr. Camilo Salgado!”

Há muitas versões para as aparições do Dr. Camilo Salgado. Segundo uma delas, na parte de receituário, ele apenas dá a receita, fazendo o paciente escrever; segundo outra, ele escreve do próprio punho a receita. Conquanto nos empenhássemos no sentido de conseguir uma destas receitas, nenhuma nos foi mostrada. Existem ainda versões que afirmam que, além de dar receita, ele encaminha os pacientes para determinada farmácia, onde haveria um atendimento gratuito, o que os proprietários faziam em homenagem à sua memória. Como no caso da receita, não conseguimos saber ao certo qual a farmácia.

Além destas histórias e versões, soubemos também que em sessões espíritas e umbandistas o Dr. Camilo Salgado tem se manifestado através de médiuns. Note-se, porém, que nas histórias citadas, não existe interferência, direta ou indireta, de espíritas ou umbandistas. Casos de curas milagrosas, porém sem os detalhes da receita e da farmácia, são também atribuídos à alma do Dr. Crasso Barboza.

O Fantasma do Hirondelle

A data 13 é considerada aziaga na crença popular. Aliás, não é somente a data, mas tudo o que se refere ao número 13. O mesmo acontece com a sexta-feira, para a qual existe até o dito "sexta-feira, dia da feiticeira". E se existe tal crença em relação à data do mês e ao dia da semana, também dentre os meses do ano há um que é considerado nefasto: agosto, o mês dos desgostos. Já houve época na vida política brasileira em que este mês era esperado com angustiante expectativa. Afinal, havia fortes razões para isto: crises políticas as mais sérias inquietando a vida do País aconteceram neste mês. Basta lembrar o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em agosto de 1954, e a renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961. A crença relaciona-se ainda ao ano bissexto, considerado azarento e anunciador de desgraças.

Quando coincidem as datas, como, por exemplo, sexta-feira 13 ou 13 de agosto, ou ainda as sextas-feiras de agosto, é então como que aumentada a crença de que coisas ruins acontecerão, talvez pela influência, em um mesmo dia, de forças maléficas. E se, finalmente, há coincidência de três delas - sexta-feira, 13 de agosto - então nem é bom falar...

1970, Março, 13, sexta-feira. No aeroporto de Fortaleza, a inquietação natural de pessoas que vão viajar ou se despedir ou simplesmente apreciar o movimento do aeroporto. Entre os que iam viajar, estavam os passageiros do Hirondelle da Paraense Transportes Aéreos, com destino a Belém. A conversa ia animada, notava-se a presença do famoso astro de televisão Coronel Ludugero, que faria apresentações na capital paraense. Num determinado grupo, dois amigos discutiam: o primeiro queria a continuação da farra que vinham realizando desde a tarde; o segundo afirmava precisar estar em Belém no dia seguinte. Já sem argumentos, o primeiro olha para a sigla da companhia - PTA - e, numa última tentativa, diz: — Prepara tua alma! Olha, além desta sigla já ser agourenta, lembra-te que hoje é 13, sexta-feira! É melhor que não viajes hoje! Ou porque desejasse continuar na farra ou por ter sofrido a influência do prenúncio agourento, o relutante resolveu ficar em Fortaleza, onde belas garotas já estavam a espera para continuar a noitada alegre...

Enquanto o grupo se retirava, os demais passageiros continuavam esperando a hora da viagem, tendo alguns recriminado a brincadeira de mau gosto relativa à data. Afinal de contas, nem se lembravam disto e eis que surge um estraga-prazeres para criar um ambiente de mal-estar. Finalmente embarcaram. Durante a viagem, pouca conversa. Afinal, mesmo os bons conversadores estavam com sono... Estavam chegando a Belém, da qual viam-se as luzes. "Finalmente — pensou um dos passageiros que ouvira a conversa dos farristas no aeroporto — chegamos bem. Nem sei porque me preocupei com aquela bobagem". O avião neste instante descia rumo ao aeroporto de Val-de-Cans. De repente, um baque surdo, acompanhado de choque. Era o

avião que se chocava contra as águas barrentas da Baía do Guajará, afundando em seguida... Era madrugada do dia 14, cerca de 3:30 horas.

O desastre chocou Belém e todo o País. Além de suas proporções — restou única sobrevivente —, vinham a bordo pessoas de destaque da vida cearense, maranhense e paraense, sem falar no Coronel Ludugero, cômico dos mais queridos da televisão brasileira. O Norte estava enlutado. Em Fortaleza, ao acordarem curtindo enorme ressaca, os farristas da noite anterior ouviram os jornaleiros anunciando o desastre com um avião. Compraram o jornal, e o que vinha para Belém, ao tomar conhecimento que o desastre tinha sido com o aparelho em que viajaria, empalideceu, exclamando: — Olha só o que me estava reservado! — Não te disse? Não te disse? — falou o amigo — sexta-feira, 13, é sempre dia de azar. Podes dizer que me deves a vida. O outro, pensativo e cabisbaixo, pensava nos estranhos mistérios da superstição popular...

Em Belém, seguem-se as buscas para localizar os destroços do aparelho sinistrado, realizadas pela Marinha de Guerra, que solicitou uma cábrea (espécie de guindaste flutuante) da Petrobrás. Os trabalhos foram bastante difíceis e prolongaram-se por vários dias. O clima era de mal-estar generalizado, quer pelo tipo de trabalho realizado, quer pela dificuldade com que se processava. Vez por outra, cadáveres subiam à tona, o que forçava uma vigilância constante, a fim de que não fossem arrastados pela correnteza. Jornalistas de várias partes acompanhavam os trabalhos, entre os quais, Álvaro Martins, que é o informante desta história. No terceiro dia de buscas, um cadáver de mulher boiou ao lado do motor que rebocava a cábrea. Tentaram puxar com um gancho, porém todas as tentativas foram infrutíferas. Então, um dos que assistiam, talvez dotado de mais coragem que os outros, jogou-se n'água e, abraçando-se com a morta, trouxe-a para perto da embarcação, para onde foi içada. Na expectativa do aparecimento de outros corpos, o motor ali permaneceu três horas, tempo em que a morta ficou na popa, quase defronte à casa de máquinas, após o que foi conduzida para o dique seco de Val-de-Cans. Ali, foi entregue à Polícia para as providências de praxe.

Comentou-se o caso algum tempo, sendo depois esquecido pelo aparecimento de outros corpos. Apenas o que intrigara alguns tripulantes foi a maneira pela qual se deu o aparecimento daquele corpo, ou seja, próximo ao motor, para depois afastar-se, obrigando a um jogar-se n'água para apanhá-lo... O motor, rebocando a cábrea, voltou ao local do acidente e continuou as buscas. À noite, Domingos Ferreira, cozinheiro da cábrea, tomava banho de balde na popa do motor. Não se lembrava mais do fato e pensava apenas em dormir, após um extenuante dia de trabalho. Apesar de estar só, sentia como se houvesse outra pessoa em sua companhia. E, ao olhar para o mesmo lado da popa, no local onde estivera o cadáver, estava uma mulher. Sentada, como quem está meditando, olhava para as águas da Baía do Guajará, que

escondiam os destroços do Hirondelle... Domingos sofreu um impacto e, num relâmpago, pensou em quem seria que, àquela hora, ainda estivesse ali, no motor. Afastou a ideia de jornalistas e, como não lhe passasse pela cabeça quem pudesse ser, resolveu investigar com a própria. Mas isto tudo foi numa fração de segundo. Quando dirigiu-se à mulher, esta, como que só então sentindo-se notada, levantou-se rapidamente e dirigiu-se à casa de máquinas. Domingos foi atrás. Mas ao chegar à casa de máquinas, a mulher misteriosamente sumira...

Domingos contou aos companheiros o que acontecera. Se aquele trabalho já não era agradável, mais desagradável ainda se tornou, com aquela estranha aparição. Não se falava em outra coisa e havia receio, à noite, de ir à popa do motor. Como, segundo a crença, aparições, assombrações e visagens só aparecem no escuro, uma possante lâmpada, que iluminava todo o local, foi colocada na popa do motor, a fim de afastar o fantasma do Hirondelle...

O Cruzeiro do Telégrafo

Todo bairro suburbano que se preze tem o seu "cruzeiro" — grande cruz, geralmente de madeira, colocada em um ponto estratégico do bairro e no qual os moradores acendem velas ou fazem orações em homenagens aos seus mortos, aos seus santos protetores ou, finalmente, às almas. Via de regra, tais cruzeiros têm fama de serem locais de assombrações e aparições fantásticas. Entre muitos outros bairros, o Telégrafo Sem Fio tem também o seu cruzeiro, localizado na rua Curuçá, em frente ao Grupo Escolar Princesa Izabel. Tal Cruzeiro foi colocado pelos padres da igreja de São Raimundo, como marco dos festejos das Santas Missões, no ano de 1958. E até hoje está lá.

Conta-nos Luís Figueiredo, antigo morador do bairro, que certa vez o senhor José, residente na rua Curuçá, próximo à passagem Cuiabal, voltava cerca de 23:30 horas para sua residência. Vinha de seu emprego, onde fizera algumas horas extras. Pensando nos cruzeirinhos a mais a receber, cantarolava uma canção. José era um homem sóbrio: não bebia e dificilmente participava das rodas que se faziam nos cantos para discutir futebol. Chefe de numerosa família, vivia arquitetando mil e uma maneiras de complementar o parco salário, que mal dava para mitigar a fome de seus familiares. Na impossibilidade de conseguir outros "bicos", trabalhava horas extras na firma, onde, embora não fosse muito o que ganharia, era, contudo, infalível. — Mais vale o pouco certo do que o muito duvidoso, pensava.

Ao aproximar-se de sua casa, divisou um vulto perto do cruzeiro. Como na época ladrões andavam pelas imediações, José resolveu verificar o que o indivíduo fazia ali, já próximo ao meio da noite. Conhecido por todos e a todos conhecendo, se fosse algum estranho, daria o alarme. Ao chegar perto, notou o traje diferente: batina. Despreocupado, avançou para saudar o Sacerdote. Porém, ao aproximar-se ainda mais, não quis acreditar no que seus olhos viam. Esfregou-os. Olhou de novo. Continuava a ver a mesma coisa. Calafrios. Suores. — Meu Deus, não é possível. E, dizendo isto, José mais uma vez esfregou os olhos e olhou. No relógio, meia-noite! De pé, junto ao cruzeiro, estava o Sacerdote, batina negra, e neste instante ajoelhava-se. Apenas — e muito simplesmente — o Padre não tinha cabeça. Lá estava seu corpo, seu pescoço e no lugar da cabeça, o vácuo. José não teve mais dúvidas desta vez. Saiu em desabalada carreira, meteu o pé na porta de sua residência, colocando-a embaixo. Aos seus familiares narrou o fato, justificando o gesto pelo pavor que o acometera.

A história correu o bairro. Muitos começaram a falar medrosamente do Padre-sem-Cabeça que aparecia no cruzeiro do Telégrafo. E o cruzeiro ganhou fama de mal-assombrado. Tempos depois, outras pessoas voltaram a ver o misterioso Padre-sem-Cabeça. Nossa informante, a jovem Antimary, disse-nos que ele voltara a aparecer, desta vez sendo visto não apenas por uma pessoa, mas por várias. Grupos de moças, que iam ou retornavam de festas, ao

passarem pelo cruzeiro do Telégrafo, viam o Sacerdote, de braços abertos, em atitude de quem está orando. Não é preciso nem dizer que não ficavam para ver o resto: fugiam correndo do local, só parando em suas residências. Ao que consta, o Padre nunca perseguiu ninguém, nem nunca se dirigiu aos que o viram. Sua atitude sempre foi pacífica. O pavor que causa é única e exclusivamente... por não ter cabeça! As épocas em que mais costuma aparecer são a quadra carnavalesca e a quadra junina... Dizem que vai orar pelos que cometem excessos nestas quadras... De uma forma ou de outra, os que sabem das aparições do Padre-sem-Cabeça evitam passar, à noite, pelo cruzeiro do Telégrafo!

Aparições do Parque

O Núcleo de Parque de Aeronáutica de Belém, situado na avenida Almirante Barroso (ex-Tito Franco) esquina com a Dr. Freitas, bairro do Marco, é local onde soldados e cabos que ali serviam acreditavam ser palco de algumas aparições fantasmagóricas. Pelos idos de 60, a 1ª Zona Aérea promovia a substituição do segundo uniforme usado pela Aeronáutica, de cor cáqui, conhecido nos meios populares por "meganha" (termo usado para designar os soldados da Polícia Militar), pelo atual uniforme azul-baratea. Nesta época, afirmavam praças mais antigos que, em certos locais, via-se, à noite, perambular um militar de uniforme branco, cuja descrição correspondia ao primeiro uniforme da Aeronáutica. Tal militar, ou melhor, o seu fantasma, andava em certos trechos do Parque, principalmente na área próxima à garagem e ao então chamado "hangar de nariz", assim designado por ter, em um de seus extremos, uma construção mais elevada. Vários soldados e cabos juravam haver visto o militar procurando alguma coisa, e alguns afirmaram que ele havia tentado falar, porém os que disseram não ficaram para escutar... Não se tem conhecimento de que sargentos ou oficiais tenham visto semelhante espectro. Parece até que este procurava aparecer apenas para soldados e cabos...!

Na época, a avenida Duque de Caxias era imenso matagal e por ali não circulavam veículos e muito menos havia, como hoje, linhas de ônibus regulares. Também não existia o atual e moderno conjunto residencial e a própria Dr. Freitas era igualmente matagal. Talvez o aspecto do local contribuísse, mas o certo é que esta área, nela incluindo o Aero Clube e mais os fundos do Parque de Aeronáutica, era tida como mal-assombrada. Os soldados daquele tempo consideravam falta de sorte serem escalados para tirar serviços de sentinela na guarita que dava acesso a uma pista rodoviária, àquela altura não concluída, conhecida por estrada da Sacramenta.

Uma noite de sexta-feira do ano de 1960, no horário das 24 às 2 horas da madrugada, estava um praça de serviço nos fundos do Parque e aproximou-se um companheiro seu, que era sentinela-volante no interior daquela unidade militar. Conversavam próximo ao "hangar de ferro" (ao lado do Aero Clube) quando, vindo da estrada da Sacramenta, surgiu um homem. Os dois tiveram suas atenções voltadas, e, ao notarem que ele passava a linha divisória do quartel, o sentinela do portão dos fundos solicitou ao sentinela-volante que permanecesse onde estava, ao mesmo tempo que dirigia-se ao intruso. Gritou: — Alto! O homem, como se não ouvisse, continuou caminhando quartel adentro. Na época, governo de Juscelino, vários quartéis estavam de prontidão ou sobreaviso. O sentinela ficou intrigado com o fato, pensando tratar-se de alguma armadilha. Colocou o seu pente de balas no mosquetão, pôs uma na agulha, apontou na direção do homem e repetiu: — Alto! O homem avançava. Mais atrás do sentinela, estava o volante olhando para todas as direções. Não via nada, apenas o homem avançando. Já bem próximo ao sentinela, joga-se

ao chão, de joelhos, mãos postas em gesto de "amém", e implora:

— Pelo amor de Deus, não me mate!

— Com os diabos! Não quero matá-lo. Levante-se. Mas o senhor não ouviu minha voz de "alto"? Por que avançou? Por que entrou no quartel?

— "Eles" estão atrás de mim! Querem me pegar! Por favor, me proteja.

— "Eles", quem? Não vejo ninguém.

— Mas "eles" estão bem ali, no meio do mato.

E o homem, já de pé, apontava para a estrada da Sacramenta. O sentinela olhou-o detidamente: não estava embriagado, não havia sintoma de maconha. Apenas o pavor em seu rosto. Pensou: "Será algum louco que fugiu do Juliano e os enfermeiros estão atrás?" Logo em seguida abandonou a hipótese: os enfermeiros não iriam se esconder para segurá-lo. Se quisessem alguma coisa neste sentido, até lhe solicitariam a colaboração. Procurou acalmar o homem, disse-lhe que não havia ninguém e dispôs-se a deixá-lo até alguns metros além da linha divisória do quartel, mas sempre vigiado pelo seu companheiro volante que ficara mais atrás. O eco trazia o som dos tambores dos batuques da Pedreira. O sentinela sentiu um ligeiro mal-estar. Voltara a falar com seu companheiro volante, quando o homem volta novamente. E se repete a mesma história. E o sentinela e mais o volante, por mais que olhassem para a estrada da Sacramenta, não viam nada.

— Pelo amor que o senhor tem na sua mãe, deixe-me ficar aqui. Senão "eles" me pegam.

— Mas, meu amigo, não tem ninguém ali. E isto aqui é um quartel. O senhor não pode ficar aqui. Vou acabar lhe prendendo.

— Pois me prenda! No xadrez estarei mais seguro. Lá "eles" não vão me agarrar.

— Mas, afinal, "eles", "eles", quem? Seus inimigos?

— Não sei quem são. Tentaram me pegar ainda agora e quando voltei, de novo! Não volto pra esta estrada, não volto, não!

Olhos esbugalhados, o homem olhava com pavor em direção à estrada da Sacramenta. Os tambores dos batuques continuavam no seu dumdum... dum-dum-dum ... dum-dum... O sentinela olhou o relógio. Era 1:30 hora. Deu graças por seu tempo estar chegando ao fim. Voltou-se para o homem: — Olhe, já lhe disse que não há ninguém ali, e não vou lhe levar preso coisa nenhuma. O senhor vai embora daqui, e já. O senhor deve apenas estar com medo... e é só isto. Ali não tem ninguém. — É porque o senhor não se sentiu agarrado como eu. Não me deixe ir só para lá... — Mas... o senhor fala que tentaram lhe agarrar. Quem tentou lhe agarrar? — Já lhe disse que não sei. Eu não vejo "eles", apenas sinto. O sentinela achou que o homem estava doido mesmo e o fez voltar. Este foi devagar, olhava para trás, para os lados e, principalmente, para a frente. O soldado, atrás do homem, fazia com que

caminhasse, deixando-o a uns 15 metros além do portão dos fundos do Parque, na estrada da Sacramenta. Se na Dr. Freitas a iluminação já era deficiente, ali então era igual a zero. Reinava a mais completa escuridão!

O militar voltou a seu posto, e seu companheiro volante ainda o esperava no mesmo local. Ao chegarem os seus substitutos para o próximo quarto de hora, passaram as ordens e advertiram quanto ao homem do portão dos fundos. No ar, continuava o rufar dos tambores. Manhã de sábado. Após dormirem profundamente, sentinela e volante esperavam a nova guarda que ia rendê-los. Quando isto se deu, lembraram-se do acontecido na noite anterior. Resolveram ir até o portão dos fundos e lá indagaram se o sentinela que tinha assumido o posto tinha visto alguma coisa ou alguém lá por perto. — Não, nada. Apenas um homem estava dormindo na beira da estrada da Sacramenta, há coisa de 20 metros daqui. Acordei-o, levantou assustado, olhou pra todos os lados e disse, expressando satisfação: — "Ah! "eles" já foram". E em seguida foi embora. Sentinela e volante da guarda anterior relataram então o acontecido, e os três fizeram mil e uma conjecturas sobre o que o homem teria sentido e o que seriam "eles" em sua linguagem. Não chegaram a uma conclusão sobre o que poderia ter sido, mas tinham um ponto comum: ali havia "coisa" e não devia ser nada bom. Lembraram-se dos tambores, que era sexta-feira, e os associaram com "exus". Entreolharam-se desconfiados, olharam para a estrada da Sacramenta: de dia, com aquela vegetação, até que era bonita. O negócio era só à noite. Mas que havia "coisa", havia... sábado, porém, o mais importante era aproveitar o fim de semana de folga. Deixariam para pensar na "coisa" no próximo serviço...

A ponte do Igarapé das Almas

Quem morasse nas cercanias do Igarapé das Almas (ou Doca de Souza Franco) o conhecia. Estatura mediana, cor escura, fala reconhecível pelo tom de voz meio enrouquecido, valente como poucos. Ah, que era valente era mesmo. Disto ninguém duvidava. Os poucos que se atreveram saíram "com a cara cheia de alegria", expressão que se usava então. Assim era Mapinguari. O porquê do apelido talvez nem o próprio soubesse, embora quem o conhecesse, se tivesse conhecimento do mito amazônico do mesmo nome, via que seu aspecto se assemelhava ao do personagem mítico. A bem da verdade, Mapinguari, apesar do apelido, da aparência e da fama, não era mau. Tomava suas caninhas nas biroscas existentes à margem do Igarapé, mas não mexia com ninguém. Se molestado, aí sim, o homem ficava uma fera.

Nesse tempo, década de 50, o Igarapé ainda era bem movimentado. Havia uma feira diária em suas margens abastecida por canoas que levavam seus produtos Igarapé adentro, o que dava perfeitamente. Não havia o canal agora existente, e a feira, juntamente com o Mercado Municipal, situado na esquina da Doca com a rua Gaspar Viana, dava um colorido todo especial àquelas paragens. Na continuação da Doca, à direita da rua 28 de Setembro, do outro lado, continuava a feira, porém apenas com objetos de cerâmica. E no prolongamento do Igarapé, moleques procuravam pescar matupiri para pretensos aquários. À altura do fim da rua Manoel Barata e início da rua Jerônimo Pimentel, havia uma ponte de madeira que permitia a passagem sobre o Igarapé unindo as duas ruas (depois da construção do canal, foi construída uma ligação de concreto). As ruas eram matagais e nenhuma das construções atuais existia, inclusive o colégio do Senac.

Pois bem, era nesse meio que vivia Mapinguari. Gostava do Igarapé e ali vivia seu dias, tirando o ganha-pão de eventuais biscates. Como ele, havia outros com o mesmo sistema de vida, irmãos desta imensa confraria de desafortunados da sorte — ou de privilegiados que não se preocupam com coisa alguma, pelo muito que aprenderam na escola da vida. Entre os companheiros de Mapinguari, estava Cavalo, sujeito pardo, meio pessimista, que vociferava o tempo todo contra seu destino. Lá um dia, Cavalo morreu, deixando seus amigos saudosos, entre eles, Mapinguari, que, toda vez que ingeria um trago, lembrava o amigo saudando sua memória. Já se passava um ano que Cavalo havia morrido, e Mapinguari já nem mais se lembrava dele.

Certa noite sem lua, meio chuvosa — era época invernosa e o mato estava bastante crescido —, Mapinguari retornava às biroscas defronte ao Mercado Municipal, tendo para isto que cruzar a ponte de madeira entre Manoel Barata e Jerônimo Pimentel, já referida. O lugar estava totalmente deserto, mas isto não assustou Mapinguari, que era valente, não tinha medo de nada e já estava acostumado a fazer tal itinerário diariamente. Embora passasse um pouco da meia-noite, Mapinguari assobiou um choro qualquer da época e de passo

firme cruzou a ponte. Foi aí — e talvez a única ocasião em sua vida — que Mapinguari sentiu medo! Quando estava no meio da ponte, teve uma sensação de que estava sendo observado. E em seguida, o chamado glacial:

— Ei, Mapinguari!

Mapinguari parou. A voz era em tudo semelhante à de Cavalo, inclusive aquele tom tristonho que lhe era característico. As pernas começaram a tremer, enquanto um frio lhe passava pela espinha. Tentou gritar. Em vão — não tinha voz. Quis correr — as pernas não obedeciam ao comando do cérebro. E de novo a voz:

— Ei, Mapinguari! Sou eu, o teu amigo, o Cavalo. Não tem medo de mim!

Mapinguari, por muito favor, conseguiu olhar pelo rabo-do-olho para trás. Lá estava um vulto, esbranquiçado, semelhante ao de Cavalo. Apenas que sorridente.

— Olha, Mapinguari, eu agora sou feliz. Vivo muito bem. Tu não queres vir comigo?

Mapinguari, como se estivesse tendo um pesadelo, quis responder "não" e não conseguiu.

— Mapinguari, eu sou feliz e me lembrei de ti. Há muito tempo que quero falar contigo. Mas não conseguia. Vem comigo e serás feliz também. Olha, eu sou feliz...

Horrorizado, Mapinguari fechou os olhos. E em sua mente ficou aquele eco: "eu sou feliz... eu sou feliz"... Quanto tempo ficou ali não se lembra. O fato é que, ao abrir os olhos de novo, não viu mais o vulto. Experimentou andar e, ao ver que conseguia, saiu em desabalada carreira, só parando junto às biroscas. Apesar da sua cor negra, Mapinguari estava quase branco de tão pálido. Um "trago" foi providenciado e, após tomar, ainda custou um pouco a dizer alguma coisa. Nunca se tinha visto Mapinguari assim. Quando conseguiu contar o que se tinha passado, alguns riram, outros começaram a contar histórias do gênero, porém todos ficaram impressionados com o fato. O caso se espalhou. Muitos pediram para Mapinguari contá-lo. E se duvidavam, com os olhos esbugalhados, repetia. — Eu juro que vi o Cavalo lá na ponte. Disse que era feliz e queria me levar. Juro! Mapinguari era valente. Disto ninguém duvidava. Porém nunca mais passou de noite na velha ponte de madeira sobre o Igarapé das Almas! E o mesmo fazia a maior parte das pessoas das redondezas...

Procissão das Almas

Diziam os antigos: — Não se deve nunca procurar saber as coisas que não nos dizem respeito. A curiosidade tem seu preço! Carmelina sabia disso. Mas, curiosa por excelência, querendo saber de tudo, principalmente da vida de seus vizinhos, não dava a mínima importância para o sábio conselho. Ou melhor, dar importância, dava, porém, solteirona, sem ter muito o que fazer, dividia seu tempo entre Rex, seu cachorrinho pequinês, e o levantamento que fazia da vida dos moradores das cercanias. No bairro de Santa Izabel, onde morava, todos a conheciam: quisessem saber da vida de quem quer que fosse, bastava dirigir-se à Carmelina. Sempre tinha informações, sabia quem era solteiro ou casado, viúvo ou desquitado, quem namorava ou estava livre, enfim, era autêntico DIVA — Departamento de Informações da Vida Alheia. Quando chegava a um grupo, era sempre perguntando: O quê? quem? quando? parecendo um repórter. Isto a fazia persona non grata nas rodas que freqüentava, principalmente pela fama que gozava.

... e os antigos diziam: — Não se preocupem com a vida alheia...

Entretanto, ou porque Rex não lhe absorvia totalmente o tempo, ou porque não tivesse algo mais útil que fazer, Carmelina estava sempre indagando daqui e dacolá, procurando saber tudo, não com aquela interrogação necessária à existência da própria ciência, porém de maneira bisbilhoteira!

... e diziam os antigos: — Cada um pense em si e Deus em todos...

Naquela noite, Rex estava inquieto. Era bem tarde, e Rex começou a latir, farejando o ar. Em casa de Carmelina, todos dormiam, com exceção da própria, que ficara, janela entreaberta, espiando um casal de namorados quase defronte à sua residência. Mal deitara e eis os latidos de Rex a fazerem com que novamente se levantasse. Pegou o cachorro, levantou-o e o acariciou, como só as solteironas sabem fazer com animais. O alvoroço do cão continuava. Neste momento, ouviu estranho ruído vindo da rua, como se fossem passos de muitas pessoas. Carmelina morava na travessa Castelo Branco, próximo à avenida Conselheiro Furtado. A inquietação de Rex transmitiu-se à Carmelina, principalmente quando, simultâneo ao barulho dos passos, ouviu o entoar de cânticos. Sua mente começou a funcionar, pensando no que poderia ser. Rex continuava latindo; Carmelina agora, apesar de desassossegada, mais que nunca, estava curiosa para saber do que se tratava.

... e os antigos diziam: Não se meta onde não é chamado...

Carmelina não quis saber disso. Mais do que o normal, sua curiosidade havia sido provocada. Ainda olhou o relógio — faltava um minuto para a meia-noite —, viu que era tarde e uma hora aziaga, principalmente em dias de sexta-feira, mas queria saber o que era. Não podia se controlar, imaginando o que seriam aqueles passos e cânticos àquela hora da noite... E abriu a janela. No relógio, meia-noite em ponto!

O que viu, petrificou-a! Uma procissão, todos conduzindo velas e entoando hinos religiosos. Não havia sido programado nenhum festejo religioso para aquele dia, e Carmelina não podia compreender a razão daquilo. Além do que não conseguia distinguir direito as pessoas. Os olhos pareciam embaciados, pois via apenas seus contornos; os sons eram enrouquecidos, cavernosos, e não captava as palavras claramente.

Quis fechar a janela. Uma força superior ao comando de seu cérebro paralisou-a. Mil vezes arrependida, Carmelina, sem poder se mexer, notou que um dos componentes da procissão saía do meio dos demais e caminhava em sua direção. Chegou até à janela:

— Estou muito cansada. A senhora, por favor, quer segurar esta vela? Depois voltarei para apanhar...

Mecanicamente, sem entender o gesto e muito menos articular palavra, Carmelina estendeu a mão, segurando o que lhe era oferecido. Mal segurou, a vela apagou-se! A pessoa que lhe dirigira a palavra retornou à procissão, acompanhando-a. Pregada à janela, Carmelina viu o cortejo dobrar na Conselheiro Furtado, rumo à travessa José Bonifácio, assim como se fosse para o Cemitério de Santa Izabel...

Com a vela na mão, Carmelina esperou até a madrugada. Queria sair dali e não conseguia se arredar. Mas ninguém voltou para apanhar a vela. Exausta, já quase de manhã, conseguiu finalmente deitar-se, colocando a vela em cima da cômoda. Teve um sono angustiado, onde se via cercada por seres espectrais...

... — Quem brinca com fogo se queima, diziam os antigos...

No dia seguinte, ao despertar, Carmelina foi verificar a vela em cima da cômoda. Recuou espantada.

— Nããããããoo... Não é possível...!

Em lugar da vela, estava um osso humano, mais precisamente, um fêmur! Gritou apavorada, sendo acudida por seus familiares. Contou-lhes o ocorrido, porém todos estavam incrédulos. Ninguém ouvira nada. A única coisa a confirmar a história da moça era o fêmur, que permanecia no móvel. Carmelina recorreu aos frades capuchinhos, aos quais narrou o fato da noite precedente, perguntando o seu significado e o que deveria fazer. Os frades disseram-lhe que talvez quisessem trazer alguma mensagem. E aconselharam-na a passar o dia rezando pelas almas sem paz e esperasse, sozinha, à noite, às mesmas horas, para ver o que aconteceria. Disseram ainda que possivelmente iriam buscar o que haviam deixado.

A moça passou o dia em orações. À noite, rezando sempre, segurando um crucifixo, mas mesmo assim cheia de medo, ficou em grande espectativa pelas 12 badaladas. À medida que o tempo passava, mais sua ansiedade aumentava.

Carmelina sentia calafrios e foi toda arrepiada que ouviu os cânticos da noite anterior. Apressadamente, vencendo o pavor que sentia, segurou o fêmur e esperou na janela. Quando a mulher dirigiu-se a ela perguntando pela vela, Carmelina entregou-lhe o fêmur.

— Espero que tenha aprendido a lição. Sua sorte foi ter consultado os frades e feito o que lhe disseram. Em caso contrário, não pode nem imaginar o que lhe estava reservado... Somos almas penitentes, à procura de paz. Pense mais um pouco em si mesma e nos seus defeitos e deixe de se incomodar com o que os outros fazem. Se agir como digo, poderá ainda ser feliz...!

Ao terminar, dirigiu-se novamente à procissão. Muda, paralisada, Carmelina seguiu-a com o olhar. E foi atônita que viu todo o préstito, assim que a mulher o alcançou, ir sumindo aos poucos, — como se estivesse evaporando...

.... e diziam os antigos: — Não se deve nunca procurar saber as coisas que não nos dizem respeito. A curiosidade tem seu preço...!

O Grito dos Lenhadores da Pedreira

— Oooooiiii...

— Socorro! Socorro!

— Oooooiiii...

— Socorro! Socorro!

Os moradores do bairro da Pedreira, durante o primeiro quartel deste século, ouviam, cheios de medo, altas horas da noite, aqueles gritos horrorosos e angustiantes. O primeiro gritava um estridente oooooiiii..., característico de habitantes de áreas rurais ou de selvas, que serve para avisar que alguém está chegando ou a sua simples presença; segundos após, ouvia-se os pedidos de socorro de alguém que estivesse... estivesse... os qualificativos angustiado, temeroso, horrorizado, apavorado, qualquer um deles que se use não diz o bastante do que expressava o grito: talvez fossem todos eles juntos e alguma coisa mais ainda.

Guapindaia Assu de Moraes, velho morador da Pedreira, é quem narra a presente história. Segundo ele, até hoje o fato é contado de boca em boca, porém são poucos os ainda vivos que tiveram oportunidade de ouvir os famigerados gritos, mesmo porque naquela época a Pedreira não era o populoso bairro que é hoje, como, também, pelas muitas dezenas de anos que já se passaram...

Aquela época, ano de 1925, Guapindaia criança, a Pedreira, como a maior parte da cidade, não possuía luz elétrica, nem qualquer outro tipo de iluminação: o bairro, à noite, vivia na mais completa escuridão, que fazia poucos se aventurarem fora de suas casas. As noites enluaradas quebravam mais o aspecto soturno: era quando se colocavam cadeiras às portas e os rapazes saíam a ver suas namoradas. Porém, noite escura ou de luar, ouvia-se:

— Oooooiiii...

— Socorro! Socorro!

E, embora saíssem grupos de pessoas a ver o que era, nada encontravam. Somente os gritos, a ecoar na noite. Nestes momentos, os que ouviam os gritos sentiam gelar o sangue nas veias. E, se a noite era enluarada, acabava com todo o seu romantismo: não foram poucos os corajosos que se despediram apressadamente de suas amadas... Assim eram as noites pedreirenses do início do século XX, até que um dia... Antes, porém, interrompamos a história aqui e recuemos no tempo... recuemos... recuemos meio século... um século... século e meio... estamos no último quartel do século XVIII.

Quem conhece a Pedreira hoje, com a avenida Pedro Miranda asfaltada e iluminada, o mesmo acontecendo com suas principais travessas, não a reconheceria naquele longínquo fim de século. Quem, hoje, vê as quadrilhas,

os pássaros e os bois nos festejos juninos, os ranchos carnavalescos durante a quadra de Momo, as boites e dançarás noturnos — isto tudo tornando-a conhecida como o bairro do Samba e do Amor, ou simplesmente a Pedreira do Samba e do Amor — não reconheceria, na viagem de tempo que fizemos, o imenso igapó de selva virgem. Sim, porque só naquela altura Santa Maria de Belém do Grão-Pará começava a se expandir naquela direção e só aí se iniciava o desbravamento do bairro cantado por Bruno de Menezes, Jaques Flores, Nilo Franco e tantos outros escritores e cronistas da terra. E a Pedreira deixava de ser floresta virgem nos fins do século XVIII...

Como sabemos o fato? Ele foi contado pelo avô de Guapindaia, que contou ao pai de Guapindaia, que contou ao Guapindaia, que nos contou... Nordestinos vindos das várias capitanias aqui chegavam, entre eles, o avô de Guapindaia, originário do Piauí. Estavam todos engajados na derruba de árvores de grande porte, enfrentando os perigos de animais selvagens e do verdadeiro pantanal que era a área. E Guapindaia informa que as árvores derrubadas eram transformadas em achas — toros rachados em quatro partes — e vendidas a estancieiros de lenha ou a padarias, que as usavam em seus fornos para o fabrico de pães, ou ainda a carvoeiros, que as empilhavam e construíam "caieiras" (fornos primitivos que transformavam a lenha em carvão). Vendiam seu produto, posteriormente, às donas de casa, numa época em que os fogões domésticos ou eram à lenha ou a carvão, nem se sonhando com fogões a querosene ou a gás.

Nesse tempo, imperava a lei da selva, ou seja, a lei do mais forte. Enquanto os lenhadores trabalhavam honestamente, procurando, com seu esforço, ganhar o pão de cada dia, havia os ladrões de lenha, que a subtraíam sempre que aqueles se descuidavam. Quando eram flagrados na prática desonesta, travavam-se verdadeiros duelos, onde apareciam em cena o terçado 38, a faca tipo americana, a peixeira e até mesmo o machado. Os mortos eram sepultados no local ou então simplesmente serviam de pasto aos urubus....

— Ooooooiiiii...

— Socorro! Socooooooorro!

E em pleno século XX, século e meio após as cenas acima descritas, continuavam os gritos dos lenhadores da Pedreira. O espiritismo kardecista, na época, já estava mais ou menos difundido em Belém. E, numa noite, local onde hoje se situa a travessa Timbó, perímetro compreendido entre a Visconde de Inhaúma e a Marquês de Herval, mais conhecido como "Baixa Verde", realizava-se uma sessão espírita. Era presidida por D. Pena, famosa preta velha do bairro. Nesse momento, perturbando os trabalhos, ouviu-se:

— Ooooooiiiii...

— Socorro! Socooooooorro!

D. Pena concentrou-se, fez suas orações, solicitando que os presentes fizessem o mesmo. E, todos concentrados e orando, D. Pena invocou o

espírito perseguido. Sem a fazer esperar, o espírito baixou num dos médiuns, dando seus horrorosos gritos de socorro, semelhantes aos que eram ouvidos pelo bairro.

— Socorro! Socoooooorro!

Os presentes esqueceram a concentração e estavam prestes a se levantar da mesa. Porém D. Pena solicitou calma e orações, a fim de doutrinar o espírito sofredor. Em seguida, pediu ao espírito que relatasse a causa de seu sofrimento. E todos, espantados, ouviram, então, quando o espírito, através do médium, relatou que, há cerca de 150 anos, quando de sua última encarnação, era lenhador e encontrara um ladrão surrupiando sua lenha. Fez justiça pelas próprias mãos, matando o larápio. Mais tarde, em um outro duelo, foi morto. E desde aí o espírito daquele que ele matara vivia perseguindo-o, a fim de vingar-se. O espírito encerrou seu relato pedindo aflito, pelo amor de Deus, que não o abandonassem à ira de seu antagonista.

D. Pena começou a doutriná-lo. Mas assim que iniciou, bem em frente a casa, em plena escuridão:

— Oooooiiiii... oooooiiiii...

Era o horripilante grito de guerra do espírito vingador. Ninguém mais se conteve: o espírito que estava incorporado desincorporou no mesmo instante, subindo mais que depressa; os médiuns esqueceram as orações e a concentração e saíram na carreira, o mesmo fazendo a própria D. Pena. E durante muitos anos ainda continuou-se ouvindo na Pedreira:

— Oooooiiiii... oooooiiiii...

— Socorro! Socoooooorro!

Amedrontados, diziam os habitantes: — É o grito dos lenhadores...! Mais tarde, com a evolução da cidade e o desenvolvimento da Pedreira do Samba e do Amor, com a chegada da luz elétrica e o crescimento populacional do bairro, aos poucos foram desaparecendo os horríveis gritos. Mas, até hoje, nas rodas de conversa noturna, sorvendo uma cana com limão, nos carteados ou dominós, ou ainda quando se contam as visagens e assombrações da cidade, aparece sempre um velho morador do bairro que relembra o grito dos lenhadores da Pedreira, com os inomináveis:

— Oooooiiiii...

— Socorro! Socorro!

A Moça do Táxi

Cerca de 22 horas. Raimundo dirigia pela avenida Independência em direção ao Largo de Nazaré (Praça Justo Chermont). Quase ao chegar à travessa 14 de Março, uma jovem fez o sinal para o táxi. Raimundo parou.

— Por obséquio, deixe-me na avenida José Bonifácio, defronte ao Cemitério de Santa Izabel.

O motorista seguiu para o endereço dado. Ao chegar, a moça falou:

— Estou sem dinheiro trocado. Mas o senhor faça o favor de cobrar, amanhã, neste endereço.

Entregou um pedaço de papel a Raimundo, no qual estava anotado o seu nome, tendo por baixo: avenida Nazaré, n°... casa do senhor fulano de tal. Meio contrariado, o motorista segurou o papel que lhe era oferecido.

— Mas logo hoje, que a renda está fraca, pensou!

Avenida José Bonifácio quase deserta. Após haver deixado um passageiro, Walter seguia rumo ao Largo de São Braz. Lá adiante, defronte ao portão principal do Cemitério, a moça acenou. Ingressando no veículo, pediu:

— Por favor, leve-me para a avenida Nazaré, perímetro compreendido entre travessa Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa.

Ao ser deixada no destino, solicitou:

— Amanhã o senhor cobra aqui nesta casa, com o senhor fulano. Diga que a corrida foi de sua filha.

O carro seguia velozmente pela São Jerônimo (avenida Governador José Malcher), próximo à travessa Benjamin Constant. Uma jovem, de pé, junto a uma mangueira, fez o sinal quase em cima. O motorista estacionou. Recebeu a ordem de conduzi-la para o Cemitério de Santa Izabel. Em lá chegando, o pedido de cobrar a corrida no dia seguinte, na casa defronte à qual pegara o veículo. Tomando o táxi na avenida José Bonifácio, solicitou para ser conduzida à travessa Dr. Assis, no bairro da Cidade Velha. E a mesma história das narrativas anteriores se repetiu: mandou o motorista cobrar no dia seguinte, no local onde era deixada.

Um dia qualquer do ano. Porém sempre uma data certa. A moça faz o sinal para o táxi, geralmente de quatro portas, sentando-se atrás. Solicita ao motorista que vá ao bairro da Cidade Velha. Pede para ir devagar pelo Largo da Sé (Praça Frei Caetano Brandão); volteia o Largo do Carmo, faz questão de ir ao Porto do Sal, dirige-se em seguida ao Arsenal de Marinha, solicitando sempre marcha lenta. O motorista, meio aborrecido, pergunta:

— Mas, afinal, onde a senhora quer ficar?

— Depois lhe direi. Não se aborreça comigo, por favor. O senhor cobrará depois quanto quiser. No momento não vou a lugar nenhum. Estou apenas

passeando. Sabe? Hoje é meu aniversário, e meu pai, todos os anos, me dá de presente uma volta de táxi pela cidade. Ele pagará quanto o senhor pedir.

— Afinal, tudo é possível, pensou o homem. E acompanhou aquela turista em sua própria cidade, fazendo ele mesmo um turismo forçado. Depois da Cidade Velha, outros bairros se seguiram. A moça olhava demoradamente os quarteirões, as casas, fazendo observações.

— Este prédio é novo... Bem aqui tinha um campinho de futebol, onde a molecada brincava. Mas como está a avenida Pedro Miranda! Quase nem a reconheço...! ... Imagine só... quem diria que esta é a avenida Duque de Caxias? Até bem pouco tempo era um matagal... Ah! o velho Bosque Rodrigues Alves... não muda nunca... Terra Firme é um bairro novo, não?... Que conjuntos enormes estão fazendo na Marambaia e na estrada Augusto Montenegro. Se há algum tempo se falasse em morar nestas bandas, até diriam que se estava doido. E agora, né?... Sabe? antigamente gostava de passear à noite, na quadra junina. Os bairros do Marco e da Pedreira ficam lindos, cheios de fogueiras em todas as ruas e travessas... E as festas caipira? nem é bom falar... Ainda fazem aquela fogueira enorme lá no largo da Côndor (Praça Princesa Izabel) no dia de São João?

E como se só saísse uma vez durante o ano, a moça relatava as modificações nos vários bairros de Belém. Depois de tê-los percorrido, pediu para ser deixada no bairro de Santa Izabel.

— Pode deixar-me aqui. Agora vou andar um pouco a pé. Muito obrigada por tudo, principalmente pela sua paciência comigo.

— Muito bem, moça. Feliz aniversário. Mas... e a corrida?

— Ah! Sim, desculpe, ia esquecendo. Cobre com meu pai, neste endereço. Diga-lhe que é meu presente de aniversário! Muito obrigada de novo. Té logo.

Raimundo — ou Walter, ou Augusto, ou José, ou qualquer que seja o motorista — conta sempre o mesmo desfecho para a cobrança da corrida. Isto tanto faz no caso de deixarem a moça, à noite, no Cemitério de Santa Izabel, como no caso inverso, ou seja, de ela tomar o carro lá e ficar, depois, numa das ruas citadas (avenida São Jerônimo, avenida Nazaré ou travessa Dr. Assis), como ainda, de dia, na volta de táxi pela cidade, como presente de aniversário... Acompanhemos, pois, o final da história!

No dia seguinte, pela manhã, o motorista foi ao endereço dado pela moça.

— Bom dia! Mora aqui o senhor fulano?

— Bom dia! Sim, mora. O que o senhor deseja?

— Vim cobrar uma corrida...

— ???!

— Vim cobrar uma corrida de táxi da filha dele.

— Mas ele não tem filha, ou melhor, nós não temos, porque sou esposa

dele.

— Não é possível!

— Ora, não tenho porque lhe mentir...

— Mas ontem uma moça assim, assim, correu toda a cidade em meu carro e me mandou cobrar aqui, dizendo ser filha do senhor fulano e que o passeio era o seu presente de aniversário (ou então refere-se à corrida casa-Cemitério ou vice-versa).

A senhora empalidece.

— Olhe, já lhe disse que não temos filhas...

Nesse momento, pela porta entreaberta, o motorista nota o retrato de uma moça. E, apontando-o, diz:

— A moça é aquela ali!

A senhora rompe em soluços.

— Não é possível... aquela moça era nossa filha... Mas ela já morreu há tanto tempo... E, realmente, o pai costumava lhe dar de presente uma volta de táxi pela cidade.

O motorista começa a ficar nervoso. Já não se interessava nem em cobrar a corrida. Só quer esclarecer se a moça que pegou o seu carro estava viva ou não. O caso é solucionado pela chegada do marido, que afirma a morte da moça, prontificando-se a levá-lo ao Cemitério. E lá, mostra o túmulo, onde o motorista vê um retrato igual ao que havia na casa...

Esta história, que é uma das mais divulgadas em Belém, tem diversas versões:

1. Quanto à residência da moça: há variações, predominando, entretanto, dois bairros, o de Nazaré e o da Cidade Velha. Neste último, a rua em que se situa a casa é a travessa Dr. Assis; já no primeiro, são indicadas duas ruas: as avenidas São Jerônimo e Nazaré, variando ainda o perímetro. Porém, para qualquer das duas avenidas, sempre estaria situada entre as alternativas que se colocam entre as travessas 14 de Março e Benjamin Constant;

2. Quanto à ocupação do veículo: ou ele é ocupado para a volta pela cidade, e, neste caso, geralmente de dia, ou é tomado defronte ao Cemitério de Santa Izabel para conduzir a moça à residência ou ainda o contrário, ou seja, toma o carro defronte à casa e pede para ser levada ao Cemitério;

3. Em relação à cobrança da corrida: os pais da moça só estranharam a primeira vez que o caso se passou; daí para diante, quando qualquer motorista vai cobrar a conta, pagam tranqüilamente, apenas fazendo referência ao fato de que a moça já morreu e solicitam orações pela sua paz;

4. Sobre a reação do motorista: segundo uma versão, ele encarou o fato com naturalidade; segundo outra, foi acometido de forte crise nervosa, sendo necessário o seu internamento em hospital, após o que teve alta, saindo

perfeitamente recuperado; segundo uma terceira, morreu no Hospital Juliano Moreira, completamente louco.

Os informantes desta história foram diversos motoristas de táxis e mais o senhor Walter de Souza Moreira.

Aposta Macabra

No bar, a conversa ia animada. Umas e outras eram ingeridas, enquanto a rapaziada contava bravatas. Em meio, surge discussão sobre coragem, cada qual advogando para si possuir mais esta virtude que os demais. João destaca-se em contar casos em que sua coragem fora posta à prova e nunca sentira medo. Participara de brigas de rua, muitas vezes com adversários em número maior, excursionara pela selva amazônica em lugares tidos como encantados, desafiara a Matinta Perera, o Curupira, o Mapinguari, a Yara, enfim, a quase todos os duendes amazônicos e nada lhe acontecera. Fizera viagens arriscadas e praticara até roleta russa. Diante de tantos fatos a confirmar a ousadia de João, foi proposto um teste: se aceitasse e se saísse bem, seria conhecido por todos como o mais corajoso do grupo; em contrário, todos os casos que contara seriam vistos como patranhas. Colocado desta maneira contra a parede, João não teve outro recurso senão aceitar o teste a que iam submetê-lo.

— E o que vocês querem que eu faça?

— Antes de ser dito, vamos fechar uma aposta. No caso de perderes, pagarás meia dúzia de cervejas. Se ganhares, nós pagaremos meia dúzia para ti. Fechado?

— Não posso fechar antes de saber o que é.

— Não será nada impossível para um homem com a coragem que tu demonstras. Se não fechares logo, é porque desde agora já estás sentindo medo.

— Em absoluto. Mas, se vou apostar, devo saber do que se trata. Ou vocês querem que eu feche negócio no escuro?

— Bem, se deixares de aceitar, será a prova de que realmente não tens coragem e estavas mentindo descaradamente.

— Não vem chamando de mentiroso, não. Não ofende, porque aí a coisa muda de figura.

— Calma, calma! Não estamos aqui para brigar. Diz logo, Zeca, o que João deve fazer. Se ele aceitar, automaticamente a aposta está fechada. Em caso contrário, não é preciso dizer mais nada.

— Bem, falou Zeca dirigindo-se a João, tu deverás ir meia-noite, numa sexta-feira, ao Cemitério. Topas ou não topas?

— Mas... logo no Cemitério?

— Eu não disse? Eu não disse? Bastou se falar em Cemitério e o "corajoso" já perdeu toda a coragem...

— Não é isso... é que sempre respeitei os mortos. Olhe minha mãe até faz a novena das almas. Não é muito justo a gente ir perturbar os que morreram.

— Confessa logo que a coragem está faltando e nos daremos por satisfeitos. Mas não vem com essa onda de respeito aos mortos, de novena pras almas, que não "cola" não. Afinal, não vais desrespeitar ninguém, nem profanar túmulos. Apenas farás uma visita ao local.

— Não sei, não... Não é medo, posso assegurar! Mas... sabem como é, né?

— Sabemos, sim! Ora se sabemos! Então o homem que já enfrentou todos os "encantados" da Amazônia com medo de ir a um simples Cemitério! Onde já se viu?

— Vem cá, e por que tu não vais?

— Eu tenho medo, confesso. Mas pelo menos não fico "arrotando bafo" aí em cima dos outros. E não vira a coisa pra cima de mim, não, que o negócio é contigo. Não tenta te descartar. É pegar ou largar. Não tem meio termo.

Os outros concordaram que João estava querendo sair da aposta e continuaram a dar "corda", até que João, num arrebatamento, disse:

— Pois bem — que Deus-me perdoe —, eu vou ao Cemitério à meia-noite da próxima sexta-feira. Vocês vão ver que realmente isto não me assusta. Era apenas uma questão de respeito.

A partir daí, acertaram os detalhes: João deveria levar um pedaço de madeira, onde estariam os nomes de todos os participantes da aposta. Seus amigos, às 23:30 horas, o acompanhariam até às proximidades do Cemitério e depois o deixariam sozinho. Ele deveria pular o muro e dirigir-se até ao meio do Campo Santo, enterrar a madeira numa sepultura e regressar. Encontraria com os amigos no sábado pela manhã, às 7 horas, e os conduziria até o local onde tinha colocado o marco que seria identificado pelos demais. Se fizesse tudo direitinho, ganharia a aposta. Isto foi num sábado. Decorreu o resto da semana, iniciou a outra e o pequeno grupo só falava na aposta com João.

Finalmente, sexta-feira.

— É hoje, hein!

E o grupo de rapazes providenciou um pedaço de madeira no qual cada um escreveu o próprio nome. À noite, no local combinado, já estavam todos reunidos e faltava apenas João. Consultavam os relógios e faziam comentários os mais diversos.

— Tá pensando que coragem é fome, hein?

— Não vem, com certeza. Ele só tem bafo de boca e chulé de papagaio.

Fazendo-os calar, surge João, meio pálido, com uma capa enrolada sobre os ombros.

— Oi!

— Pensávamos que não vinhas mais.

— É que não estou me sentindo bem.

— Certo, certo. Amanhã pagas a meia dúzia de cervejas... e agüenta a gozação da turma.

— Não senhor. Disse que não estava me sentindo bem, mas eu vou. Cadê a madeira com o nome de vocês?

— Tá aqui!

— Vem cá, pra que essa capa?

— É que pode chover e um homem prevenido vale por dois.

E andaram até chegar às cercanias do cemitério de Santa Izabel. Ali, despediram-se, marcando novo encontro no mesmo local, às 7 horas do dia seguinte. João saiu em direção ao Campo Santo. De onde estavam, seus companheiros seguiram-no com a vista. Viram-no aproximar-se do muro, olhar para um lado e para o outro a fim de verificar se não vinha ninguém. De um salto, alcançou o cimo do muro, erguendo-se, para, em seguida, pular para dentro do Cemitério.

— Ele foi mesmo!

E os rapazes voltaram às suas residências. Enquanto andavam, soaram as 12 badaladas marcando a meia-noite de sexta-feira.

Sábado. A manhã estava alegre, diferente das manhãs chuvosas da quadra invernosa. Os rapazes foram chegando ao local de encontro e, quando já estavam todos, ficaram somente aguardando João. Este demorava a chegar.

— Sempre atrasado.

— Será que ele foi mesmo?

— Bem, nós o vimos pular para dentro do Cemitério.

— Ele poderia ter voltado.

Os comentários continuavam e o tempo passava. 7:30 horas. 8 horas. 8:30 horas. Assunto já esgotado, os rapazes pensaram que João talvez tivesse ficado dormindo ou, simplesmente, por ter voltado e perdido a aposta, não quisesse encarar os amigos. Resolveram ir até ao Cemitério, onde, pelo menos, se certificariam se João havia ou não colocado a madeira na sepultura. Entraram. Havia certo movimento: algumas pessoas isoladas visitavam entes queridos desaparecidos e também se realizava um enterro. Andaram em direção ao meio do Cemitério. Depois de voltearem durante certo tempo, um dos rapazes deu um grito de pavor, enquanto olhava em certa direção. Os companheiros seguiram seu olhar.

Por cima de uma sepultura, estava João, morto, olhos esbugalhados de pavor, parecendo recriminá-los. Ao lado, o pedaço de madeira, com seus nomes, enterrado no chão... A ponta de sua capa estava presa em uma planta... Após uma série de longas explicações, inclusive à Polícia, que foi chamada ao local, onde a aposta e seus detalhes foram narrados, o corpo de João foi levado à autópsia. Os legistas atestaram colapso cardíaco. E procuravam uma

razão para a morte do rapaz... Apesar de explicações racionais, os rapazes não as aceitavam, tentavam imaginar o rapaz à meia-noite, em meio às sepulturas, sendo agarrado por seres espectrais por ter desafiado os mortos. Ficavam apavorados só de pensar na cena e julgavam-se culpados pela morte do amigo. E comentavam:

— Uma brincadeira de mau gosto. Foi o mesmo que se o matássemos. Mandá-lo ao Cemitério, à meia-noite, e logo numa sexta-feira...!

O Carro Assombrado

É interessante como, ao longo da evolução de um povo, evoluem também as suas visagens e assombrações. Duendes das selvas e das águas, quando não se afastam com o progresso, como é de regra acontecer, adaptam-se rapidamente à vida citadina, convivem com os habitantes da metrópole, assustando-os, ou assombrando-os, ou ainda protegendo-os; as almas penadas, igualmente, querem gozar das últimas conquistas da civilização... Assim, visagens que eram vistas, antes, a pé, de repente começam a se utilizar de bondes, tomando-os e desaparecendo — às vistas surpresas de motorneiros e cobradores — diante dos Cemitérios de Santa Izabel e Soledade; os bondes são tirados de circulação, vêm os ônibus e imediatamente os fantasmas deles se utilizam para suas rondas; mas os táxis proliferam e, sendo um meio de transporte mais confortável e veloz, rapidamente para estes últimos se transferem, fazendo seus passeios ou itinerários... de táxi!

Tudo isto sem falar na sua ativa participação nas casas comerciais e nos complexos industriais, onde, conhecendo ou não as máquinas, colocam-nas a funcionar. Porém, esta já é uma outra história. Vejamos agora apenas a de um exótico carro em carreiras noturnas pelo bairro da Cremação.

"Quando a noite lança sobre a face da terra o seu negro manto, traz consigo, além das trevas, o medo gerado pelo próprio homem em relação ao meio que o rodeia! Por que o homem teme as sombras? Belém crescia e prosperava durante a Fase Áurea da Borracha; aos poucos a cidade se ampliava e criavam-se novas escolas, lojas, casas comerciais, casas de saúde etc. Nos subúrbios, porém, o progresso custava mais a chegar, e tudo corria de maneira diferente: grandes touceiras de capim cresciam pelas ruas esburacadas e mal iluminadas — quando o eram —, já acidentadas por natureza. Quando chovia, o problema para o suburbano piorava: as águas formavam verdadeiros lagos ou rios, inundando tudo, invadindo as casas, tornando as ruas intransitáveis".

Walter de Souza Moreira vai narrando o fato, como se dele houvesse participado. A travessa 9 de Janeiro, entre as avenidas São Jerônimo e Conceição, apresentava um aspecto desolador, toda esburacada e enlameada. As noites, quando não havia lua, eram escuras e muitas vezes os cães ladravam, aparentando temor de alguma coisa que viam ou apenas sentiam. Em seu casebre, Augusto não conseguia dormir. Mantinha conversa com seu irmão José, que estava deitado em uma rede, ao seu lado.

— Hoje estou sem sono. Trabalhei o dia todo na construção e estou com o corpo todo dolorido!

— No começo é assim mesmo, porém, com o tempo, tu te acostumas. Pobre tem que dar um murro daqueles pra conseguir um dinheirinho, enquanto o rico vive na moleza.

— É assim mesmo, Zé. Pobre vive de teimoso.

— Sabe o que tô pensando? Vou me meter num seringal e...

A conversa foi interrompida. Um barulho enorme, assim como de um calhambeque em disparada, chamou a atenção dos dois irmãos. O som vinha da rua dos Caripunas. Nenhum dos dois atreveu-se a olhar o que se passava lá fora! O ruído do veículo ia num crescendo, e os irmãos limitaram-se a ficar na rede ouvindo, enquanto aumentava de intensidade. Os cães ladravam, temerosos.

— Santa mãe!

— Que será isto?

— Parece um carro todo em pedaços... Que barulho!

— Com certeza, é coisa ruim...

O fato — acontecido há bastante tempo — foi comentado pelos moradores da travessa. Os antigos habitantes daquela área ainda guardam na lembrança o acontecido de uma noite quando a borracha amazônica já começava a declinar... e com ela toda a região.

Muitos anos haviam se passado. Com eles, o progresso chegara aos subúrbios de Belém. O caso do veículo mal-assombrado estava quase esquecido pela maior parte dos moradores, e alguns nem ao menos o conheciam. A travessa 9 de Janeiro tomara outro aspecto, e novos moradores ali foram residir. D. Rosa desligou a TV tarde da noite e foi à cozinha tomar um copo de leite; após, preparou-se para dormir. Sentou-se ao leito onde o esposo já dormia e começou a fazer suas orações:

— Ave-Maria, cheia de graça...

Calou-se interrompida pelo estranho barulho que vinha da rua dos Caripunas, que aos poucos foi aumentando.

— Mas... que... que é isto?... parece um carro... mas, a estas horas? Não pode ser! Carlos! Carlos!

— Que diabo, ó mulher! Que é?

— Ouça aí!

— Que... que... que negócio é esse?

— Parece um carro, né? Mas deve ser um carro muito velho e, nesta velocidade, parece até que vai se desmantelando todo.

— Que barulho esquisito. É infernal!

Amanheceu. Várias pessoas comentavam o ocorrido.

— Isto não acontece de hoje! Já há muito tempo que se dá! Nós já ouvimos há muitos anos atrás.

— É um barulho horrível!

— Uma coisa impressionante. Fico toda arrepiada só de me lembrar.

— O que será, hein?

O ruído repetiu-se várias vezes. Mas ninguém atreveu-se a abrir as janelas para verificar o que era. No negrume da noite, alguma coisa motorizada, horripilante, produzindo aquele barulho sobrenatural, que apavorava a todos os que ouviam...

Lúcia Rodrigues, esposo e filhos deixam a velha residência no bairro do Marco e mudam-se para a rua dos Caripunas, entre as travessas 14 de Abril e 3 de Maio. Gostam do perímetro, dos vizinhos, das novas amizades. Costumavam sentar em frente à porta da residência, como era costume, até altas horas da noite, conversando com a vizinhança.

— Boa noite, vizinha!

— Boa noite. Hoje a vizinha estava impagável com suas piadas!

— Estou é morrendo de sono. Amanhã terei de acordar cedo para o trabalho.

— Ora, deixe dessa. Você nunca deixou de madrugar, aconteça o que acontecer.

Enquanto o marido ia dormir, Lúcia foi até a cozinha preparar alguma coisa para merendar antes de dormir. Trocou de roupa, tirou da gaveta da cômoda um lençol limpo e, quando ia deitar-se, olhou o relógio.

— Puxa, já são 11:50 horas.

Trocou o lençol da cama e deitou-se. Dez minutos depois, sobressalta-se.

— Que foi isto?

— Isto o quê? Durma, respondeu o marido, com sono.

Mas o sono interrompido não veio, pois a audição captou um estranho rumor que vinha do lado do Cemitério de Santa Izabel.

— Parece um carro em desabalada carreira, se desconjuntando todo. Quem seria capaz de dirigir um carro neste estado?

O rumor aproximou-se, passou defronte da casa e distanciou-se, indo perder-se na travessa 9 de Janeiro. O marido ouviu tudo, sem comentar. O fato repetiu-se na outra sexta-feira... e em outra... e em outra...

Para alguns moradores, só se ouve o barulho do estranho veículo na sexta-feira santa; para outros, é em qualquer sexta-feira... De uma forma ou de outra, os moradores do bairro dizem tratar-se de coisa ruim, e há muitas mulheres que exclamam:

— Se ouvi o barulho? Claro que ouvi... E quem não ouviria? Fico toda trêmula e arrepiada só de me lembrar... Aquele carro é mal-assombrado!

O culto das almas

O culto

Quem passa, às segundas-feiras, defronte dos Cemitérios, em Belém, verifica um movimento incomum; dezenas e dezenas de pessoas, a todo momento, chegam ou saem; milhares de velas estão acesas em diversas sepulturas — é o Culto das Almas.

A cada dia que passa, o culto aumenta consideravelmente o número de adeptos e se resume no seguinte: a pessoa que deseja alcançar uma graça deve visitar o Cemitério durante nove segundas-feiras e rezar um rosário, sendo que primeiro são rezados dois terços, depois a Oração das Almas, ocasião em que se pede a graça, e, finalmente, o último terço do rosário. O Culto tanto pode ser dirigido às almas em geral como a uma particularmente, sendo que, para algumas, existem orações individuais, que veremos mais adiante.

O Culto é realizado por pessoas de todos os níveis sociais, desde simples biscateiros e humildes operários até industriais e políticos. As causas que levam as pessoas a realizar o Culto são as mais variadas possíveis; pedidos para casamento (sempre de elemento feminino; não constatamos, para esse fim, nenhum pedido partido de homem), solução de problemas domésticos, solução de problemas financeiros, pedidos de emprego, pedidos para passar nos exames vestibulares para a Universidade ou simplesmente para passar de série em qualquer nível de ensino, ou até mesmo pela destruição de rivais, adversários ou inimigos.

Os Cemitérios mais procurados são os da Soledade, localizado na avenida Serzedelo Corrêa, entre as avenidas Gentil Bittencourt e Conselheiro Furtado, e de Santa Izabel, situado na avenida José Bonifácio, entre a rua dos Mundurucus e a rua Paes de Souza. O Cemitério da Soledade (que é o mais antigo da cidade) apresenta maior movimento, aí alcançando o Culto das Almas as maiores manifestações de fé.

Almas mais milagrosas

Em cada um desses dois cemitérios, há túmulos que são mais procurados. No Cemitério da Soledade, os que gozam de maior procura popular são os túmulos de Raimundinha Picanço, da Preta Domingas e do Menino Cícero. Nosso informante, J.M.C., administrador do cemitério da Soledade, informa que Raimundinha Picanço teria sido envenenada pelos irmãos e madrasta. Não nos foi possível verificar a veracidade da informação.

Na década de 30 uns meninos brincavam no Cemitério, próximo ao túmulo de Raimundinha, quando o seu espírito apareceu, chamando um deles. O menino ficou "assombrado", tendo bastante febre, curando-se ante a invocação do nome de Raimundinha Picanço; daí em diante sucedem-se os milagres. Em seu túmulo, além da inscrição de oferecimento feita por uma devota, nada consta quanto ao ano de nascimento ou de falecimento. A inscrição é a seguinte:

Raimundinha Picanço
com o maior carinho
eu te ofereço este túmulo
em agradecimento
aos inúmeros
milagres recebidos por ti
(ilegível)

A Preta Domingas foi uma escrava que viveu no século passado. Bondosa, terna, criou com extremo carinho um menino que lhe fora confiado. Anos depois, morreu, e o menino que criou, então feito homem, mandou lhe erigir um túmulo. Invocada por pessoas aflitas, estas viram seus pedidos serem realizados, iniciando-se então seu Culto. Em sua lápide está grafado:

Aqui jazem
os restos mortais
da Preta Domingas
falleceu em
25 de março de 1871
Signal de gratidão

Cícero viveu apenas 4 anos, 7 meses e 3 dias, no terceiro quartel do século passado. Igualmente tornou-se milagroso ao ser invocado por pessoas em aflição. Lê-se em seu túmulo:

Ao inocente
Cícero
seus pais inconsoláveis

filho legítimo de Lindolfo José Burle
e de Guilhermina Burle
N. em 19 de setembro de 1867
F. em 27 de abril de 1872

No Cemitério de Santa Izabel, os túmulos mais procurados são os de Severa Romana, do Dr. Camilo Salgado e o do Dr. Crasso Barboza. Severa Romana era casada com o soldado Pedro Cavalcante de Oliveira. Este abriu as portas de seu lar ao cabo Antonio Ferreira dos Santos para que ali fosse fazer as refeições. O cabo apaixonou-se por Severa, fazendo-lhe declarações. Foi repelido. Um dia em que o soldado Pedro estava de serviço, o cabo voltou a investir. Novamente repelido, golpeou-a à navalha, matando-a. O crime deu-se a 2 de julho de 1900 e consternou a população da época, que mandou erigir um túmulo (o qual sofreu a ação do tempo, sendo depois reconstruído) onde se lê a seguinte legenda:

Severa Romana Pereira
assassinada em defesa
de sua honra no
dia 2 de julho de 1900.
homenagem popular
à virtude heróica

Conta-se que certo dia, à hora crepuscular, uma senhora visitava o túmulo de sua filha, que ficava próximo ao de Severa Romana. Depois que encerrou suas orações, a senhora olhou para o túmulo de Severa e viu a cruz toda iluminada, parecendo envolvida por um halo. Baixou a vista, fazendo orações e quando voltou a olhar, a luz havia desaparecido. A notícia espalhou-se célere e daí em diante inicia-se o Culto de Severa Romana.

Camilo Salgado e Crasso Barboza foram dois médicos muito admirados e queridos, quer pela competência, quer pelas caridades que faziam. Ambas as mortes foram muito sentidas. Tempos mais tarde, espalhou-se a notícia de que Camilo Salgado ora aparecera a um medicando-o, ora operara a outro (destaque-se que os fatos não se deram em sessões espíritas ou umbandistas, nem com influência de médiuns, embora também aí ambos se manifestem) e daí em diante começa a ser cultuado. Em menor escala, o mesmo aconteceu com Crasso Barboza.

As orações

Há duas maneiras de realizar o pedido: mentalmente e por escrito. A primeira predomina, sendo poucos os pedidos por escrito. Os pedidos mentalmente são feitos durante as orações, que tanto podem ser as Orações das Almas, de caráter geral, quanto as orações de caráter individual. Os pedidos por escrito são feitos em pequenos pedaços de papel e colocados no túmulo da alma escolhida para devoção. Veremos adiante alguns tipos de pedidos desta natureza.

As orações, como dissemos acima, são de dois tipos: as de caráter geral, ou seja, dirigidas a todas as almas, e as de caráter individual, dirigidas a uma alma determinada.

Orações de caráter geral

As orações de caráter geral são feitas geralmente no Cruzeiro do Cemitério, podendo, entretanto, ser dirigidas apenas a uma alma, e, neste caso, são realizadas no túmulo da alma escolhida. Estas orações são amplamente divulgadas, tendo seus modelos impressos, e trazem inscrições especiais ou até mesmo versos, como o abaixo transcrito, de Vinícius de Moraes:

"Para isto fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
para chorar e fazer chorar
Para enterrar nossos mortos."

Segue-se o título "MILAGROSA NOVENA EM HONRA DAS ALMAS" e, abaixo, as instruções:

"Visite o cemitério 9 segundas-feiras, rezando um rosário. Rezam-se dois têrços, em seguida lê-se a oração e por último o têrço restante do rosário". Em seguida vem a propriamente dita "Oração das Almas":

> "Oh! almas, oh! Almas santas benditas, milagrosas e abençoadas das três pessoas que morreram queimadas, afogadas e enforcadas. Vós fostes como eu e eu serei como vós. Rogai a Deus por mim, que rogarei a Deus por vós.
>
> Oh! Almas santas dos cativos, Almas dos pontífices, Almas dos vigários, Almas dos bispos, Alma dos asilados, Almas dos sacerdotes, Almas dos prelados, Almas mais abandonadas e todas aquelas que estão mais perto de verem a Deus, rogai por mim e alcançai-me a graça que vos peço!
>
> Pelo poder de Deus Padre, pelo poder de Deus Filho, pelo poder de Deus Espírito Santo.

Oh! Almas santas benditas, fazei o meu pedido. Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo desce à Terra no santo sacrifício da missa, na hora da consagração da Hóstia, venham todos em meu socorro, sem demora em meu auxílio, para eu alcançar as graças que vos peço.

(Pede-se a graça)

Eu vos peço pela força dos três poderes; Padre, Filho, Espírito Santo, reunida nas três pessoas da Santíssima Trindade, que formam o grande mistério oh! Almas aflitas do purgatório rogai por mim e fazei o meu pedido. Almas das pessoas que morreram queimadas, afogadas e enforcadas, Almas santas e benditas, que Cristo adorais e glorificais, bendizeis e contemplais, por mercê, fazei-lhes preces por mim, para que eu seja livre de todos os perigos do corpo e da alma, seja feliz e obtenha bons resultados nos meus negócios, alcançai-me a graça que vos peço!

Minhas santas Almas benditas eu vos peço pela hora em que nascestes pelo Senhor que adorastes, pelas penas do Purgatório em que estais, venham todas em meu socorro sem demora, em meu auxílio, e valei-me da aflição em que me acho. Livrai-me de todos os perigos em meu corpo e da minha alma de todas as calúnias, intrigas e perseguições.

Livrai-me de todos os obstáculos e dificuldades que se opuserem às realizações de minhas petições ou fizerem mais tempo. Ajudai-me, oh! Almas aflitas do Purgatório principalmente as que morreram queimadas, afogadas e enforcadas. Pedi e rogai a Nosso Senhor Jesus Cristo por mim, para que não me faltem os socorros do Céu e o pão de cada dia.

Pedi e rogai a N.S. Jesus Cristo, principalmente pela chaga do seu ombro que tanto fez sofrer aquele corpo santíssimo, pela agonia no Horto das Oliveiras, quando prostrado por terra suou sangue pelos nossos pecados, pela coroa de espinhos que traspassou a cabeça de Jesus, pela cruz que Ele levou nos ombros pelas ruas de Jerusalém, pelo último suspiro que Ele exalou na cruz, por todos estes martírios deste coração candíssimo, pedi e rogai por mim para alcançar a graça que vos peço.

Rogai a Jesus na Hóstia e no cálice sagrado no santíssimo (sacrifício) sacramento da Eucaristia, pela sua gloriosa ressurreição e ascensão para eu alcançar a graça

que vos peço.

Oh! Almas santas e benditas principalmente as que morreram queimadas, afogadas e enforcadas, eu vos peço pelas dores e amarguras que Maria Santíssima sofreu no mundo desde o nascimento de Jesus até à sua morte.

Por todas as lágrimas que Ela derramou durante a Paixão e Morte do seu adorado Filho.

Pela sua triste e amargurada solidão, quando se viu sozinha no mundo, sem o seu santíssimo Filho, por todos os martírios deste coração de mãe aflitíssima e desolada, alcançai-me a graça que vos peço!

Pedi a Jesus Cristo e Maria que me livrem de todas as faltas e perigos a que estou exposta.

Devo-vos graças principalmente por terdes me preservado de tantas faltas e suas malícias.

AMÉM.

Rogando a Deus que ilumine com a luz do Espírito Santo todas as almas que me ajudaram em momento de grande aflição, agradeço a Jesus ter permitido este auxílio de seus falangiários espirituais". (Ver Anexo I – Oração de Caráter Geral)

Outra bastante divulgada é a "Novena das almas que mais sofrem no purgatório", cujo texto transcrevemos a seguir:

"Pai Eterno vos ofereço o preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, para alívio das almas que mais sofrem no purgatório.

Nossa Senhora, intercedei por elas. Vós Almas Benditas ides a Deus por mim e pedis a graça que desejo (pede-se a graça)

. Reza-se um Pai Nosso, uma Ave-Maria e Glória ao Pai. Acende-se uma vela durante nove dias.

Faz-se nove cópias da oração e deixa todos os dias em uma igreja ou cemitério ou dá-se para uma pessoa devota das almas".

Orações de caráter individual

As orações de caráter individual são dirigidas apenas à alma daquela pessoa que foi escolhida para o pedido, sendo que só as três mais procuradas do Cemitério da Soledade as possuem, ou seja, Raimundinha Picanço, Preta

Domingas e Menino Cícero. Apesar de nos ter sido informado no Cemitério de Santa Izabel que Severa Romana e o Dr. Camilo Salgado também possuem modelos especiais (alguns anos mais tarde encontramos finalmente a Oração do Dr. Camilo Salgado, que integra o presente trabalho a partir desta edição), não conseguimos recolher tais orações inicialmente.

As orações de caráter individual são, assim como as de caráter geral, rezadas durante 9 segundas-feiras, variando, porém, o número de Padre Nosso e Ave Maria a serem rezados acompanhando cada oração, conforme se vê abaixo, na transcrição de cada qual:

Novena para pedir
uma graça para Raimundinha Picanço
(Raimundinha)

"RAIMUNDINHA: a teu túmulo eu venho trazer-te um ramalhete de angélicas, para te pedir uma graça, para que eu alcance esta graça se fôr permitido por DEUS.

RAIMUNDINHA: te peço pela tua Pureza, pela tua Inocência, pela tua Humildade, por estas três grandes virtudes, eu te imploro com lágrimas nos olhos, que vá a JESUS CRISTO, pedir por mim.

(Pede-se a graça...)

Em seguida, terminar a novena com estas palavras da oração:

Raimundinha, ouve os meus rogos pelas lágrimas de Nossa Mãe Santíssima Maria.

Rezam-se 3 Pai Nosso e 10 Ave Maria. São 9 segunda-feiras". (Ver Anexo II – Orações de Caráter Individual)

Oração da Preta Domingas
(Para ser rezada no túmulo)

"Eis aqui a escrava do Senhor que salva a vossa Alma.

Oh! clementíssimo Jesus, que abrasais de amor pelas Almas, eu Vos suplico pela agonia do Vosso Sacratíssimo Coração e pelas dôres de Vossa Mãe Imaculada que purifiques com o Vosso Sangue a alma de Vossa irmã Domingas que agora já se encontra junto a Vós.

Divino Coração de Jesus eu Vos ofereço pelo Coração Imaculado de Maria, as orações e as boas obras, que em vida Ela praticou e por todas as suas boas intenções, Vos peço aqui junto a seu túmulo as bênçãos do Senhor para a sua alma.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Rezam-se 2 Pai Nosso e 5 Ave Maria.

Pede-se a graça desejada". (Ver Anexo I – Oração de Caráter Geral)

Novena para pedir
uma graça para Cícero

"Já que te encontras ao lado dos anjinhos, que entôam os Hinos ao Senhor, venho te implorar para levares esta Prece aos pés de Jesus, e pedir que me alcances esta Graça se fôr permitido por Deus.

(Pede-se a graça)

Porque a tua alma junta a êle representa um lírio de pureza.

Reza-se 1 Padre Nosso e 9 Ave Maria. 9 Segundas-Feiras". (Ver Anexo I – Oração de Caráter Geral)

Prece ao dr. Camilo Salgado

"Deus misericordioso, agradecemos-te a felicidade que nos deste, concedendo o poder ao Dr. Camilo Salgado de ajudar-nos a receber as curas dos males que nos afligem.

Assim como não esquecermos que a caridade e o amor ao próximo, constituem uma prova para nossa fé. Cremos em ti e na tua bondade infinita. Dr. Camilo Salgado não podemos ir onde te achas, mas tu pode vir ter conosco. Ouve nossas preces, atende nossos pedidos, ampara-nos nas provas da vida, e vela pelos que te são caros.

Protege-nos como puderes suavizando os pesares fazendo-nos perceber pelo pensamento que és mais ditoso agora, dando-nos a consoladora certeza de que um dia estaremos todos reunidos num mundo melhor e que seu progresso espiritual seja cada vez maior. Em ação de graça.

Um Pai Nosso e cinco Ave Maria". (Ver Anexo I – Oração de Caráter Geral)

Pedidos por escrito

Os pedidos por escrito são encontrados em pequeno número e pela maneira que estão redigidos demonstram o baixo grau de instrução das pessoas que os fazem. Coletamos as seguintes formas de pedidos por escrito:

- Para fins matrimoniais:

"Santa Raimundinha Picanço. Peço que me ajude para que meu casamento com D, se realize, e que nós sejamos muito felizes. E que na nossa casa reine somente paz, amor e compreensão. IF"

- Para conseguir emprego e "quebrar as forças" do namorado:

"Raimundinha de Picance Eu vou ao teus emplora e suplicar, para voz ajuda num emprego e na minha feliz união, voz cendo uma milagroso, peço a para que o meu namorado, se aprocime mas de mim, e quebra as forças dele comigo. se voz: fizer isso, serei sua enterna escrava, eu também pesso a voz, também ajudar em casa para que as cousas melhores.

Se for atendida

Uma devota agradecida".

- Para ser promovido de série no colégio:

"menino sicero eu quero que voz faça com que eu passe se voz fizer voz terá 3 velas".

- Para resolver problema financeiro:

"Santa Raimundinha fazei que tio M arranje os Cr$ 20,00 por favor".

- Para destruição de rival, adversário ou inimigo:

"Preci de destruição de N.R.

Daí

terra como tu de faz Sua de N.R. quero ver ela na Solidão vou ver ele se afastar dela N.R.

Santa Raimundinha me ajude com sua graça vou acender uma vela para ser afastar ser destroído tudo com força dela Santa tenho fé em tudo ser acabar na vida dela N.R... (ilegível)".

Correntes

Além das orações de caráter geral e as individuais, são deixadas também nos Cemitérios, durante a realização do Culto das Almas, "Correntes" de orações de outros santos. Tais correntes constituem-se no seguinte: cada pessoa que achar a oração deverá reproduzir determinado número de cópias e remetê-las a pessoas conhecidas ou deixá-las em igrejas e cemitérios. Desta forma, a "Corrente" aumenta sempre em progressão geométrica, cuja razão, dependendo do santo da corrente, pode ser 7, 9 ou mesmo 50. Ressalte-se que tais correntes são acompanhadas de promessas de recompensas e ameaças: se a pessoa que achar a oração fizer tudo o que é mandado (ou seja, continuar a corrente) será recompensada com a realização de uma graça, por mais difícil que seja; se "quebrar a corrente", ou seja, se interrompê-la, deixando de fazer cópias e enviá-las, será punido. As orações deste tipo mais divulgadas são as de Santa Rita e São Judas Tadeu, cujas cópias se vêem às centenas no Cemitério da Soledade. Fazemos aqui apenas referências ao fato, sem entrarmos em detalhes porque na verdade não diz respeito diretamente ao culto das Almas, embora este seja aproveitado para divulgação das "correntes".

As promessas

Promessas as mais diferentes são realizadas pelos cultuadores das almas, as quais não se pode saber, a não ser pelo que é exteriorizado. Dentre as que se exteriorizam, são mais comuns a colocação de velas, flores e fitas no cruzeiro ou nos túmulos. Entretanto, usa-se também o agradecimento em placas, geralmente de mármore, contendo apenas as iniciais da pessoa que recebeu a graça. Embora predominando a forma "Agradeço a graça alcançada", encontramos agradecimentos assim: "Agradeço vossa proteção neste vestibular"; "Uma estudante agradece"; "Dois vestibulandos agradecem a graça alcançada" e similares. Saliente-se a denominação de "santa" à alma de Raimundinha Picanço, que, juntamente com a de Severa Romana, é das mais procuradas.

Túmulos inteiros também são ofertados como pagamentos de promessas. Isto se explica pelo fato de o Cemitério da Soledade estar em abandono quase completo, e muitos túmulos, de cujos mortos já não mais existem familiares na cidade, estejam destruídos ou semidestruídos. Assim, o pagador de promessa estabelece que, se alcançar tal graça, construirá ou reconstruirá o túmulo; uma vez alcançado o pedido, a promessa é paga. Vários túmulos foram construídos ou reconstruídos desta maneira, alguns dos quais não se sabe nem mesmo o nome do defunto, quando nasceu ou quando morreu. O túmulo de Raimundinha Picanço, com a ressalva de saber-se de quem se trata, é um deste tipo. A pessoa ofertante mandou gravar também o seu nome (dela, ofertante), agradecendo a graça, entretanto depois mandou apagá-lo.

O túmulo do Menino Cícero apresenta uma diversidade em relação aos pagamentos de promessa; ali, além das velas, fitas e placas de mármore, são também colocados pequenos brinquedos de plástico e bonecos de cera. Outra forma de pagar promessa é mandar imprimir um certo número de orações e distribuí-las gratuitamente entre os que cultuam as almas.

O Comércio

Em frente aos Cemitérios e na alameda principal, nos dias de segunda-feira, realiza-se a venda de flores, velas e orações. Tal comércio é bem maior no Cemitério da Soledade, onde há muitos anos já não se realizam sepultamentos. As Orações das Almas ou individuais são vendidas a Cr$ 0,30 cada uma. Há pessoas que praticam esta atividade há mais de 5 anos, como nossa informante Joana Menezes Boulhões. Estes, entretanto, são intermediários, ou melhor, revendedores. Na verdade, com o Culto das Almas, os fabricantes e vendedores de velas e demais artefatos de cera, os fabricantes de flores artificiais e os cultivadores de flores naturais, as marmorarias e as gráficas (visto que as orações são impressas) têm uma fonte de renda constante.

Culto das almas em Umbanda

Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino e Silva afirmam, em *Alguns elementos novos para o estudo dos batuques em Belém*, a existência de cultos fitolátricos, "os mesmos que, disseminados nos candomblés baianos, nos xangôs do nordeste, na casa das Minas do Maranhão, os quais não encontraram em Belém, grande difusão". E Figueiredo informou pessoalmente ao autor que, algumas vezes, aliado a este culto fitolátrico, encontra-se também um Culto das Almas, realizado, tal como se faz nos Cemitérios, às segundas-feiras.

Extraímos, do trabalho citado, o seguinte trecho: "TABOCAL - BAMBU AMARELO (*Bambussa vulgaris var. villata*) - Morada das almas de Yansã. Às segundas-feiras são acesas velas e ofertadas preces católicas de invocação de momento. Próximo ao tabocal, há um castelo, em cimento, que o informante diz ter visto em sonhos e recebido ordens para construí-lo. É a morada de Yansã e embaixo do mesmo estão seus assentos: pequena espada de metal, dendê, champanha e uma garrafa de água benta. Em seu interior são acesas velas. Em frente ao mesmo castelo está o ponto de Xangô, pequena vasilha com água, dentro da qual está um machado de procedência indígena, e embaixo desse ponto, os seus assentos: machado e cerveja preta. A Xangô são ofertadas garrafas de cerveja que são quebradas sobre as pedras".

Belém - Área de pesquisa

Síntese histórica

Expulsos os franceses do Maranhão, Alexandre de Moura confere a Francisco Caldeira Castelo Branco a patente de capitão-mor da conquista do Grão-Pará e o título de Descobridor e Primeiro Conquistador do Amazonas (l).

A expedição de Castelo Branco partiu de São Luís em 25 de dezembro de 1615, chegando à Baía do Guajará em 12 de janeiro de 1616. Escolhido um local apropriado, foi erguido um fortim de madeira.

Às terras conquistadas foi dado o nome de Feliz Lusitânia, para a qual foi invocada a proteção de Nossa Senhora de Belém.

Foi de Belém que saíram as demais expedições visando à conquista e colonização da Amazônia, fazendo-se menção especial à bandeira de Pedro Teixeira, em 1637, que subiu o rio Amazonas até a cidade de Quito, no Peru, daí regressando "coberto de louros, tendo aportado em Belém a 10 de dezembro de 1639" (1).

Fundada Belém, trabalhou-se "durante todo o ano de 1616 na edificação das primeiras casas do bairro chamado, tradicionalmente, CIDADE VELHA" (2).

Evolução política

Cinco anos após a fundação de Belém, o Norte é separado do resto do Brasil através da Carta Régia de 13.06.1621, que criou o Estado do Maranhão, cuja área era aproximadamente os atuais Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará e mais os Territórios Federais de Roraima e Amapá (3).

Várias alterações sofreria o Estado do Maranhão, das quais veremos as que dizem respeito a Belém. A Carta Régia de 25.02.1652 extinguiu o Estado, estabelecendo em seu lugar duas capitanias gerais, separadas pelo rio Gurupi, posteriormente, nova Carta Régia, datada de 25.08.1654, restabelecia o Estado, agora denominado Maranhão e Grão-Pará. Instruções reais de 31 de maio de 1751 transferem a sede da capital de São Luís para Belém, e o Estado então é designado Grão-Pará e Maranhão, ficando este último como capitania subalterna. A Carta Régia de 06.08.1753 reparte a área em quatro Estados (Maranhão, Grão-Pará, São José do Rio Negro e São José do Piauí) subordinados a um governador e capitão-general, continuando a sede da administração em Belém. Nova Carta Régia, em 20.08.1772, estabelece outra organização administrativa, ficando apenas dois Estados: Grão-Pará e Maranhão (3).

Mais tarde dá-se a transferência da Família Real para o Brasil, e, elevado este a Reino Unido de Portugal e Algarves, o antigo Estado do Grão-Pará é transformado em Província, juntamente com as demais capitanias brasileiras,

pela lei de 16 de dezembro de 1815 (1). Em 1850 a antiga capitania de São José do Rio Negro é elevada a Província (atual Estado do Amazonas), ficando o Pará mais ou menos com os limites atuais, inclusive a área do atual Território Federal do Amapá, que só mais tarde seria criado. Como se pode observar, Belém foi, desde a sua fundação, capital, ora da capitania do Grão-do-Pará, ora do Estado do Grão-Pará e Maranhão, o que, neste segundo caso, equivalia a ser capital de toda a Amazônia e parte do territorio nordestino.

Durante o Império, continuou sendo a capital da Província e, na vida republicana, do Estado do Pará. O fato é tanto mais revestido de importância se levarmos em conta que a separação ocorrida em 1621 perdura praticamente até 1808. Portanto, sendo o Grão-Pará um Estado autônomo, estava diretamente ligado à Corte em Lisboa, sem subordinações ou ligações diretas ao Estado do Brasil, o que significa que a Amazônia esteve quase todo o período colonial separada do resto do Brasil. É claro que isto teve suas consequências, e duas das mais importantes foram a adesão do Pará à Independência, que se tornou realidade somente a 15 de agosto de 1823 (portanto, quase um ano depois), e a eclosão da Cabanagem, em 1835, que deixou um saldo de 30.000 mortos à região (4).

Belém, pela sua importância para a região, foi sempre o alvo de todos os movimentos de caráter político, porém, fugiria a finalidade deste trabalho melhor análise do assunto. Ainda hoje Belém é considerada a capital da Amazônia, sendo possível que, com a integração desta região ao resto do Brasil, a partir da Belém-Brasília e, atualmente, com novas estradas, esta posição esteja ameaçada seriamente, o que veremos mais adiante.

Evolução socioeconômica

Belém, em 1650, possuía "80 almas sem contar os nativos, os soldados e os religiosos" (1). No século seguinte, porém, já contava com dois bairros: o da Cidade velha e o da Campina. Então, já como capital do Estado do Grão-Pará e Maranhão, o desenvolvimento populacional e econômico da cidade se acelera. O comércio, que se realizava de maneira elementar, sendo o dinheiro representado por alguns gêneros, especialmente os novelos de algodão, desenvolve-se com a circulação de moedas, que tem início em 1749. Na mesma época (1755) é criada a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (uma segunda experiência: antes, de 1682 a 1685, tinha existido a Companhia de Comércio do Maranhão), que é extinta em 1778, tendo praticado o comércio de exportação e importação e trazido para o Pará mais de 10.000 escravos (2).

Belém, devido à sua posição estratégica como portão de entrada da Amazônia — aproveitando a estrada natural que é o rio Amazonas e seus afluentes e sem haver outro meio de comunicação por terra —, sempre foi o grande entreposto comercial para toda a região: todos os produtos davam entrada para o vale através de Belém, que também era o grande centro

exportador. Explica-se: Belém importava produtos de outras regiões do Brasil ou do exterior e exportava-os para o interior da Amazônia; importava do interior e exportava para o resto do Brasil e do mundo.

A cidade, assim como toda a região, vem a aumentar consideravelmente sua população, seu comércio e sua cultura com o chamado Ciclo da Borracha, que Samuel Berachimol (5) divide em 4 fases:

1ª - Fase da gestação da economia seringueira (de 1820 ao fim do século passado);

2ª - Fase da pressão de procura mundial (do fim do século passado até 1910), é a Fase Áurea da Borracha;

3ª - Fase do declínio (de 1911 a 1931), e

4ª - Fase da substituição da borracha natural pelo produto sintético (a partir da 2ª Grande Guerra aos nossos dias).

É na Fase Áurea da Borracha que Belém conhece o esplendor: seus filhos vão formar-se na Europa, e até os livros e impressos dos documentos governamentais são confeccionados no exterior. São desta fase algumas das mais belas obras arquitetônicas da cidade, cuja maior expressão é o Teatro da Paz.

Com o declínio da borracha amazônica, Belém também declina e entra em fase de quase estagnação, até a criação da SPVEA — Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, mais tarde Sudam — Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, que, administrando os Incentivos Fiscais Federais (permitem o abatimento de até 50% de imposto de renda para aplicação em investimentos na região Amazônica), fez com que Belém reiniciasse seu ritmo desenvolvimentista. Aos Incentivos Fiscais Federais aliam-se os estaduais (isenção total ou parcial do Imposto de Circulação de Mercadorias), os quais, juntos, têm atraído inúmeras indústrias para o Estado do Pará, sendo que a maior parte instalada em Belém (6).

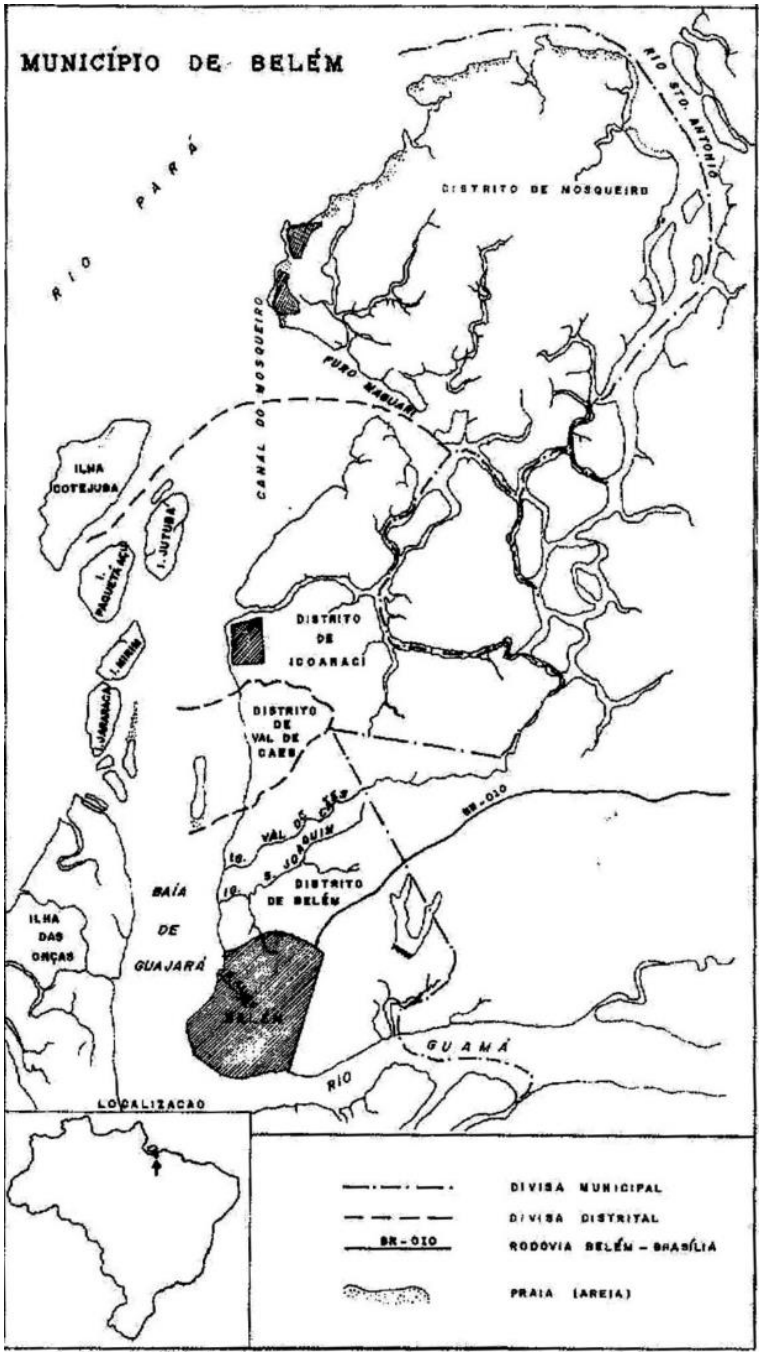
Belém atual

Belém, hoje, continua sendo, sob vários aspectos, a capital da região Norte ou Amazônica (Estados do Acre, Amazonas, Pará e Territórios Federais de Roraima, Rondônia e Amapá). Realmente, além de sede do Governo do Estado, é também de diversos órgãos federais, tais como a Sudam, o Basa — Banco da Amazônia S.A., a Enasa — Empresa de Navegação da Amazônia S.A., a CDP — Companhia das Docas do Pará, o IPEAN — Instituto de Pesquisas e Experimentações Agropecuárias do Norte, a Universidade Federal do Pará (que recebe estudantes de toda a área Amazônica, de Estados do Nordeste e Centro-Oeste, e ainda de países limítrofes), possuindo também instituições como o internacionalmente famoso Museu Emílio Goeldi. Belém é sede de diversas empresas comerciais, industriais e bancárias.

Além de sua estratégica posição geográfica em relação à região sob o

aspecto socioeconômico, Belém apresenta a mesma importância sob o aspecto militar, da 8ª Região Militar, da 1ª Zona Aérea e do 4º Distrito Naval. O porto e o aeroporto de Belém são internacionais. A população de Belém (município) é de 633.749 habitantes, o que representa 29,32% da população do Estado (2.161.316), 17,59% da população da Amazônia (3.602.171) e 0,68% da população brasileira (93.215.301) (7).

A importância de Belém como entreposto comercial da região Amazônica tem diminuído nos últimos tempos, a partir da construção da rodovia Belém-Brasília. Com o aumento do tráfego pela estrada, parte do comércio importador/exportador que se fazia de Belém com aquela área extinguiu-se. A construção das estradas Brasília—Acre (que passa por Rondônia), Santarém—Cuiabá, Brasília—Manaus, Transamazônica, Macapá—Guiana Francesa, Manaus—Boa Vista — fronteira da Venezuela — faz com que dia-a-dia esta função de Belém diminua consideravelmente. E isto sem falar na grande Perimetral do Norte! Assim, Belém que era o único portão para o mundo amazônico, deixa de sê-lo, tendo como concorrente as citadas estradas. E com elas outros centros comerciais/industriais exercendo a função que era, pelas circunstâncias expostas anteriormente, praticamente monopólio de Belém.


MUNICÍPIO DE BELÉM
RIO PARÁ
RIO STO. ANTONIO
DISTRITO DE MOSQUEIRO
CANAL DO MOSQUEIRO
PURO MAGUARI
ILHA COTEJUBA
I. JUTUBÁ
I. PAQUETÁ AÇU
I. MIRIM
I. JARARACA
DISTRITO DE ICOARACÍ
DISTRITO DE VAL DE CAES
VAL DE CAES
IG. S. JOAQUIM
DISTRITO DE BELÉM
BR-010
BAÍA DE GUAJARÁ
ILHA DAS ONÇAS
BELÉM
GUAMÁ
RIO
LOCALIZACAO
DIVISA MUNICIPAL
DIVISA DISTRITAL
BR-010
RODOVIA BELÉM - BRASÍLIA
PRAIA (AREIA)

Localização

O município de Belém — está localizado a 1°28'03" de latitude Sul e a 48°29'18" de longitude W.Gr. É limitado ao Norte pela Baía de Marajó, ao Sul pelo município de Acará, a Leste pelos municípios de Ananindeua e Benevides e a Oeste pelo município de Barcarena. O município possui 736 km² de área e está dividido em quatro distritos: Belém, Icoaraci, Mosqueiro e Val-de-Cães, que apresentam a seguinte população (8):

Município de Belém — População residente[2] (1970)

Distrito de Belém: área urbana 565.097; área rural 12.376; total 577.473

Distrito de Icoaraci: área urbana 29.996; área rural 7.777; total 37.773

Distrito de Mosqueiro: área urbana 6.710; área rural 4.485; total 11.195

Distrito de Val-de-Cães: área urbana 1.464; área rural 5.844; total 7.308

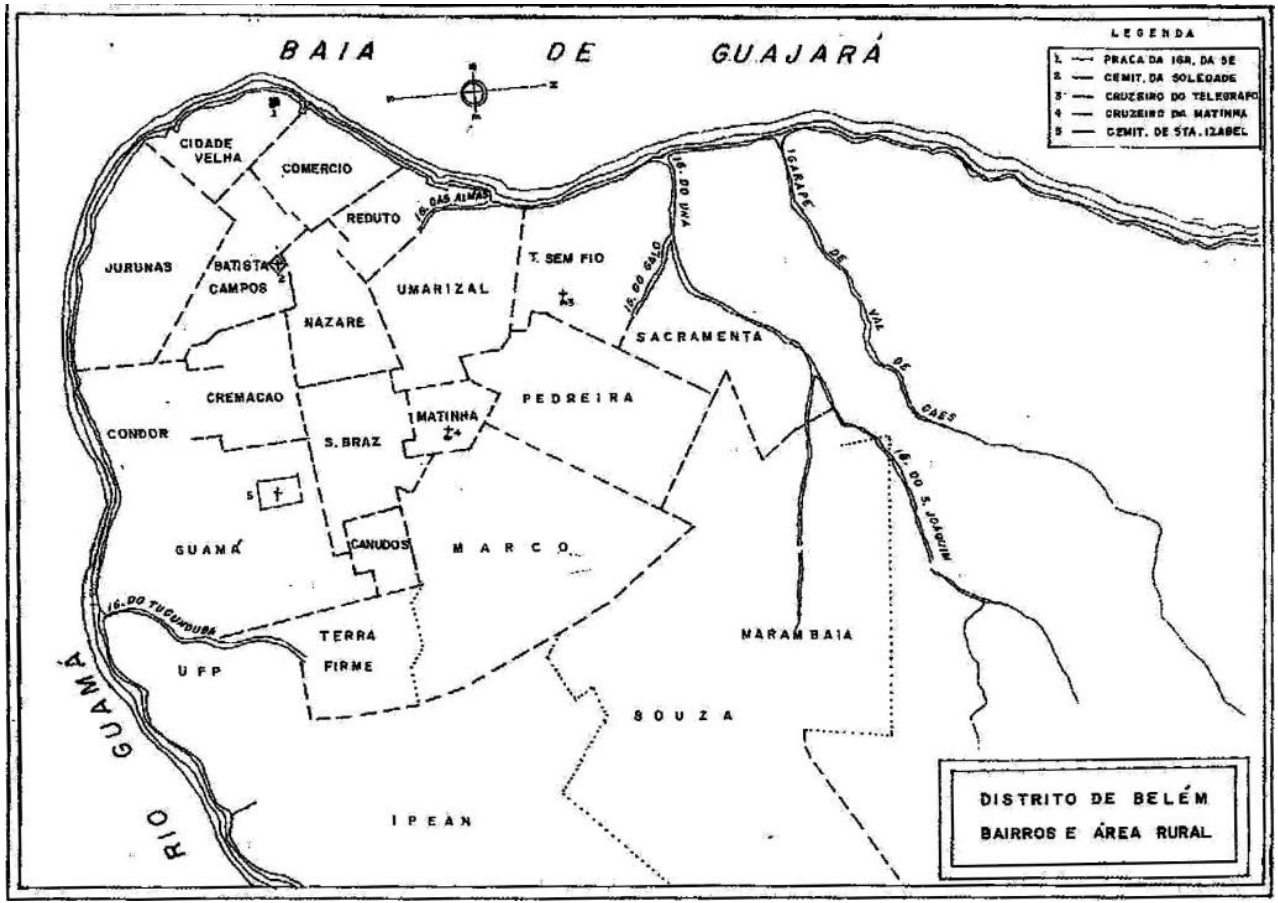
Total geral de área urbana: 603.267

Total geral de área rural: 30.482

Total geral do Município de Belém: 633.749

Interessa particularmente a este trabalho o Distrito de Belém, que foi a área-objeto da pesquisa.

O distrito de Belém — está localizado na confluência do rio Guamá com a Baía de Guajará, que lhe servem de limites, esta a Oeste, aquele ao Sul, ficando ao Norte o Distrito de Val-de-Cães e o Município de Barcarena, e a Leste, o Município de Ananindeua.


BAIA DE GUAJARÁ
LEGENDA
1 — PRAÇA DA 16R. DA SE
2 — CEMIT. DA SOLEDADE
3 — CRUZEIRO DO TELEGRAFO
4 — CRUZEIRO DA MATINHA
5 — CEMIT. DE STA. IZABEL
CIDADE VELHA
COMERCIO
REDUTO
16. DAS ALMAS
16. DO UNA
16. DO GALO
IGARAPE DE VAL DE CAES
JURUNAS
BATISTA CAMPOS
NAZARE
UMARIZAL
T. SEM FIO
SACRAMENTA
CREMAÇÃO
PEDREIRA
MATINHA
CONDOR
S. BRAZ
GUAMÁ
CANUDOS
M A R C O
16. DO S. JOAQUIM
16. DO TUCUNDUBA
TERRA FIRME
U F P
MARAMBAIA
S O U Z A
RIO GUAMÁ
I P E A N
DISTRITO DE BELÉM
BAIRROS E ÁREA RURAL

O Distrito de Belém, doravante designado simplesmente Belém, possui 180 km², ou seja, 24,45% do total do Município, e sua população, como vimos no quadro acima, é de 577.473 habitantes, que representam 91,12% do total, com uma densidade demográfica de 3.208 habitantes por km².

Belém não somente é o distrito mais importante do Município como também o centro e o palco de tudo o que vimos anteriormente. O comércio e a indústria de maior expressão da Amazônia aí estão localizados, sendo que esta última distribui-se em pequenas "manchas" (a falta de uma zona ou distrito industrial), que se situam na faixa litorânea adjacente ao dique de Belém (Estrada Nova), trechos dos bairros do Reduto, São João do Bruno, Telégrafo Sem Fio e, mais recentemente, Sacramenta, e, marginalmente, a rodovia Belém-Brasília (9).

Bairros — Belém não possui nenhum documento legal que a divida em bairros. Existem três classificações de bairros de Belém: a primeira, para fins estatísticos, da Delegacia de Estatística no Pará da FIBGE; a segunda, para fins de erradicação da malária, da Superintendência das Campanhas — Sucam; e, finalmente, uma terceira, que apareceu durante os festejos dos 350 anos da cidade. As três divergem quanto ao número de bairros e suas delimitações (a da Sucam só trata praticamente das áreas suburbanas), e certos nomes de bairros consagrados pelo povo não aparecem nestas classificações. Utilizamos para o nosso trabalho a da FIBGE, que transcrevemos a seguir, com a significação do nome de cada bairro, segundo Ernesto Cruz (10), e sua população (11).

a) **Cidade Velha** – 16.921 habitantes.

> Parte de Belém onde os portugueses, sob o comando de Francisco Caldeira Castelo Branco desembarcaram, construindo um Forte de madeira e uma Capela. A praça d'Armas (pequena e modesta) era defendida por uma estacada de madeira, dentro da qual ficaram os primeiros colonizadores civis e militares. Saindo do Forte, os colonos abriram um caminho, que chamaram de rua do Norte, e foram se aventurando na construção de casas para morada. Daí surgiu a Cidade, chamada posteriormente de Velha, permanecendo esta denominação até os dias presentes. É a parte colonial que resta de Belém dos séculos XVII e XVIII.

b) **Reduto** – 6.401 habitantes.

> Lugar onde esteve ereto um Reduto (pequena praça de guerra, forte) que deu nome ao bairro.

c) **Comércio** – 9.704 habitantes.

Onde se localizou o comércio mais representativo de Belém. A rua principal teve denominação de Mercadores, depois mudada para Cadeia, por ficar nessa artéria a prisão, passando posteriormente a ser chamada de Conselheiro João Alfredo.

d) **Umarizal** – 35.020 habitantes. Lugar de Umari, onde deviam frutificar as árvores que caracterizaram esta área.

e) **Telégrafo Sem Fio** – 41.632 habitantes.

Tirou o nome do Telégrafo Sem Fio, ali instalado. Este bairro teve, antes, a denominação de São João do Bruno.

f) **Sacramenta** – 19.792 habitantes.

Antes da abertura do bairro, houve a chamada rampa da Sacramenta, lugar tradicional, ligado possivelmente a alguma tradição da terra. Não podemos, entretanto, afirmar se esta denominação estava traduzindo qualquer sentimento religioso (sacramento), fosse de juramento ou de consagração, como ensina Aurélio Buarque de Holanda Ferreira no seu Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa.

g) **Pedreira** – 58.668 habitantes.

Antes da denominação dada a esta área da cidade, era conhecida a Pedreira do Guamá, lugar escolhido pelo general Francisco José de Souza Soares de Andréia para o desembarque das forças imperiais que combateram os cabanos. A atual, como a primitiva Pedreira, deve o seu nome, supostamente, às pedras que existiam em grande escala nas suas imediações. Nenhum motivo histórico nos ocorre para melhor justificar a origem da denominação.

h) **Marco** – 59.170 habitantes.

Significa a implantação do Marco da posse da primeira légua patrimonial de Belém. Assinalava o término da extensão da propriedade da terra que lhe fora mandada dar, por vontade Régia.

i) **Souza** – 36.328 habitantes.

O Rei D. Felipe III, em carta datada de 9 de fevereiro de 1622, doou a Gaspar de Souza, Governador Geral do Brasil, a Capitania do Gurupi, situada entre o Turiaçú e o Caeté — "com vinte léguas de fundos para o sertão". Foi a

origem do Souza do Caeté. Desse modesto povoado, de cujo progresso nada adiantam as crônicas, vem a origem de Bragança, ao tempo em que era governador o capitão-general do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que deu nome à vila, no ano de 1753. Pelo caminho de Bragança, iam ter os moradores à capitania de Gurupi. Ficou a denominação do Souza de Caeté, a destacar a área por onde atravessavam os caravaneiros que iam com destino a Bragança ou ao Gurupi. O povoado do Souza foi fundado depois da Corte de Madri haver atendido às reclamações de Álvaro de Souza, filho do Governador Geral, de quem Feliciano Coelho de Carvalho pretendeu usurpar o direito de posse.

j) **Marambaia** – 31.422 habitantes.

Lote de terras que pertencera ao sr. João Baltazar e por este aforadas a diversas pessoas que lá construíram suas casas.

k) **Canudos** – 13.155 habitantes.

Homenagem à presença da Força Policial do Pará na Campanha de Canudos, contra os cangaceiros, quando os paraenses obtiveram magníficos triunfos, que possibilitaram a queda do derradeiro reduto rebelde.

l) **Matinha** – 15.376 habitantes.

Característica do bairro, o que o levou a ser assim chamado.

m) **São Braz** – 25.011 habitantes.

Lembrança do culto que o povo paraense devotava a este glorioso Santo, cuja procissão saía da Igreja das Mercês para a de Nazaré, com grande aparato e imensa devoção.

n) **Nazaré** – 17.608 habitantes.

Assim chamado por estar ali edificada a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. Principiou por uma Ermida, depois transformada numa Igreja, e agora representada pela suntuosa Basílica.

o) **Batista Campos** – 17.163 habitantes.

Homenagem ao Padre Batista Campos, que exerceu vários cargos de importância na vida política do Pará. Foi um dos inspiradores da Cabanagem. Antes, teve a praça o nome de Salvaterra, sobrenome da proprietária do terreno.

p) **Jurunas** – 48.833 habitantes.

Tribo indígena. Aliás, em todo o bairro, que pertence à Zona Sul de Belém, as travessas têm as denominações de outras tribos, tais como: Apinajés, Mundurucus, Timbiras, Pariquis e Tamoios.

q) **Condor** – 27.159 habitantes.

Companhia de navegação aérea alemã, que se estabeleceu à margem do rio Guamá, onde possuía armazéns para descarga de mercadorias. Na atualidade, o logradouro é constituído de bela praça chamada Princesa Isabel. Construiu-se ali um bar destinado à apresentação de artistas, para recreação dos que procuram aquele ponto pitoresco da cidade.

r) **Guamá** – 55.764 habitantes.

Bairro compreendido na Zona Sul. O rio Guamá fica situado à margem da área que dá denominação à mesma.

s) **Terra Firme** – 9.885 habitantes.

A própria denominação reflete a idéia dos que deram o nome deste bairro de Belém.

t) **Cremação** – 26.452 habitantes.

Área onde foi instalado o Forno Crematório de Belém.

Além desses nomes, outros são utilizados pelo povo para designar certos bairros, como, por exemplo, Santa Izabel assim designado por causa do Cemitério, que corresponde praticamente a mesma área do bairro do Guamá; Acampamento, que se acha situado entre os bairros da Pedreira, Sacramento e Telégrafo Sem Fio; Campina, que foi o segundo bairro de Belém e corresponde hoje, aproximadamente, às áreas do bairro do Comércio e parte dos de Batista Campos, Nazaré e Reduto; São João do Bruno, correspondente ao Telégrafo Sem Fio; Curió, que faz parte dos bairros Marco e Souza; Bandeira Branca, área integrada ao Curió; Jabatiteua, integrada ao bairro da Terra Firme.

Cemitérios – Os cemitérios ocupam um lugar de destaque neste trabalho. Além de serem objeto de muitas das visagens e assombrações, é neles que se realiza o Culto das Almas, daí a necessidade de alguns informes sobre os

locais de sepultamentos da cidade.

Nos primeiros tempos de Belém até meados do século passado, os sepultamentos eram realizados em igrejas, salvo os escravos e outros desprotegidos da sorte, como informa Arthur Vianna (12), e diz ainda que o primeiro Cemitério da cidade estava localizado onde é hoje a Praça da República (antigo Largo da Pólvora), onde existe uma pequena placa marcando o local. É possível que antes os sepultamentos de escravos e condenados fossem realizados na periferia do bairro da Cidade Velha.

O sepultamento em Cemitérios foi estabelecido em Carta Régia de 14 de janeiro de 1801 pelo regente D. João, não sendo obedecido em Belém. Somente em 1850, com a epidemia de febre amarela, é que sepultamentos começam a ser realizados normalmente em Cemitérios, sendo para isto mandado limpar o terreno do então chamado Cemitério da Câmara, no qual foi erguida uma capela, que recebeu a invocação de Nossa Senhora da Soledade (12). Havia ainda, à época, o chamado Cemitério dos Protestantes, defronte ao da Soledade. Em todos dois há muitos anos que não mais se fazem sepultamentos.

Em fins do século passado, foi criado o Cemitério de Santa Izabel, no bairro do Guamá, ao que o povo chama também de Santa Izabel, pela presença do Cemitério. Este funcionou normalmente até a década de 60, quando foi então criado o Cemitério de São Jorge, no bairro da Marambaia.

Atualmente, só se fazem sepultamentos no Cemitério de Santa Izabel aos defuntos de cujas famílias possuam sepulturas perpétuas. O Cemitério de São Jorge, talvez devido ao seu pouco tempo de existência, praticamente não aparece ainda como palco de Culto das Almas ou ainda de aparecimento de visagens e assombrações.

Uma abordagem interpretativa

A formação étnica amazônica, como a do resto do Brasil, fez-se pela miscigenação de brancos portugueses, negros africanos e indígenas nativos.

Arthur Cezar Ferreira Reis (13) informa que "holandeses, franceses e ingleses, que precederam os portugueses na ocupação, em passagem rápida, contato insignificante, todo de caráter comercial, com o nativo, nenhum vestígio étnico deixaram ficar". Então, étnica e culturalmente é realmente o elemento português que vem trazer a contribuição branca para a formação amazônica.

O elemento negro, trazido para a Amazônia como escravo de procedência direta da Guiné Portuguesa, de Cabo Verde, de Cabinda e de Angola ou indireta através dos portos do Maranhão, Bahia e outros portos brasileiros, deu um total de pelo menos 53.072 escravos, no dizer de Anaíza Vergolino e Silva (14). Já Vicente Salles (15) diz que até 1820 teríamos recebido 53.217 escravos, porém a importação não teria cessado naquele ano, ressaltando o autor não se arriscar a calcular ou sugerir "um total aproximado de negros introduzidos no Pará, sob a condição de escravos: ainda é preciso revolver muitos documentos nos arquivos".

O índio nativo compõe o maior contingente da nossa formação étnica. "A indiada, segundo elemento étnico, o mais numeroso ontem como hoje, o que mais ainda caracteriza a feição-humana da região, caracterizada na massa numérica, nos usos, nos costumes, na linguagem, na alimentação, nos mais variados aspectos da manifestação cultural, espalhava-se por todos os cantos da bacia, em maioria pertencendo ao grupo tupi-guarani. Foi a Amazônia, assim, o seu grande campo de ocupação", segundo Arthur Cezar Ferreira Reis (13), que afirma, ainda na mesma obra, que "brancos e negros não cruzaram a valer, na Amazônia. Uma legislação severa proibia o conúbio, tachando de infames os brancos que dele participavam, índios e negros não cruzaram também à larga, já que os índios jamais tiveram simpatia por eles, julgando-os inferiores... Brancos e índios, ao contrário, cruzaram intensamente. O Alvará de 4 de abril de 1755 e instruções posteriores mandavam preferir para os cargos públicos os que casassem com mulher indígena... A preferência manifestava-se com relação à mulher, porque brancas não havia quase, a não ser as que já vinham com esposos... A família amazônica, que procedeu dessa mestiçagem oficializada, desenvolveu-se fartamente".

O estudo de visagens, assombrações e Culto das Almas em Belém tem de ser feito levando em conta a formação religiosa do povo. No momento, numa sociedade complexa como a de Belém, onde, além de seus valores tradicionais, novos valores são trazidos a cada dia pelo ritmo de desenvolvimento que atravessa (por exemplo, programas de televisão do Sul e do exterior via Embratel ou via satélite; telefone através do sistema DDD — Discagem Direta à Distância; as comunicações via estrada, trazendo informações atualizadas as mais diversas, através das mais variadas revistas especializadas, quando, antes, ou não vinham ou chegavam com grande atraso

via marítima ou vinham por via aérea num preço inacessível à bolsa popular), apenas estamos tentando uma primeira abordagem a um assunto que ainda não foi tratado nesta cidade, visando a que outros estudiosos dele se ocupem, a fim de aprofundá-lo. Desta forma, este trabalho, que deveria ser um estudo globalizado da vida religiosa em Belém, não o é. Tentaremos apenas, a seguir, uma possível explicação para as origens das visagens, assombrações e Culto das Almas em Belém, sem maiores preocupações com as diversas formas de culto que atualmente realizam na cidade, que aqui serão referidos apenas de passagem.

Quando iniciamos o trabalho, pensávamos apenas em coletar as histórias de visagens e assombrações que se contam em Belém e estudar suas origens. A continuação da pesquisa, entretanto, mostrou-nos uma verdadeira teia, donde visagens e assombrações eram apenas um fio, e os demais, as próprias religiões ou seitas, as lendas e mitos amazônicos ou de origem europeia, as crenças negras, e isto tudo de maneira bastante complexa, ligado direta e/ou indiretamente, ao Culto das Almas.

Eduardo Galvão (16) em Santos e Visagens, diz que "qualquer descrição da vida religiosa de Itá restaria incompleta se deixasse de incluir ao lado de crenças e instituições católicas, outras, igualmente arraigadas na mente do caboclo, mas de origem diversa". A observação feita por aquele antropólogo para Itá é válida para Belém: a vida religiosa na capital da Amazônia não deve ser encarada apenas sob a ótica das grandes religiões ou seitas, pois virá se completar com as crenças nas visagens, nas assombrações e nas almas de poder miraculoso.

Se voltarmos nossas vistas ao passado, encontraremos nos três elementos componentes de nossa etnia a crença na alma e em suas manifestações. Os católicos, com a crença em céu, purgatório e inferno, acreditam também em alma penada. Muitos dos mitos e lendas indígenas foram transformados pelos missionários e catequistas em manifestações demoníacas, como por exemplo ocorreu com Jurupari, que sendo um reformador foi apontado como encarnação diabólica, como informa Câmara Cascudo (17). Ainda hoje, dos púlpitos, padres falam em almas penadas. Juvêncio, católico praticante, contou-nos que, ao assistir missa na Basílica de Nazaré, o padre oficiante, falando sobre o valor da missa, disse que ela dava créditos junto a Deus e que as pessoas que não as assistiam, ao morrer, vinham solicitá-las: eram almas penadas.

Também os negros africanos acreditavam na alma, bem como no fato dela penar pelo que se pode deduzir do que diz Protásio Frikel (18) em estudo realizado na Bahia sobre os traços essenciais da doutrina e crença afro-baiana sobre a alma: "Pois a alma tem de penar até ficar purificada a fim de poder ir a Vuã"... E outro adágio diz: "Eini cobaburu, olôurum coma, libou ouló... Este que não serve, Deus sabe para onde vai... Fica vagando"... "Quem, portanto, viveu mal no tempo de sua encarnação, por castigo, deve vagar pelo espaço

como espírito mau. Estes espíritos maus e vagabundos são os ara-ôurum"... O mesmo autor se refere também a um Culto das Almas entre os Gêge e Nagôu, ligado aos antepassados: "Já nos referimos à palavra de Eduardo: 'Os égum são os nossos tataravós...' e apontamos para o culto dedicado aos ancestrais. Considerando-se as nações de candomblé em seu conjunto e procurando-se conhecer-lhes as idéias sobre a alma humana e o culto prestado à mesma, nota-se um fato bem interessante. Enquanto entre essas nações e, especialmente, entre os gêge e nagôu a crença na alma é geral e comum, o culto à alma ou seja aos antepassados é separado do culto aos deuses e não pode ser exercido juntamente com este".

Também os indígenas brasileiros acreditavam e acreditam em almas e espíritos, como se pode ver através do estudo realizado por Charles Wagley (19) sobre Xamanismo Tapirapé. "Uma multidão de espíritos pousa o mundo sobrenatural dos Tapirapé. Esses espíritos, conhecidos pelo termo genérico de ancúnga, são de dois tipos gerais: espíritos, ancúnga iúnwera, as almas descorporificadas dos mortos; e seres malignos de muitas classes e naturezas. Os espíritos habitam os locais de aldeias abandonadas, onde revivem suas vidas terrenas. Frequentemente, porém, vagueiam à noite e especialmente durante a estação chuvosa, aproximam-se da aldeia dos vivos porque 'estão com frio' e acercam-se das habitações humanas para se aquecerem. Em razão disto, as pessoas têm medo de aventurar-se à noite, além da praça da aldeia. De vez em quando os espíritos aparecem às pessoas vivas, assustandoas, algumas vezes atirando sobre elas uma substância semelhante a poeira, e fazendo-as cair desmaiadas3.

Durante minha estada, várias pessoas passaram pelo susto de ter visto um espírito. Uma mulher avistou um, "banhando-se no córrego", quando, já noite, ali fora beber água. Disse ela que o espírito aproximou-se e bateu-lhe. Andando pela roça pouco após o cair da noite, um homem viu o espírito de uma pessoa conhecida, morta há alguns anos. "Era branco e sem olhos. Tinha alguma carne, e o cabelo estava pintado com urucu". Ainda outro homem encontrou um espírito que "era branco com grandes buracos em vez de olhos". Espíritos de indivíduos que morreram há muitos anos "não teem carne; teem somente ossos". Os espíritos que aparecem aos vivos seguem o padrão da desintegração gradual do corpo".

Ao lado desta crença nas almas, uma infinidade de duendes das selvas e das águas aparece nas crenças indígenas, embora hoje muito modificada. Eduardo Galvão (16), ainda em Santos e Visagens, diz que "essas se modificaram e se fundiram ao catolicismo constituindo a religião do caboclo". Figueiredo & Silva (20), em Festas de Santo e Encantados, trabalho realizado na região do Alto Cairari, afirmam que "o mundo sobrenatural, na crença dos moradores da região, é povoado por entidades que moram na mata ou nas águas do rio e seus afluentes. Essas entidades protegem os animais da floresta e das águas e também os homens, sendo conhecidas com o nome genérico de

visagens ou bichos visagentos".

Ora, mesmo Belém sendo a capital da Amazônia, nela também encontramos as mesmas crenças. Se, de um lado, não podemos generalizar a afirmativa para todos os habitantes, por outro lado verificamos que, mesmo na chamada classe alta da sociedade belenense, as crenças existem, embora um tanto reformuladas e diversificadas quanto à forma. Assim, um mesmo indivíduo que ri da Matinta Perera ou de uma história de Lobisomem acredita piamente em visagens assombrosas ou no poder miraculoso das almas ou mesmo que, se "alimentar" devidamente um tajá Rio Negro, se "curá-lo" (regá-lo com água em que a carne tenha sido lavada e com aguardente, segundo uns, todos os dias da semana, segundo outros, às terças e sextas-feiras, para outros, ainda, só às sextas-feiras), ele se tornará "morada" de um caboclo, ou seja, do espírito de um índio, que assobiará à noite avisando sua presença vigilante (ver a história "Morada de caboclo"). Embora muitas pessoas digam que têm o tajá apenas para efeito decorativo, a observação mostrará que ele é regado, sorrateiramente, com água de carne e aguardente às sextas-feiras.

Em Alguns elementos novos para o estudo dos batuques de Belém, Figueiredo & Silva (21) dão notícia de cultos fitolátricos ligados à umbanda. Entretanto, as pessoas que usam o tajá Rio Negro como proteção, ou o tajá Cala Boca (tem a finalidade de seu nome: uma vez "curado", se alguém vier dizer desaforos aos moradores da casa, não conseguirá falar — o índio ali residente lhe fechará a boca) ou ainda a aninga Comigo-Ninguém-Pode ("curada", fará sempre os moradores da casa saírem vencedores em suas lutas) não estão ligadas a umbanda. Antes, dizem-se católicas praticantes.

Em compensação, uma outra observação feita pelos dois autores, no mesmo trabalho, parece-nos se assemelhar em relação às visagens, assombrações e ao Culto das Almas. Vejamos o que dizem: "O estudo desse problema que em sua configuração nacional é descrito por Bastide (1960), encontra em Belém, sua confirmação. Traçando-se um Gradient conceitual, a partir do Kardecismo praticado na União Espírita Paraense ao culto afro-brasileiro levado a efeito nos terreiros, observamos: nas casas kardecistas é grande a freqüência de pessoas de alto nível, onde a classe média-alta exerce liderança, e onde também encontramos a classe média-média e a classe média-baixa. À proporção que nos acercamos dos cultos com reminiscências africanas, diminui a participação de classes sociais elevadas, aumentando a freqüência de classes de baixo nível social, pois aumentando a prática kardecista, diminui a frequência da classe proletária, ou aumentando a prática afro-brasileira, diminui a participação das classes altas e aumenta a das classes proletárias. Isso se pode constatar na própria localização desses cultos na paisagem urbana: os terreiros localizam-se nos subúrbios distantes e pobres da cidade, onde a população em quase sua totalidade é de proletários; enquanto que os outros (Umbanda e Kardec) têm sua localização nos bairros

residenciais de classe média e classe alta".

Assim, a crença em visagens, assombrações ou no poder miraculoso das almas é válida para quase toda a cidade, sendo cultivadoras de almas mesmo as pessoas de alto nível; aí não se acredita, a não ser como lenda ou mito, na Matinta Perera ou no Lobisomem. Entretanto, à medida que vamos saindo do centro da cidade em direção aos subúrbios não apenas as primeiras crenças são aceitas (visagens, assombrações, almas miraculosas) como também aumenta gradativamente a crença nos seres mitológicos. De onde se pode fazer a relação, tomando por base o trabalho daqueles autores:

Classe média e alta = Cultos Kardecistas e Umbandistas = Crenças em visagens, assombrações e almas miraculosas.

Classe proletária = Cultos com reminiscências africanas = Crenças em visagens, assombrações, almas miraculosas + crença nos seres mitológicos.

É necessário salientar que é costume até hoje em Belém se adotar mocinhas do interior que se tornam "crias" da casa e que transmitem aos filhos daqueles que as adotaram toda a sorte de crenças de seus lugares de origem. Vicente Salles (15) refere que esta prática já era utilizada desde o século passado: "Em Belém e Manaus, por exemplo, são raras as famílias que não abrigam meninos ou meninas do 'interior' e os 'educam nos hábitos da sociedade', dando-lhes também, às vezes, oportunidade de frequentar escolas". Sobre a transmissão das crenças, Leandro Tocantins (22) igualmente informa que "não há menino que deixe de ouvir histórias fantásticas, transmitidas pelas amas, as empregadas domésticas, geralmente pessoas vindas do interior do Estado, onde sobrevive, intensa, a tradição oral destas lendas".

Por outro lado, a vinda para Belém de interioranos para conseguir emprego, para estudar, enfim, com as finalidades as mais diversas é muito grande. Daí a continuidade nas crenças das quais nos fala Galvão (16) ou ainda Figueiredo & Silva (20), em Itá e Alto Cairari, respectivamente, em Curupiras, Botos, Anhangás, Companheiros do Fundo (ou Encantados), Cobra Grande, Matinta Perera, Pinto Piroca, Mãe de Bichos ou de acidentes geográficas, Fogo do Mar, Mapinguari, Lobisomem, Galinha Grande, Cabi, Purué etc. Vejamos o que são estes duendes, em rápidas pinceladas, pois a maioria já é sobejamente conhecida:

Curupira (ou a Curupira) — é chamado "a Mãe do Mato", embora se apresente na forma masculina, feminina ou ainda assexuada. Geralmente parece uma criança, o calcanhar é para frente e os artelhos para trás. É considerado protetor da selva e da caça, protegendo o homem que derruba a selva ou que caça por necessidade, perseguindo, entretanto, aos que matam por prazer. Informa Galvão (16) que os Curupiras habitam muito dentro da mata, porque não gostam de locais muito habitados.

Boto — habita os rios amazônicos, tem poderes sobrenaturais, podendo transformar-se em homem. Nestas ocasiões, seduz virgens ou mulheres

casadas. Tem o poder de "malinar" as pessoas que tentam caçá-lo ou de quem não gosta, embora a variedade tucuxi seja tida como defensora do homem. Quando um boto é encontrado morto, praticamente todas as partes de seu corpo são aproveitadas para amuletos, defumações e outros preparados com fins mágicos.

Anhangá — é um espírito e como tal "invisível" e vive na mata, informam Figueiredo & Silva (20), que dizem também que pode apresentar-se sob a forma de diversos animais. Como outros duendes, a Anhangá igualmente "assombra".

Companheiros do Fundo, também chamados Caruanis — habitam um "reino encantado", espécie de mundo submerso, diz Galvão (16). E continua: "o reino é descrito à semelhança de uma cidade, com ruas e casas, mas onde tudo brilha como se revestido de ouro. Os habitantes desse 'reino' do fundo dos rios têm semelhança com criaturas humanas, sua pele é muito alva e os cabelos louros. Alimentam-se de uma comida especial que, se provada pelos habitantes deste mundo, os transforma em encantados que jamais retornam do 'reino'."

Cobra Grande — ser aquático descrito como sendo uma cobra de enormes proporções, cujos olhos são como dois faróis, e que afundam grandes embarcações com facilidade. Pode ainda transmudar-se num navio encantado. Muitos rios amazônicos e até mesmo igarapés têm a "sua" cobra grande, considerada "mãe" destes lugares.

Matinta Perera — da qual há diversas maneiras de escrever ou pronunciar: Matinta Perera, Matinta-Pereira, Mat-taperê (Figueiredo & Silva (20) encontram também a forma "Titinta-Pereira") — é visagem que frequenta os lugares habitados. Não aparecem na mata. É uma crença principalmente dos moradores urbanos, informa Galvão (16), que diz também que "Matinta Perera é invisível... tem um xerimbabo, um pássaro negro de carvão cujo pio denuncia a presença da visagem". Figueiredo & Silva (20) afirmam que "aparece sob forma de ave do mesmo nome, só fazendo assombração. Dizem que as velhas faladeiras e 'avistreiras' (bisbilhoteiras) à noitinha se transformam em Matinta Pereira".

Pinto Piroca — "dizem que ele se parece com um pinto gigante com o pescoço pelado, mas ninguém sabe direito. Ninguém ainda viu o Pinto Piroca, mas de vez em quando a gente ouve o seu pio", conforme Galvão (16).

Mãe de Bichos ou de acidentes geográficos ou de "coisas" — Cada bicho, assim como cada acidente geográfico, rios, igarapés, lagoas, poços e portos onde atracam as canoas têm a sua "mãe", que os protege. Não podem ser ofendidos, e enfezar ou maltratar um animal, ou fazer zoada na beira d'água é atrair a malineza da mãe do bicho ou igarapé. Galvão (16), em nota de rodapé, chama atenção para a generalização de se atribuir ao indígena a origem da crença nas mães de bichos ou coisas, e, após algumas

considerações sobre o assunto, lembra que o conceito de "mães" poderia também ser atribuído à influência negra, que trouxe para o Brasil a crença em um bom número de entidades femininas, como Yemanjá, citando ainda que esta fonte não seria exclusiva: o português veio impregnado de crenças e histórias sobre as "Mouras Encantadas", além das velhas tradições sobre as sereias. Conclui dizendo que acredita "que a crença em mães terá sido o resultado de um sincretismo cultural, em que pesam a influência do africano, mas, sobretudo, do português, sobre crenças do indígena que já possuía uma versão original de entidades protetoras da natureza. A mãe dos bichos e das coisas não foi uma crença tribal. Terá surgido com o índio 'domesticado' nas missões ou nas vilas coloniais e com o mameluco".

Mapinguari — aparece sob a forma de um grande macaco peludo, cujos cabelos cobrem o corpo todo, da cabeça aos pés. Possui apenas um olho por cima do nariz. Quando encontra uma pessoa, ataca e mata, comendo apenas a cabeça e abandonando o resto do corpo (Figueiredo & Silva (20)).

Lobisomem — é um homem ou mulher que se transforma em porco comum de grande tamanho (Figueiredo & Silva (20)). É encantado... Aparece sempre nos caminhos usados pelos habitantes da região e, quando se encontra com eles, ataca-os. Galvão (16) também cita o caso de um certo Frederico que se transformou num porco em Itá...

Fogo do Mar — aparece como pequena luz, como se fosse emitida por uma lamparina em cima das águas. Quando alguém o vê, é de relance, pois desaparece em seguida; quando parentes, compadres ou comadres têm relações sexuais entre si, ao morrerem viram Fogo do Mar (Figueiredo & Silva (20)).

Galinha Grande — aparece sob a forma de seu nome nas estradas pouco trafegadas, acompanhada por uma ninhada. Quando alguém as avista e é avistado por elas, começam a crescer e acabam por atacar o viajante (Figueiredo & Silva (20)).

Cabi — "pequeno tajá arroxeado, que quando devidamente 'curado' e cuidado, pia e chora. É plantado por um pajé ou curador que o planta em local reservado, funcionando como vigia da moradia. Se alguém tentar penetrar na casa, estando ela deserta, transforma-se em onça ou animal feroz, afastando assim o intruso" (Figueiredo & Silva (20)). Os mesmos autores citam, também, o Puruá, outro tajá, com poderes semelhantes, porém exigindo um tratamento diferente para ser "curado": tem de ser roubado e plantado em cima de um fígado de veado com os brotos para baixo. De seu bulbo nascem três hastes com três folhas em cada uma delas. Quando as folhas estão totalmente abertas, tira-se de cada haste uma folha, de maneira que fiquem apenas seis folhas e diariamente devem ser molhadas com a primeira água do preparo da caça ou do peixe obtido, quando posto para cozinhar. Na ausência de caça ou peixe, devem ser molhadas com chibé (mingau de farinha).

Estes duendes encontrados por Galvão (16) em Itá e por Figueiredo & Silva (20) em Alto Cairari, com exceção de alguns que, parece-nos, são locais (Pinto Piroca, em Itá; Fogo do Mar e Galinha Grande, em Alto Cairari) e de outros que só aparecem nas selvas (Curupira, Anhangá, Mapinguari) são igualmente encontrados em Belém. Uns, reformulados; outros, na forma própria que aparecem naqueles locais. Assim como no Alto Cairari existem os tajás Cabi e Puruá, que, "curados", defendem a casa para seus moradores, em Belém encontramos os tajás Rio Negro e Cala Boca e mais a aninga Comigo-Ninguém-Pode, com idêntico preparo e finalidades, sendo que os de Belém, mais sofisticados, cada um tendo uma finalidade diferente, como vimos anteriormente, em vez de se transformar em onças ou outros animais ferozes, são guardados pela forma humana de um índio de olhos flamejantes (ver a história "Morada de caboclo"), que amedrontam e assombram os que chegam muito perto sem boas intenções.

A Cobra Grande não mais existe em Belém e adjacências na forma com que se apresenta em Itá ou Alto Cairari. Mas existe a crença que sob a cidade dorme enorme cobra, cuja cabeça está sob o altar da Catedral da Sé e a cauda sob a Basílica de Nazaré. Aliás, a crença fala em mais duas outras direções para a cauda: uma indica a Igreja do Carmo, na Cidade Velha; a outra, a Igreja de Santo Antônio. Encaradas as três do ponto de vista da evolução da cidade, parece que a versão da Igreja do Carmo é a mais antiga. Com o crescimento da cidade, sua cauda mudou de posição para ficar embaixo da Igreja de Santo Antônio. E, finalmente, (que é a maior corrente) mudar novamente e se ampliar até a Basílica de Nazaré. Estudo mais profundo do assunto poderia dizer se tal lenda não nasceu dos primeiros missionários que, ao ouvir falar em Cobra Grande, a tenham resolvido esmagar, colocando-lhe a cabeça justo sob o altar da Sé e a cauda sob o altar em Nazaré. Por sinal, muito parecido à Virgem esmagando a serpente, que era encarnação do Demônio.

Por outro lado, a cabeça da cobra sob a Sé e a cauda em Nazaré lembra também o famoso Círio de Nazaré, que se inicia na Catedral e termina na Basílica. Lendas semelhantes existem em outras cidades interioranas amazônicas, e a cabeça da cobra está sempre sob um altar, geralmente de uma santa... Até hoje, porém, existem os que acreditam na existência da Cobra Grande sob Belém. Durante o tremor de terra ocorrido na madrugada do dia 12 de janeiro de 1970, não foram poucas as pessoas que disseram que era a Cobra que estava se mexendo... E a lenda diz que, no dia em que a cobra sair de seu repouso, Belém será tragada pelas águas da Baía do Guajará! (ver a história "O Homúnculo do Largo da Sé"). Note-se que em Belém a Cobra Grande não pode ser vista, entretanto, com o tremor de terra em 1970, ela foi "sentida" pelos crentes.

Em certos subúrbios de Belém e mesmo na periferia central, existe a crença, tal como em Itá ou Alto Cairari, que certas pessoas podem transformar-se em animais: são as Matintas Pereras e os Lobisomens.

As Matintas Pereras são almas penadas. Estão pagando algum grande pecado. Ou pode ser hereditário. As Matintas Pereras têm o poder de transformar-se em qualquer animal, dando preferência, porém, a um pássaro, emitindo nestas ocasiões um assobio forte e estridente. Há também os "amarradores" de Matintas, que usam como material uma tesoura virgem, uma chave (a chave é também citada por Wagley (23) em *Uma Comunidade Amazônica*; por Galvão (16), aliás, a pesquisa de ambos foi em Itá; Figueiredo & Silva (20) não fazem referência à chave em Alto Cairari, ali amarra-se a Matinta Perera numa árvore) e um terço. A tesoura é aberta no local das aparições, no meio dela se coloca a chave e por cima o terço, rezando-se orações apropriadas. Em Belém, as Matintas Pereras, geralmente, são também mulheres idosas, sendo muitas vezes identificadas (ver as histórias "A Matinta Perera do Acampamento" e "A Matinta Perera da Pedreira"). Igualmente gostam de tabaco. Outro animal de sua preferência para transformar-se é o porco (ver a história "A porca do Reduto").

Histórias de Matinta Perera foram também recolidas nos bairros do Marco, Canudos e Jurunas e não foram narradas para evitar a repetição. Foi também informado o caso ocorrido no bairro da Marambaia de um jovem que, faltando quinze dias para o casamento, desmanchou o noivado porque soube que sua noiva "virava" Matinta Perera.

Encontramos em Belém duas variações para transformações em Lobisomem: a primeira, como sina, isto é, o pagamento de faltas cometidas; a segunda, como pacto com o Demônio. No primeiro caso, independente da vontade do indivíduo "virar" Lobisomem (ver a história "O Lobisomem da Pedreira"); no segundo, é o próprio que procura. Aqui, este rito parece estar ligado à umbanda em linha negra, portanto, associado a Exus. O indivíduo que assim o deseja propõe o pacto, à meia-noite de sexta-feira, numa encruzilhada, oferecendo seu sangue, representado por algumas gotas colocadas na encruzilhada — e com o sangue a alma, a fim de ter sorte no amor e/ou no jogo. Após o pacto, não há mulher que resista às investidas daquele que o faz; não há jogo de azar em que não saia vencedor.

Porém, às sextas-feiras, vem o momento da transformação... E de cerca de meia-noite até a madrugada vaga pelos terrenos baldios ou ruas desertas na forma de um porco, pronto para atacar quem lhe passar pela frente. No bairro da Pedreira, todos se referem a José como tendo feito o pacto. José não trabalha, vive do jogo, no qual tem uma sorte extraordinária, principalmente no carteado, a ponto de ser evitado como adversário. Igualmente nas conquistas amorosas, não há quem lhe resista. Mas, às sextas-feiras, desaparece, e ninguém consegue encontrá-lo. Seus amigos brincam com ele e perguntam: "Que história é essa que contam por aí de que você vira porco?" José não responde, a testa contraída demonstra que não gostou da brincadeira, e seus amigos silenciam. Um seu compadre saiu certa ocasião em sua companhia, numa sexta-feira. Em dado momento, José pediu licença para

urinar num matagal. E, quando seu compadre menos esperava, surgiu um porco enorme tentando mordê-lo. O compadre recuou, exclamando: "Que é isto, compadre? Não está me reconhecendo?" Mas o porco continuou a investir. E então o compadre sacou de um revólver e disse: "Olhe, compadre, gosto de você, mas se continuar a me atacar, taco-lhe chumbo quente!" O porco parou, como se estivesse refletindo. Voltou para o meio do mato e, daí a pouco, surge José, pálido, dizendo que não se sentia bem. O compadre evitou fazer referência ao ataque do porco.

Temos em Belém, portanto, três tipos diferentes de porcos, produto da transformação de humanos: a Matinta Perera, o Lobisomem de sina e o Lobisomem de pacto com o Diabo. Como distingui-los? A Matinta Perera é fácil: não se tem conhecimento, em Belém, que homens se transformem em Matintas Pereras. Logo, o sexo responde: se for porca, é Matinta Perera. Mas se for porco, é Lobisomem e será difícil saber se o é por sina ou por pacto. A história "O Homúnculo do Largo da Sé" parece-nos estar enquadrada nas histórias de Lobisomens, conquanto que, espacialmente, elas sejam mais comuns fora do centro da cidade.

Belém é uma cidade recortada de igarapés, o que tem criado sérios problemas para o saneamento da cidade. Os igarapés de Belém têm também a sua "mãe". Entretanto, é possível que com a transformação dos igarapés em canais, como ocorreu com o da avenida Tamandaré e, mais recentemente, com o Igarapé das Almas, as "mães" de tais locais tenham se aborrecido e procurado novos locais para guardarem. No Igarapé das Almas, por exemplo, com suas águas poluídas pelo óleo e outros detritos de um posto de gasolina que existe nas vizinhanças, são outras as assombrações que aparecem. Entretanto, o Igarapé de São Joaquim e outros ainda não transformados em canais possuem as suas "mães", que malinam e assombram aqueles que as ofendem, gracejam ou molestam, como podemos verificar na história de "A Mãe d'Água do Igarapé de São Joaquim". O mesmo é dito com relação à enorme castanheira que ficava à entrada de Belém (de quem vem a esta cidade pela estrada Belém-Brasília) — nota-se que esta castanheira não mais existe — e de outros vegetais espalhados pela cidade.

As "mães", porém, só são conhecidas e respeitadas nos subúrbios e, mesmo assim, cada vez por um número menor de pessoas. Em Belém já não se ouve falar em "mães" de bichos, talvez pela inexistência de caça. Só mesmo alguns poucos igarapés e número ínfimo de vegetais (excetuando, é claro, os tajás "curados"; mas nesse caso não são "mães" e sim caboclos residentes) possuem essas entidades. Casos de encantamento em Belém de hoje são raros, não obstante o Dr. X parece ter estado num "reino encantado", no início do século (ver a história "O estranho cliente do Dr. X"). A propósito, a história que a segue, "As ilhas encantadas do Marajó", foi inserida neste trabalho justamente porque constitui uma sequência, cujo desfecho aparece em "O Pai-de-Santo do Jurunas". A história que nos chega foi trazida pela

tradição oral e somente a viagem ao Marajó, de nosso informante, onde ouviu falar nas ilhas encantadas de C'roa Grande e C'roinha e, mais tarde, sua visita a um "Pai-de-Santo" é que permitiram-lhe fosse avivada a história e ele fizesse a correlação entre as três. Todavia, com exceção da história referida, na pesquisa realizada, não encontramos histórias atuais de encantados ou encantamentos ou ainda de "companheiros do fundo", de que fala Galvão em Itá.

Apesar de encontrarmos em Belém as expressões visagens, assombrações e aparições usadas quase que indistintamente e tendo o mesmo sentido encontrado por Galvão (16) em Itá ("perder a sombra, que é roubada por uma dessas criaturas da mata. A perda da sombra tem um sentido de perder a alma. A consequência é a loucura. Fala-se comumente assombrado de bicho"), há uma diferença: em Belém, não significa assombrado "de bicho". Em Belém, a assombração pode ser no sentido em que fala Galvão (consequência — a loucura), como nas histórias "Fantasma erótico da Soledade" e "Encontro na praça" (a propósito desta história recolhemos as mais diversas versões quanto ao local; conquanto a maior parte dos informantes falasse em Belém, outros localizaram-na no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, e até nos Estados Unidos, conforme David Funell), ou no sentido usado por Figueiredo & Silva (20), encontrado no Alto Cairari — "dores no corpo, febre etc.", como na história "A Mãe d'Água do Igarapé de São Joaquim", ou ainda apenas no sentido de o indivíduo sentir-se apavorado, como nas histórias "A moça sem face", "A Procissão das Almas", "Aparições no Parque", "O grito dos lenhadores da Pedreira", "O cruzeiro do Telégrafo" etc.

Para algumas pessoas, entretanto, parece que se estão delineando novos sentidos para essas palavras. Assim, alguns informantes nos dizem "assombrações" apenas no sentido de o indivíduo ficar enlouquecido ou com febre, dores no corpo etc. Visagem já é uma visão que, mesmo que provoque medo, não assombra, ou seja, a visagem não faz mal, nem faz bem, sentido diferente do encontrado por Galvão (16) em Itá e por Figueiredo & Silva (20) em Alto Cairari. E, finalmente, quando quer se referir à alma ou ao espírito protetor e benfazejo, usa-se a palavra "aparição", geralmente associado ao Culto das Almas. Repetimos, este uso não é generalizado.

Outro tipo de visagem que se faz presente em Belém joga pedras ou areia nos que passam em determinadas áreas, como, por exemplo, no Conjunto da COOHATUBE. O fato foi amplamente noticiado pelos jornais em Belém (ver Anexo II relativo à reportagem em "A Província do Pará", agosto e setembro de 1972). Wagley (19) fala de fato semelhante entre os Tapirapé: "de vez em quando os espíritos aparecem às pessoas vivas, assustando-as, algumas vezes atirando sobre elas uma substância semelhante a poeira, e fazendo-as cair desmaiadas". Visagens e assombrações são tão presentes na vida do belenense que, vez por outra, os jornais noticiam fatos relativos a aparições; de outras vezes são histórias de adiamentos de botijas contendo ouro, moedas e jóias,

invariavelmente mostradas por uma alma (ver a história "O espectro e a botija").

Se tentarmos agrupar, de acordo com o tema de cada qual, as visagens e assombrações de Belém, poderíamos fazer uma série de classificações. Embora a amostragem apresentada tenha sido válida para a apresentação de uma classificação, ela não o é para a de uma localização espacial rígida, ressaltando apenas que o bairro que parece contar com maior ocorrência é o do Guamá (ou Santa Izabel), onde está localizado o Cemitério de Santa Izabel. Segue a classificação proposta:

Visagens mitológico-assombradoras: *A porca do Reduto, A Matinta Perera do Acampamento, O Lobisomem da Pedreira, O Homúnculo do Largo da Sé, A Matinta Perera da Pedreira, A Mãe d'Água do Igarapé de São Joaquim, Morada de caboclo.*

Visagens de encantados: *O estranho cliente do Dr. X, As ilhas encantadas do Marajó, O "Pai-de-Santo" do Jurunas.* (Se utilizarmos a palavra "encantados" num sentido genérico, as mitológico-assombradoras também poderiam ser incluídas aqui).

Visagens romanesco-eróticas: *Fantasma erótico da Soledade, Noivado sobrenatural, Encontro na praça, A moça sem face.* É de salientar que nestas histórias sempre a visagem é de mulher. Não conhecemos nenhuma história em que o encontro se desse ao inverso.

Visagens filantrópicas ou aparições: *O espectro e a botija, Receitas e operações sobrenaturais.*

Almas penadas: *Fantasma do Hirondelle, O cruzeiro do Telégrafo, Aparições no Parque, A ponte do Igarapé das Almas, A Procissão das Almas, O grito dos lenhadores da Pedreira, A moça do táxi, Aposta macabra, O carro assombrado.*

Observe-se também o fundo moral de "A Procissão das Almas", que prega que não se deve intrometer e procurar saber da vida alheia; de "O cruzeiro do Telégrafo", em que a mensagem é não cometer excessos nas quadras momesca e junina; de "Morada de caboclo", na qual parece claro o castigo a quem faz gracejos; e de "O espectro e a botija", em que é clara a alusão a não se enterrar dinheiro ou valores, senão o espírito não terá paz. As demais classificadas sob o título "almas penadas" parecem não serem mais do que o título expressa, embora "A moça do táxi" comece a ser cultuada como alma milagrosa no Cemitério de Santa Izabel.

O Culto das Almas está associado diretamente a "aparições". Nossa informante no Cemitério da Soledade designou seus encontros com almas desta forma. Assim, a alma de Raimundinha Picanço apareceu a um grupo de garotos; um deles ficou "assombrado" (doente), mas melhorou quando os familiares invocaram o nome da falecida. Hoje ela é denominada como Santa Raimundinha. Fenômeno semelhante ocorre com Severa Romana no

Cemitério de Santa Izabel, cuja luz intensa vista em sua sepultura levou milhares a procurarem cura para seus males. Também o Dr. Camilo Salgado e o Dr. Crasso Barboza são procurados por operários e outros crentes, curando e até operando como almas, sem a necessidade de médiuns.

As inúmeras placas de agradecimentos de milagres e graças alcançadas por pessoas de todos os níveis sociais bem demonstram a crença do belenense nessas almas objeto de culto. Nossa informante afirmou já ter visto as almas de Raimundinha Picanço e do Dr. Camilo Salgado: "Eles são espíritos de luz", disse ela, contrapôndo-as às visagens, que são espíritos das trevas. Por outro lado, a pessoa que quiser conseguir uma graça deve pedi-la e cumprir a novena, pois, em caso contrário, além de não conseguir a graça, ficará assombrada. Dizem mesmo que quem inicia o Culto das Almas não mais poderá deixá-lo, sob pena de as almas não darem paz à pessoa, perseguindo-a e não permitindo-lhe dormir à noite.

Doutrinadores das visagens e assombrações

Quando visagens e assombrações tornam-se muito incômodas, geralmente recorre-se a um líder religioso para que as afaste. De acordo com a religião que a pessoa segue, a doutrinação ou o pedido de paz para almas penadas se fará de, pelo menos, três maneiras: através de missas ou orações católicas, através de sessões espíritas ou ainda sessões umbandistas.

No primeiro caso, é solicitado a um padre que reze uma missa em intenção daquela alma para que encontre paz; orações podem também ser realizadas no local do aparecimento com o mesmo sentido; neste segundo caso, ou uma pessoa considerada de mais conhecimentos religiosos é chamada ou então os próprios donos da casa. Missas também são rezadas em pagamento a graças alcançadas no Culto das Almas.

As sessões espíritas são realizadas pelos seguidores de Kardec ou ainda a pedido de pessoas de outras religiões. Há uma confiança muito grande nos espíritas com estas finalidades. Moça espírita informou-nos que se pode fazer uma sessão na qual a alma penada é invocada, pergunta-se o que ela deseja e, se for possível atender-se o pedido, será satisfeita. Porém, atendendo ou não ao que a alma deseja, ela será "doutrinada", ou seja, lhe será mostrado que ela não é mais deste mundo e que está, com suas manifestações, prejudicando pessoas que muitas vezes são seus parentes. Há muitos casos de sessões de doutrinação para as almas de pessoas que deixaram viúvo ou viúva e que com a sua aproximação (que nem sempre é vista e, neste caso, chamada "encosto") prejudica seriamente o ex-esposo ou a ex-esposa.

Espíritas igualmente usam orações "de momento" com a mesma finalidade, geralmente no local da visagem.

Os umbandistas agem de maneira semelhante aos espíritas, recomendando também o uso de "banhos" e defumações especiais, que funcionam como exorcismo. Dá-se preferência à procura de umbandistas para as visagens de "encantados" ou as que designamos como mitológico-assombradoras. Para estas, são também procuradas as "experientes", pessoas que são um misto de católicas, umbandistas, espíritas e conhecem o uso de ervas medicinais, servindo ainda de parteiras.

Aspectos econômicos

Já vimos que o Culto das Almas provoca um razoável comércio de venda de velas e outros artefatos de cera, flores naturais e artificiais, orações etc. Mas, além disto, as visagens e assombrações provocam, igualmente, fatos de natureza econômica. Se uma empregada doméstica entender que uma casa é mal-assombrada, ela não ficará ali nem pelo dobro do ordenado, por mais necessitada que esteja. E espalhará a notícia, de tal forma que, naquela casa, dificilmente entrará outra empregada, criando-se, assim, dois tipos de problema: primeiro, para a própria empregada, que fica sem o emprego;

segundo, para a família, que, se não morar em casa própria, acabará por se mudar.

Mas não é só com empregadas domésticas. Em firmas comerciais ou industriais o mesmo acontece. O senhor Alfredo relatou-nos que em sua fábrica — uma grande empresa para as dimensões de Belém — o vigia afirmou, assustado, ter visto uma visagem; cinco dias depois saía, apesar de precisar do emprego. O mesmo ocorreu com os seus sucessores, já todos sabedores que a empresa era mal-assombrada. E com isto criou-se o problema para o senhor Alfredo, que, apesar do desemprego em Belém, não conseguia um vigia para sua firma. E também para os pretendentes ao emprego, que eram obrigados a largá-lo porque eram perseguidos por visagens e assombrações.

Conclusões

Brancos portugueses, negros africanos e indígenas nativos tinham, ao tempo da conquista e colonização, suas próprias crenças no que diz respeito à existência da alma e suas manifestações; o indígena, a par desta crença, acreditava também na existência de seres fantásticos, duendes das selvas e das águas. O processo de formação da atual população amazônica provocou reformulações nas crenças originais, que se encontram mais perto de suas origens no interior, cuja maior parte da população é cabocla, diminuindo na capital pela sua posição geo-econômica, que tem, como consequência, maior intercâmbio cultural com centros mais adiantados. Contudo, mesmo em Belém, traços culturais vivos de tais crenças se fazem sentir, reavivados mais ainda pela contínua vinda de interioranos para a capital, donde podemos concluir:

1. **Existência da crença:** Persiste em Belém a crença em visagens, assombrações e aparições ou almas milagrosas.
2. **Classificação:** Tais fenômenos podem ser agrupados em: visagens mitológico-assombradoras, de encantados, romanesco-eróticas, filantrópicas (aparições) e almas penadas.
3. **Diferenciação Social (Centro):** A população de classes média e alta, ligada a cultos kardecistas e umbandistas, crê em visagens e almas miraculosas, além do poder de certas plantas "curadas".
4. **Diferenciação Social (Subúrbio):** A população proletária e de origem interiorana mantém a crença nos seres mitológicos, como Lobisomens e Matintas Pereras, que envolvem transformações humanas.
5. **Sobrevivência das "Mães":** A crença em "mães" de fenômenos geográficos ou vegetais ainda subsiste, mas tende a desaparecer; a ausência de caça urbana eliminou as "mães de bichos".
6. **Encantados:** Resta apenas a tradição oral sobre "companheiros do fundo" no contexto de assombração, embora a Umbanda os mantenha em seu panteão.
7. **Expansão do Culto:** O Culto das Almas ganha novos adeptos constantemente, com milhares de pessoas visitando cemitérios às segundas-feiras.
8. **Diferenciação terminológica:** Começa-se a distinguir "visagem" (inofensiva), "assombração" (causadora de mal-estar e medo) e "aparição" (benfazeja e milagrosa).
9. **Transversalidade religiosa:** Pessoas de quase todos os credos (ressalvadas minorias específicas não estudadas) compartilham a crença no poder miraculoso das almas.
10. **Impacto Econômico:** A crença movimenta um comércio de artigos religiosos e serviços funerários (promessas), ao

mesmo tempo em que interfere no mercado de trabalho e na ocupação de imóveis considerados "mal-assombrados".

Documentário Fotográfico

Praça Frei Caetano Brandão – ou Largo da Sé, como é até hoje conhecido popularmente, é palco de visagens e assombrações (ver a história "O Homúculo do Largo da Sé"). Em primeiro plano o monumento em homenagem ao Frei que deu o nome atual da praça (uma das histórias de visagens diz que a estátua, à noite, desce de sua base e passeia pelo Largo). Ao fundo, à esquerda, antigas casas coloniais, revestidas de mosaicos portugueses; à direita, a Catedral. A Praça está localizada no Bairro da Cidade Velha, marco-origem de Belém.

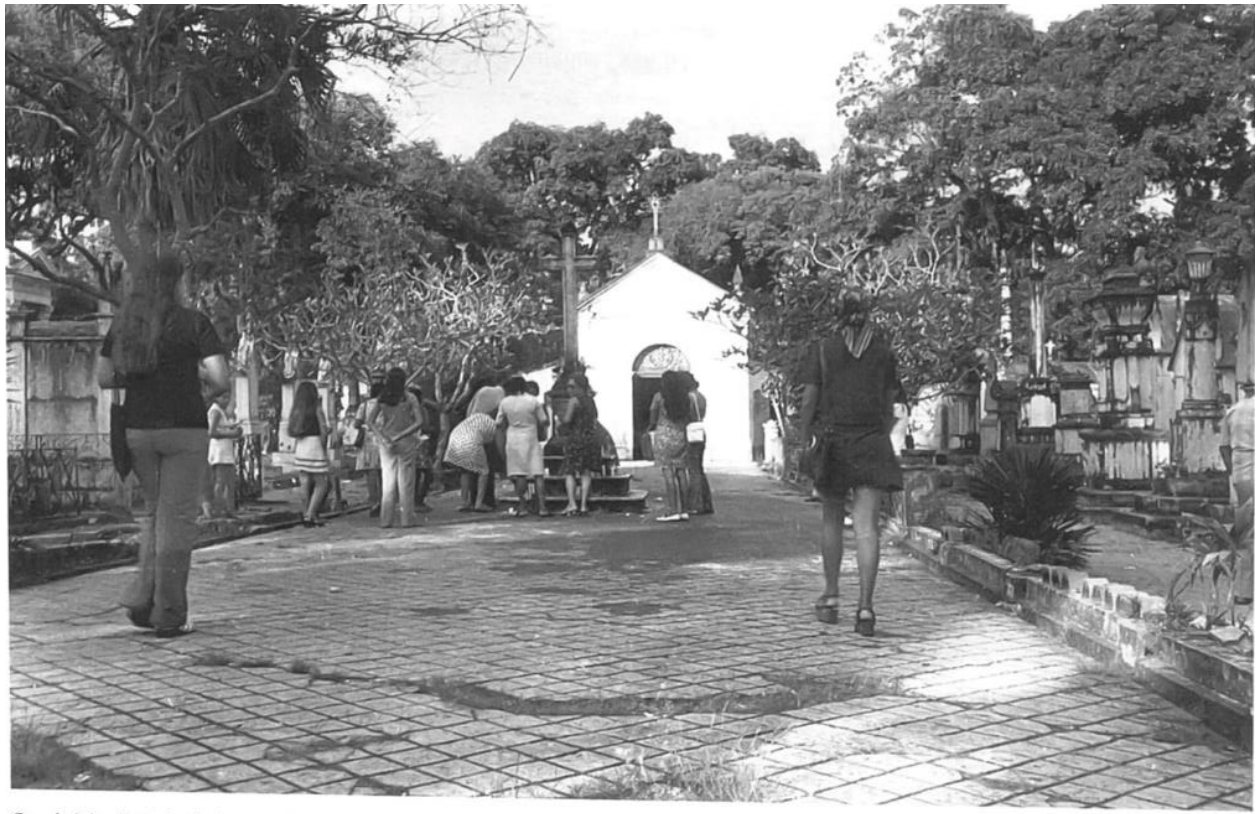
uzeiro do Telégrafo – No Bairro do Telégrafo Sem Fio destaca-se o Cruzeiro
foto acima, que é considerado assombrado. Entre outras visagens aparece
um Padre-sem-Cabeça (ver a história "O Cruzeiro do Telégrafo").

Cruzeiro da Matinha – Localizado no bairro do mesmo nome (hoje Bairro de Fátima), o Cruzeiro também é indicado, na crença popular, como lugar de visagens assombrosas.

Tajá Rio Negro – Tajá "curado" da casa da senhora Nazaré. Tem a propriedade de, quando "curado", tornar-se morada de caboclo que defende a residência e seus moradores, não permitindo que nenhum mal lhes seja feito (ver a história "Morada de Caboclo").

"Comigo-Ninguém-Pode" – Planta "curada" em frente da casa, pelo lado de dentro do muro, da senhora Nazaré. Esta aninga tem igualmente propriedades de defesa de residência e moradores.

Portão principal do Cemitério da Soledade em dia comum. Não há nenhum movimento e o Cemitério é deserto.

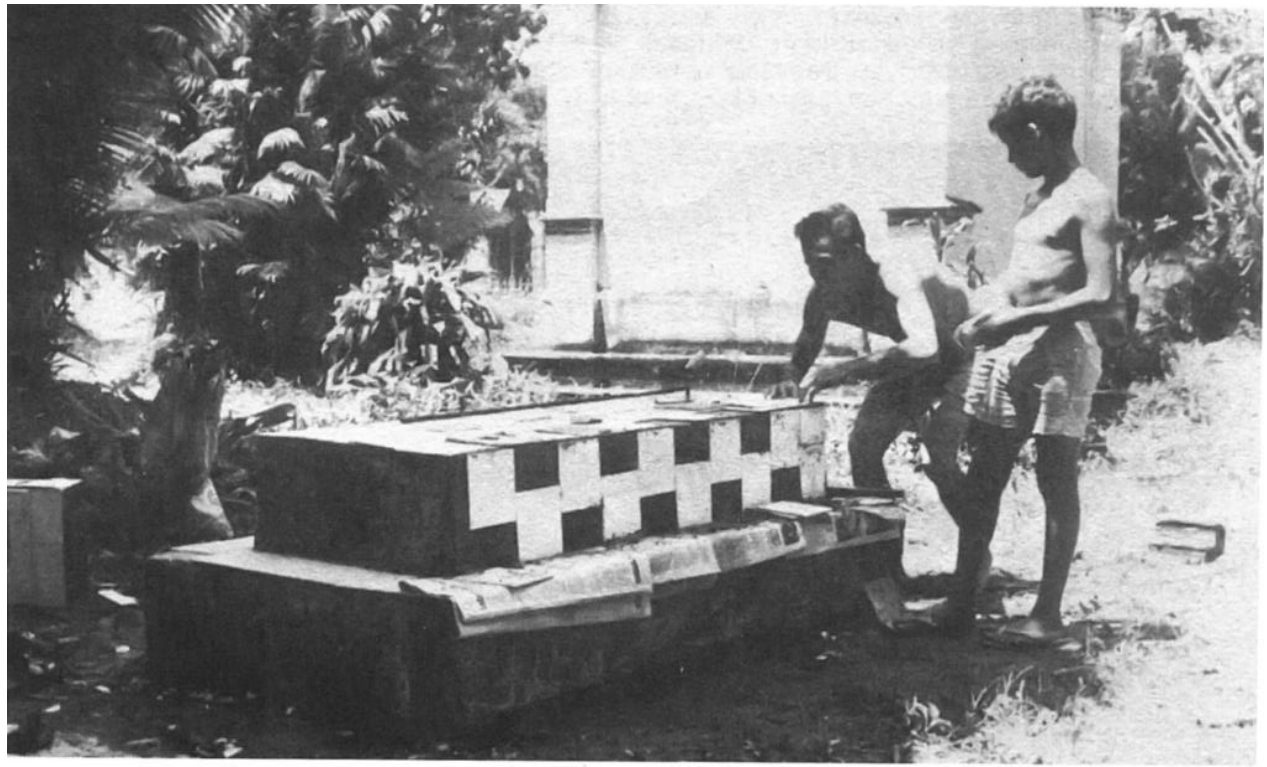


Cemitério da Soledade em dia de Culto das Almas. O Cemitério enche-se de gente da manhã até às 19 horas, quando fecha. Pela noite adentro, vê-se velas ardendo ainda. No cruzeiro do Cemitério é rezada a Oração das Almas. Ao fundo, a Capela, palco de histórias de visagens e assombrações (ver, por exemplo, "Fantasma erótico da Soledade")

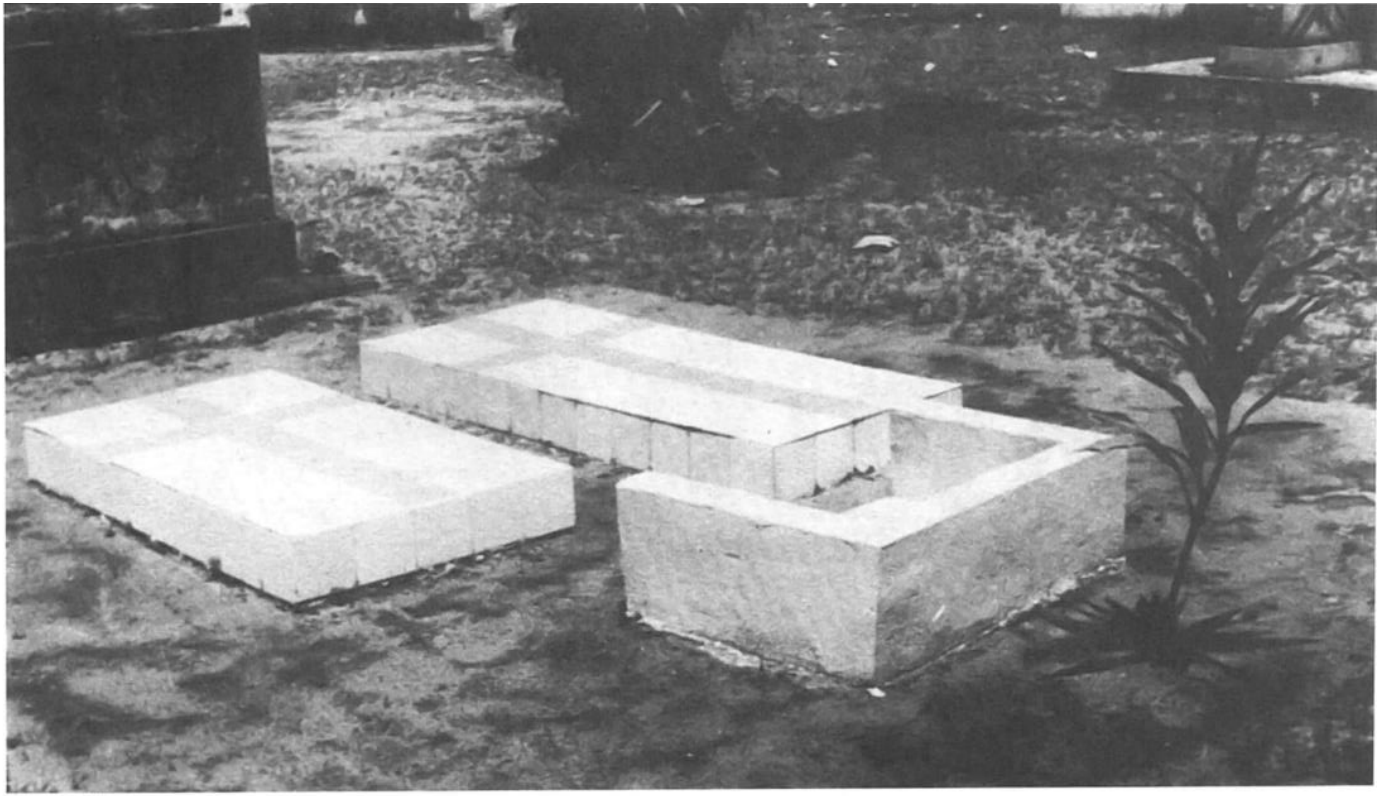
Túmulo de Raimundinha Picanço – placa de mármore por cima do túmulo. Note-se que a pessoa que fez o oferecimento mandou, depois, apagar seu nome. Circundam o túmulo numerosas placas de mármore, inclusive com a designação de Santa Raimundinha. Entre os agradecimentos de graças, vários de vestibulandos e outros estudantes.

Túmulo da Preta Domingas em dia de Culto das Almas (Cemitério da Soledade).

Túmulo de Cicero (Cemitério da Soledade). Note-se brinquedos de plásticos (carrinhos) e o boneco de cera oferecidos como pagamento por graças alcançadas.



Túmulos em reconstrução: pagamento de graça alcançada por intermédio da alma daquele que ali foi sepultado. Geralmente o ofertante` não grava seu nome e mesmo o omite; o trabalhador da foto não soube informar para quem trabalhava. Recebeu a encomenda de uma senhora que sempre o procurava no Cemitério e que nunca se identificou (Cemitério da Soledade).



Túmulos construídos em pagamento a promessa. Note-se: nenhum nome, nenhuma inscrição. Na verdade é pouco provável que mesmo o pagador da promessa saiba quem ali está sepultado, pois o precário estado em que se encontra o Cemitério da Soledade às vezes não permite distinguir nem o local de certas sepulturas. São diversos os túmulos construídos e/ou reconstruídos.

Dia do Culto das Almas (segunda-feira) – Vendedores de Orações das Almas e das dirigidas a Raimundinha Picanço, Preta Domingas e Cícero. Mais adiante, banca de vendedor de velas. (Cemitério da Soledade).

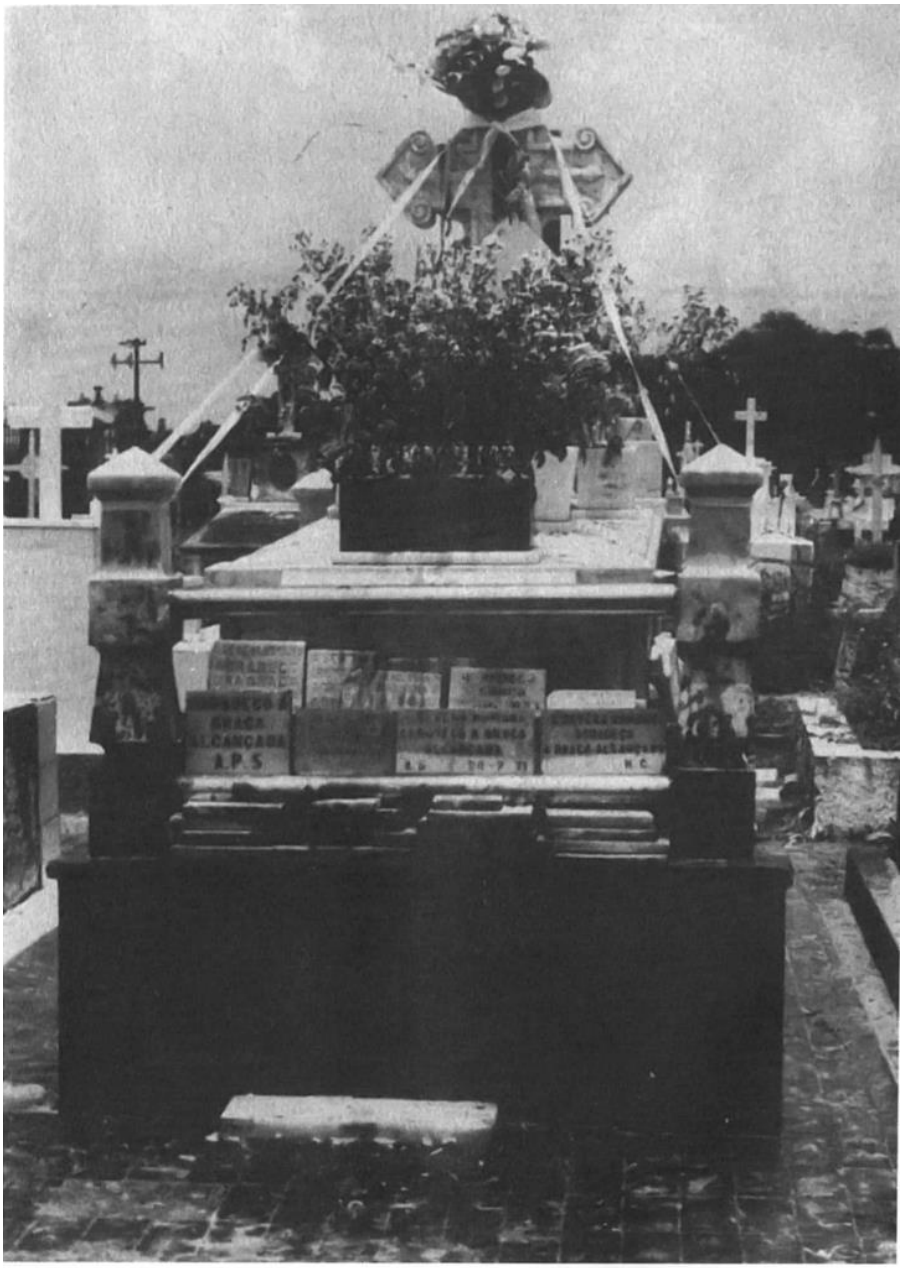
Túmulo de Josephina Conte, indicada pelo povo como sendo a "Moça do Táxi". Veja-se adiante o retrato da moça em foto maior. Josephina Conte também é cultuada às segundas-feiras. (Cemitério de Santa Izabel). Foto de Ary Souza – 1993.

Placa de mármore encontrada no túmulo de Josephina Conte. Muitas placas, idênticas, ou seja, com carro gravado ou pintado, são oferecidas por motoristas de táxi. Foto de Ary Souza – 1993.

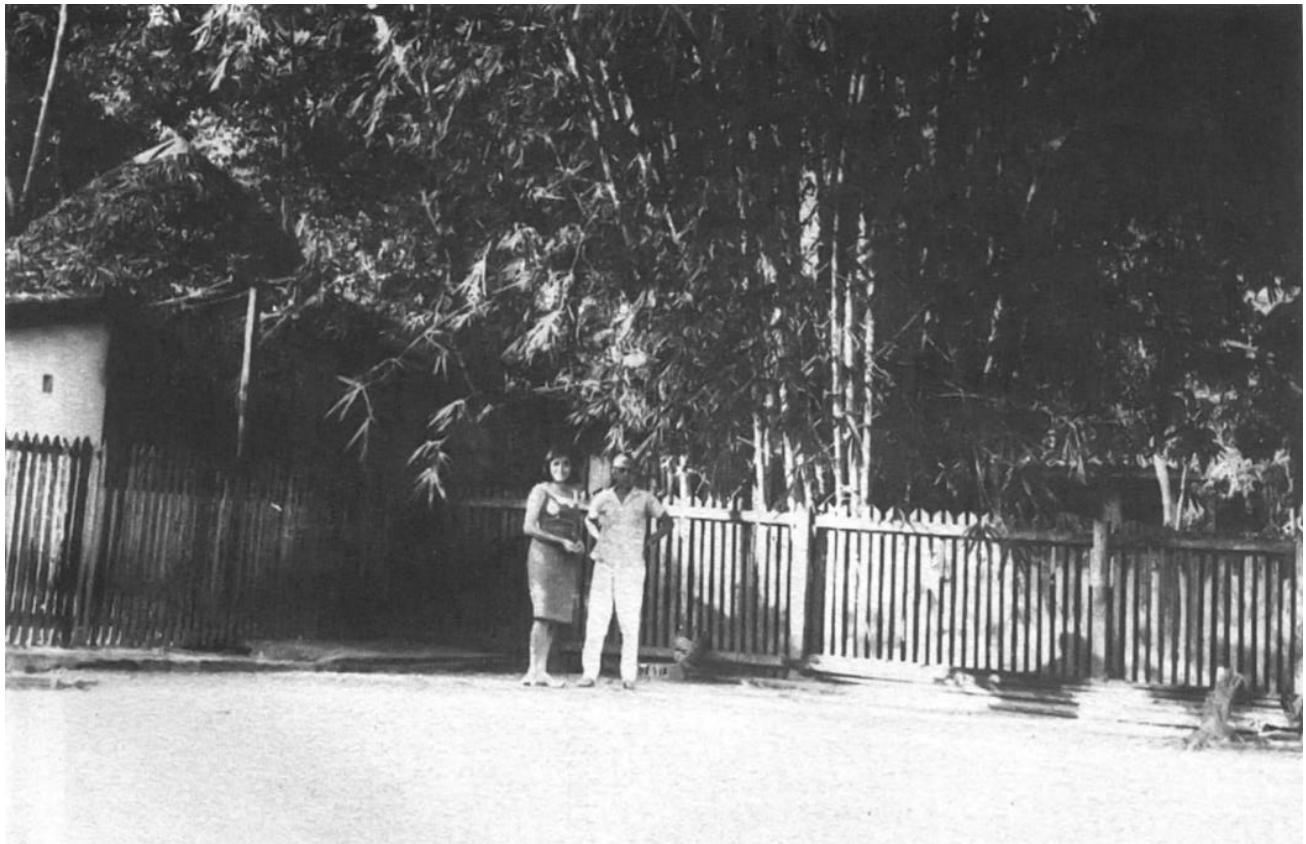
Fotografia tirada do retrato tumular de Josephina Conte, a "Moça do Táxi". Nota-se no vestido um broche em forma de carro.

Túmulo do Dr. Camilo Salgado em dia de Culto das Almas. Além dos devotos, observe-se as velas acessas. Na tabuleta de madeira, o pedido para não acender velas fora do "veleiro" (local apropriado) e não colocar flores sobre a placa. O pedido nem sempre é atendido. O médico nasceu em 22 de maio de 1874 e morreu em 02 de março de 1928. Diz a crença popular que seu espírito apareceu receitando e operando os necessitados. Dezenas e dezenas de placas de mármore agradecem graças alcançadas. (Cemitério de Santa Izabel). (Ver a história "Receitas e operações sobrenaturais").

Túmulo do Dr. Crasso Barboza. Nasceu em 10 de julho de 1886 e morreu em 06 de janeiro de 1919. Os devotos das almas atribuem-lhe muitas graças e milagres, testemunhados pelas placas de mármore em agradecimento. (Cemitério de Santa Izabel).



Túmulo de Severa Romana em dia comum. Aí também aparecem dezenas de placas de mármore agradecendo graças. (Cemitério de Santa Izabel).



Culto das Almas em Umbanda – Tabocal de Yansã – Utinga (foto cedida pelo prof. Napoleão Figueiredo).

Anexo I – Oração das almas e orações individuais

"Não esqueçais vossos mortos,
vos a quem êles tanto amam!"

MILAGROSA NOVENA EM HONRA DAS ALMAS

Visite o cemitério 9 segundas-feiras, rezando um rosário. Rezam-se dois têrços, em seguida lê-se a oração e por último o têrço restante do rosário.

Fac-símile da página da frente da Oração das Almas

NOVENA PARA PEDIR UMA GRAÇA PARÁ

RAIMUNDA PICANÇO
(Raimundinha)

RAIMUNDINHA: a teu túmulo eu venho trazer-te um ramalhete de angélicas, para te pedir uma graça, para que eu alcance esta graça se fôr permitido por DEUS.

Raimundinha: te peço pela tua PUREZA, pela tua INOCÊNCIA, pela tua HUMILDADE, por estas três grandes virtudes, eu te imploro com lágrimas nos olhos, que vás a JESUS CRISTO, pedir por mim.

(Pede-se a graça. .)
Em seguida, terminar a novena com estas palavras da oração:

Raimundinha, ouve os meus rogos pelas lágrimas de Nossa Mãe Santissima Maria.
Rezam-se 3 Pai nosso e 10 Ave Maria

São 9 Segunda-feiras

Fac-símile da Oração de Raimundinha Picanço

ORAÇÃO DA
Preta Domingas

(PARA SER REZADA NO TÚMULO)

Eis aqui a escrava do Senhor que salva a vossa Alma.

Oh! clementíssimo Jesus, que abrasais de amor pelas Almas, eu Vos suplico pela agonia do Vosso Sacratíssimo Coração e pelas dôres de Vossa Mãe Imaculada que purifiques com o Vosso Sangue a alma de nossa irmã Domingas que agora já se encontra junto a Vós.

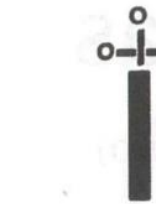
Divino Coração de Jesus eu Vos ofereço pelo Coração Imaculado de Maria, as orações e as boas obras, que em vida Ela praticou e por tôdas as suas boas intenções, Vos peço aqui junto a seu túmulo as bênçãos do Senhor para a sua alma. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Rezam-se 2 Pai Nosso e 5 Ave-Maria.

Pede-se a graça desejada.

Fac-símile da Oração da Preta Domingas

NOVENA PARA PEDIR
UMA GRAÇA PARA



CICERO

Já que te encontras ao lado dos anjinhos, que entôam os Hinos ao Senhor, venho te implorar para levares esta Prece aos pés de Jesus, e pedir que me alcances esta Graça se fôr permitido por Deus.

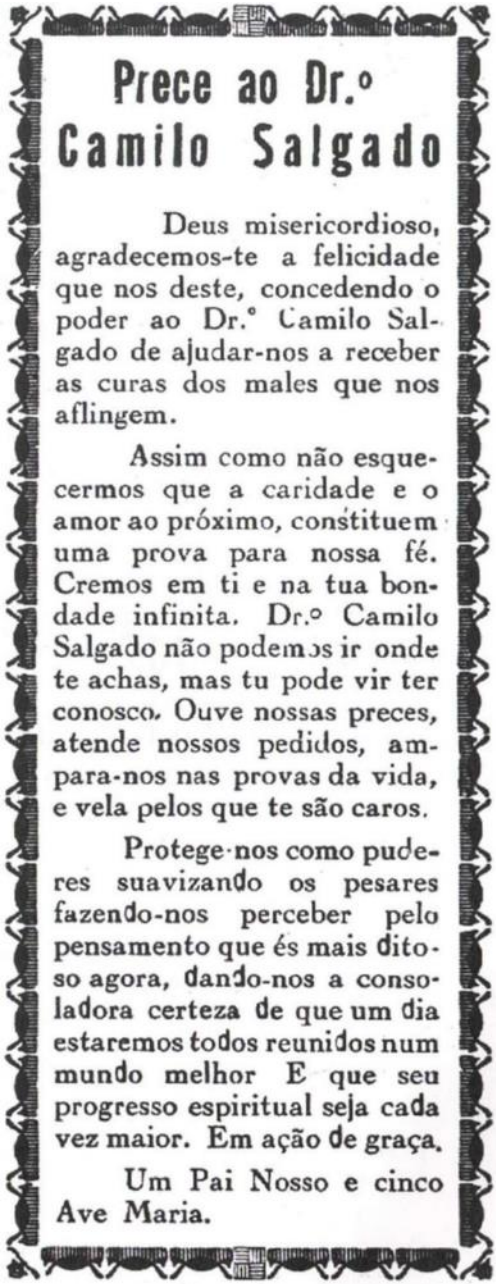
(PEDE-SE A GRAÇA)

Porque a tua alma junta a êle representa um lírio de pureza.

Reza-se 1 Padre Nosso e 9 Ave Maria

9 Segundas-Feiras

Fac-símile da Oração do Menino Cícero



Prece ao Dr.º Camilo Salgado

Deus misericordioso, agradecemos-te a felicidade que nos deste, concedendo o poder ao Dr.º Camilo Salgado de ajudar-nos a receber as curas dos males que nos aflingem.

Assim como não esquecermos que a caridade e o amor ao próximo, constituem uma prova para nossa fé. Cremos em ti e na tua bondade infinita. Dr.º Camilo Salgado não podemos ir onde te achas, mas tu pode vir ter conosco. Ouve nossas preces, atende nossos pedidos, ampara-nos nas provas da vida, e vela pelos que te são caros.

Protege-nos como puderes suavizando os pesares fazendo-nos perceber pelo pensamento que és mais ditoso agora, dando-nos a consoladora certeza de que um dia estaremos todos reunidos num mundo melhor E que seu progresso espiritual seja cada vez maior. Em ação de graça.

Um Pai Nosso e cinco Ave Maria.

Fac-símile da Prece ao Dr. Camilo Salgado

Anexo II – Notícias extraídas de jornais sobre Visagens e Assombrações em Belém

Misteriosas pedradas atemorizam conjunto residencial da COOHATUBE4

Um fato muito estranho vem ocorrendo ultimamente na rua Marabá, trecho fronteiriço à Cooperativa de Consumo e o bosque do Conjunto Residencial "Presidente Medici", no bairro da Marambaia. Dizem os moradores que almas do outro mundo estão lançando pedras — a maior tem 300 gramas — de preferência à noite, deixando todos assombrados. Ninguém consegue dormir às proximidades do conjunto residencial. Algumas pessoas já constataram as pedradas, mas ninguém sabe de onde elas vêm. Elas são preferencialmente lançadas entre a meia-noite e três horas da madrugada. Muitas versões estão surgindo, com referência a aparições de visagens no local onde está erguido o conjunto COOHATUBE, o que de certo modo apavora muitas pessoas. (Notícia extraída do jornal "A Província do Pará", de 13 e 14 de agosto de 1972).

A Província do Pará
Primeiro caderno

DOMINGO e SEGUNDA-FEIRA
13 e 14 de agosto de 1972

MISTERIOSAS PEDRADAS ATEMORIZAM CONJUNTO RESIDENCIAL DA COOHATUBE

Um fato muito estranho vem ocorrendo ultimamente na rua Marabá, trecho fronteiriço à Cooperativa de Consumo e o bosque do Conjunto Residencial "Presidente Médici", no bairro da Marambaia. Dizem os moradores que almas do outro mundo estão lançando pedras — a maior tem 300 gramas — de preferência à noite, deixando todos assombrados. Ninguém consegue dormir às proximidades do conjunto residencial.

Algumas pessoas já constataram as pedradas, mas ninguém sabe de onde elas vem. Elas são preferencialmente lançadas entre a meia noite e três horas da madrugada. Muitas versões estão surgindo, com referência a aparição de visagens no local onde está erguido o conjunto da COOHATUBE, o que de certo modo apavora muitas pessoas.

O ESTRANHO CASO

Tudo começou a partir do dia 6 do corrente. Algumas pedras foram lançadas no terreno onde está localizado o Bosque do Conjunto "Presidente Médici". De início ninguém ligou para o caso. Mas, com o passar dos dias, foi sendo observado o fenômeno, que começou a se espalhar entre os moradores.

Todos ficaram a postos, e a partir da meia-noite, desde aquele dia, eram arremessadas pequenas pedras. O fato foi constatado pelos vigilantes noturnos Edson Costa, Pedro Corrêa e José Cristino, este último chegou até a ser atingido. Também o sr. Conde (diretor-financeiro da COOHATUBE-, tenente Odyr Administrador do Conjunto residencial e outras pessoas presenciaram as pedradas.

Cêrca de 40 pedras e punhados de areia já foram jogadas em 10 pessoas sem contudo causar danos. Elas caem levemente sobre o corpo das pessoas, que inicialmente pensam que são alguns insetos. O certo é que alguns vêem grande mistério nisso tudo. Ninguém ficou mais sossegado pela redondeza. Há muito temor, e, não há cristão que se atreva a passar pelo local àquela hora.

Tudo isso fez surgirem diversas versões. O sr. Conde conta que quando o local foi comprado pela COOHATUBE, o terreno era um grande matagal. Durante a limpeza, foram encontradas ossadas humanas, mas ninguém ligou para esses aparecimentos. Alguns chegaram a supor que eram ossos de vítimas do "Monstro do Morumbi". Dizem os mais crentes que "os espíritos andantes" se habituaram com aquele local e não querem ninguém habitando o terreno. Isto é apenas uma suposição de algumas pessoas acostumadas a terreiros espíritas.

Fala-se, também, que no local aparecia um homem de mais ou menos 1 metro e 70 centímetros de altura vestido de padre. Fora visto caminhando tranquilamente pelo bosque do Conjunto Residencial "Presidente Médici". Desaparece ante à aproximação de qualquer pessoa.

Já houve alguém que sugerisse a realização de uma sessão espírita ao ar livre, para doutrinação dos espíritos que estão habitando o local. Somente com esta "mesa-branca" é que seria amenizada a situação. E a única maneira — acreditam alguns moradores — de se ver livre de tudo isto, que está causando muito mal estar entre os moradores e futuros moradores do conjunto. E não é pra menos.

VIGILANTE NADA VIU

Essa história de assombração já esta sendo espalhada por toda a Marambaia (velha). Alguns acreditam plamente. Outros ainda tem dúvida. Na noite de sexta-feira (dia do "Seu Tranca Rua"), quando a umbanda se movimenta e todos os terreiros, também, novas pedras caíram dentro da Cooperativa de Consumo, que vai ser inaugurada na quarta-feira, de dia, para ninguém se espantar. Uma das pedras caiu perto do Diretor-Financeiro. Foi aquela correria. Todos ficaram espantados e com o cabêlo arrepiado. Ninguém mais trabalhou sossegado. Foi um deus-nos-acuda.

Mas, com toda essa pedra jogada, o vigilante Pedro Correia, do Cemitério de São Jorge, próximo do conjunto, parece não acreditar muito na história. E conta que trabalha há mais de quatro anos no cemitério, e nunca viu nada de anormal durante o seu turno de trabalho, à noite. E tinha muitas razões para acreditar no aparecimento das pedras misteriosas.

As pedras são vistas por qualquer pessoa que se disponha e tenha coragem de permanecer no local entre meia-noite e três horas da madrugada.

Outro que testemunhou para a reportagem o lançamento das pedras misteriosas.

José Cristino conta como jogam areia e pedras.

O Estranho caso

Tudo começou a partir do dia 6 do corrente. Algumas pedras foram lançadas no terreno onde está localizado o Bosque do Conjunto "Presidente Medici". De início ninguém ligou para o caso. Mas, com o passar dos dias, foi sendo observado o fenômeno, que começou a se espalhar entre os moradores. Todos ficaram a postos, e a partir da meia-noite, desde aquele dia, eram arremessadas pequenas pedras. O fato foi constatado pelos vigilantes noturnos Edson Costa, Pedro Corrêa e José Cristino, este último chegou a ser atingido. Também o sr. Conde (diretor-financeiro da COOHATUBE), tenente Odyr, administrador do Conjunto residencial e outras pessoas presenciaram as pedradas.

Cerca de 40 pedras e punhados de areia já foram jogadas em 10 pessoas, sem contudo causar danos. Elas caem levemente sobre o corpo das pessoas, que inicialmente pensam que são alguns insetos. O certo é que alguns vêem grande mistério nisso tudo. Ninguém ficou mais sossegado pela redondeza. Há muito temor, e, não há cristão que se atreva a passar pelo local àquela hora. Tudo isso fez surgirem diversas versões. O sr. Conde conta que quando o local foi comprado pela COOHATUBE, o terreno era um grande matagal. Durante a limpeza, foram encontradas ossadas humanas, mas ninguém ligou para esses aparecimentos. Alguns chegaram a supor que eram ossos de vítimas do "Monstro do Morumbi". Dizem os mais crentes que "os espíritos andantes" se habituaram com aquele local e "não querem ninguém habitando o terreno". Isto é apenas uma suposição de algumas pessoas acostumadas a terreiros espíritas.

Fala-se também, que no local aparecia um homem de mais ou menos 1,70m de altura vestido de padre. Fora visto caminhando tranqüilamente pelo bosque do Conjunto Residencial "Presidente Medici". Desaparece ante a aproximação de qualquer pessoa. Já houve alguém que sugerisse a realização de uma sessão espírita, ao ar livre, para doutrinação dos espíritos que estão habitando o local. Somente com essa "mesa-branca" é que seria amenizada a situação. É a única maneira — acreditam alguns moradores — de se ver livre de tudo isto, que está causando muito mal-estar entre os moradores e futuros moradores do conjunto. E não é para menos.

Vigilante nada viu

Esta história de assombração já está sendo espalhada por toda a Marambaia (velha). Alguns acreditam piamente. Outros ainda têm dúvida. Na noite de sexta-feira (dia de "Seu Tranca Rua"), quando a umbanda se movimenta em todos os terreiros, também, novas pedras caíram dentro da Cooperativa de Consumo, que vai ser inaugurada na quarta-feira, de dia, para ninguém se espantar. Uma das pedras caiu perto do Diretor-Financeiro. Foi aquela correria. Todos ficaram espantados e o cabelo arrepiado. Ninguém mais trabalhou sossegado. Foi um deus-nos-acuda.

Mas, com toda essa pedra jogada, o vigilante Pedro Correia, do Cemitério São Jorge, próximo do conjunto, parece não acreditar muito na história. E conta que trabalha há mais de quatro anos no cemitério, e nunca viu nada de anormal durante o seu turno de trabalho, à noite. E tinha muitas razões para acreditar no apareceimento das pedras misteriosas. As pedras são vistas por qualquer pessoa que se disponha e tenha coragem de permanecer no local entre meia-noite e três horas da madrugada.

Alma penada avisou "Maria Pongá" sobre a morte do ex-amante[5]

Maria Carla Ferreira da Costa finalmente ontem prestou depoimento na Primeira Delegacia, sobre os incidentes que teve com seu ex-amante Júlio Pereira de Andrade, que culminou com a morte deste com uma facada na região umbilical. "Maria Pongá", como é conhecida, mostrava-se muito tranqüila e falando um pouco na gíria de maconheiro. Ao contar que por volta das 23:30 horas se encontrava na avenida Alcindo Cacela esquina com a Padre Eutíquio, encostada em um automóvel, surgiu seu ex-amante Júlio, conhecido por "Gato Peito de Moça", que estava do outro lado da rua. "Senti que era o dia dele. Se fosse o meu, ele tinha me mandado em frente", disse, explicando que o ex-amante estava com o propósito de lhe matar. (Notícia extraída do jornal "A Província do Pará", de 10 e 11 de setembro de 1972).

Agressão e revide

Ao encontrar "Maria Pongá" na Alcindo Cacela esquina da Padre Eutíquio, próximo do Bar do Nequinha, Júlio passou a espancar a ex-amante, não lhe dando chance de defesa. Maria ainda pediu para que Júlio não lhe batesse e a certa altura se lembrou que tinha uma faca pequena na cintura — ela sempre andou armada, disse — e sacou com a mão esquerda (é canhota) e deu apenas uma facada à altura do umbigo. Depois seguiu em direção da Condor e no caminho jogou a faca em um capinzal. Homiziou-se em casa e disse que soube da morte de "Gato Peito de Moça" através de uma visão que lhe disse "quem mata carrega o morto nas costas". Contou que foi presa por dois soldados da polícia Militar quando passava pelo local do crime. Foi levada para o Distrito Policial da Cremação e de lá removida para a Central de Polícia, ficando à disposição da Delegacia de Homicídios.

"Maria Pongá" prestou depoimento na base da giria. A polícia teve que traduzir.

ALMA PENADA AVISOU "MARIA PONGÁ" SOBRE A MORTE DO EX-AMANTE

Maria Carla Ferreira da Costa finalmente ontem prestou depoimento na Primeira Delegacia, sobre os incidentes que teve com seu ex-amante Júlio Pereira de Andrade, que culminou com a morte deste com uma facada na região umbilical. "Maria Pongá", como é conhecida, mostrava-se muito tranquila e falando um pouco na giria de maconheiro.

Ao contar que [illegible]r volta das 23,30 horas se encontrava na avenida Alcindo Cacela esquina da Padre Eutiquio, encostada em um automóvel, surgiu seu ex-amante Júlio, conhecido por "Gato Peito de Moça", que estava do outro **lado da rua. "Senti que era o dia dele. Se fosse o meu, ele tinha me mandado em frente"**, disse, explicando que o ex-amante estava com o propósito de lhe matar.

AGRESSÃO E REVIDE

Ao encontrar "Maria Pongá" na Alcindo Cacela esquina da Padre Eutiquio, próximo do Bar do Nequinha, Júlio passou a espancar a ex-amante, não lhe dando chance de defesa. Maria ainda pediu para que Júlio não lhe batesse e a certa altura se lembrou que tinha uma faca pequena na cintura — ela sempre andou armada, disse — e sacou com a mão esquerda (é canhota) e deu apenas uma facada à altura do umbigo. Depois seguiu em direção da Condor e no caminho jogou a faca em um capinzal.

Homiziou-se em casa e disse que soube da morte de "Gato Peito de Moça" através de **uma visão que lhe d[illegible]se "quem mata carrega o morto nas costas". Contou que foi presa** por dois soldados da Polícia Militar quando passava pelo local do crime. **Foi levada para** o Distrito Policial da Cremação e de lá removida para a Central de Polícia, ficando à disposição da Delegacia de Homicídios.

Bibliografia

Referências bibliográficas segundo ordem de citação no texto

1. CRUZ, Ernesto. História do Pará. Belém: UFPA, 1963. 2v. (Coleção Amazônica, Série José Veríssimo).
2. HURLEY, Jorge. Belém do Pará sob domínio português, 1616 a 1823. Belém: Gráficas da Livraria Clássica, 1940.
3. MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. São Luís: DASP, Serviço de Documentação, 1960.
4. REIS, Arthur Cezar Ferreira. Síntese de História do Pará. Belém: [s.n.], 1942.
5. BENCHIMOL, Samuel. Estrutura geo-social e econômica da Amazônia. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966. (Série Euclides da Cunha, 5).
6. MONTEIRO, Walcyr. Três anos de incentivos fiscais Estaduais no Pará. Belém: IDESR 1972, (Monografia, 10).
7. Fundação IBGE. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 1971.
8. FUNDAÇÃO IBGE. Departamento de Censos. Sinopse preliminar do Censo demográfico - VIII Recenseamento Geral do Brasil. Rio de Janeiro, 1970.
9. BORRAJO, Ronald. Zona Industrial para Belém. A Província do Pará. Belém, 13 Fev. 1966. cad. 3, p.1.
10. CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
11. Fundação IBGE - Delegacia de Estatística no Pará - Seção de Documentação e Divulgação. Bairros do Município de Belém, segundo os limites e a população recenseada. Belém, 1970.
12. VIANNA, Arthur. Ligeiras notas sobre a epidemia da febre amarela no Pará. Pará Médico. 1 (2) dez. 1900.
13. REIS, Arthur Cezar Ferreira. Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.
14. SILVA, Anaíza Vergolino e. O negro no Pará - A notícia histórica. IN: ROQUE, Carlos. Antologia da Cultura Amazônica. Belém: Amazônia, 1971. v. 6.
15. SALLES, Vicente. O negro no Pará, sob o regime de escravidão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; UFPA, 1971. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).
16. GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
17. CASCUDO, Luís da Câmara. Em memória de Stradelli. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1967.

18. FRIKEL, Protásio. Traços da doutrina Gêge e Nagôu sobre a crença na alma. São Paulo, (separata da Revista de Antropologia n ° 1, 2v. 12).
19. WAGLEY, Charles. Xamanismo Tapirapé, Boletim do Museu Nacional - Antropologia. Rio de Janeiro (3) 1943.
20. FIGUEIREDO, Napoleão, SILVA, Anaíza Vergolino e. Festa de Santo e Encantados. Belém: Academia Paraense de Letras, 1972.
21. FIGUEIREDO, Napoleão, SILVA, Anaíza Vergolino e. Alguns elementos novos para o estudo dos batuques de Belém. Belém, In: Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica v.2 - Antropologia, 1967.
22. TOCANTINS, Leandro. Santa Maria de Belém do Grão Pará. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.
23. WAGLEY, Charles. Uma Comunidade Amazônica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957
24. A Província do Pará, Edição de 13 e 14 de agosto de 1972. Misteriosas pedradas atemorizam Conjunto Residencial da COOHATUBE.
25. LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. São Paulo: USP 1970.
26. GOMES, Luiz Teixeira (Jaques Flores). Severa Romana. (A mártir popular paraense). Rio de Janeiro: Conquista, 1955.

Bibliografia complementar

AZEVEDO, Canuto. História da Amazônia. Belém: [s.n.], 1957. MELLO, Anísio (org.). Estórias e Lendas da Amazônia. 2. ed. São Paulo: EDIGRAF, 1963.

MORAES, Raymundo. Amphitheatro Amazônico. São Paulo: Melhoramento, s.d. MORAES, Raymundo. Na Planície Amazônica. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

OLIVEIRA, José Coutinho de. Folclore Amazônico. Belém: São José, 1951.

SANTIAGO, Manoel: Lendas Amazônicas. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1967.

VIVEIROS, Jerônimo de. História do Comércio do Maranhão. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954.

Notas

[←1]

Experiente - Designação usada no interior da Amazônia e subúrbios de Belém para a mulher que, não sendo médica ou enfermeira, serve de parteira ou ainda a que sabe lidar com encantados e encantamentos.

[←2]

(Nota: O leitor encontrará diferença entre a população do Distrito de Belém, quer considerando apenas a urbana, quer considerando o total, e a da soma da população dos bairros, que deveria ser igual a da população urbana. Ambos os documentos por nós manipulados, que indicamos em nossa bibliografia, são da FIBGE. Sem comentários...)

[←3]

Nota: Ver sobre o mesmo tema, porém se desenvolvendo em Belém, a reportagem Misteriosas pedradas atemorizam conjunto residencial da COOHATUBE, publicada em "A Província do Pará", edição de 13 e 14 de agosto de 1972. Ver Anexo II — Notícia I

[←4]

Notícia extraída do jornal “A Província do Pará”, de 13 e 14 de agosto de 1972.

[←5]

Notícia extraída do jornal “A Província do Pará” de 10 e 11 de setembro de 1972.